



Ilustração de André da Loba

Ana Paula Soares Rocha

Cidades Resilientes e a Estratégia da UNISDR. O CASO DA AMADORA-PORTUGAL, CIDADE REFERÊNCIA

Setembro de 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U • C •

FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ana Paula Soares Rocha

Cidades Resilientes e a Estratégia da UNISDR. O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência

Dissertação de Mestrado em Dinâmicas Sociais Riscos Naturais e Tecnológicos, na especialidade de Ciências do Risco, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Prof. Doutor José Manuel Mendes

Coimbra, 2016

Agradecimentos

Primeiramente agradeço o Prof. José Manuel Mendes que, com os seus questionamentos, sugestões e exigências frente aos desafios obrigaram-me a uma reflexão científica e pessoal da minha investigação.

Quero também agradecer ao Comandante da Proteção Civil da Amadora, o Senhor Luís Carvalho e toda a sua equipe, pela disposição e paciência, em me ajudar a perceber um pouco sobre a comunidade e o trabalho que se faz.

Aos professores do Mestrado em Dinâmicas Sociais Riscos Naturais e Tecnológicos, por todo o conhecimento repassado durante o Mestrado.

Meus colegas de curso, por todo o convívio e momentos de partilhas, em especial a Patrícia e o Antonio.

Amigos que cá fiz, Cali, obrigada amiga.

Aos meus pais, Socorro e Nilson, irmãos Rodrigo e João Victor, cunhada e sobrinha, desculpem a ausência e obrigada por entenderem as minhas escolhas.

Obrigada, papai do céu.

Pense grande - comece pequeno. São as comunidades que constroem as nações.

Prefeito Al Arquillano, San Francisco, Cebu, Filipinas. Seu Município foi co-vencedor do Prêmio 2011 da Sasakawa das Nações Unidas para Redução do Risco de Desastres.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo estudar a forma como a cidade da Amadora cumpre os critérios da campanha do Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres UNISDR, intitulado “World Disaster Reduction Campaign 2010-2011/Making Cities Resilient”, lançada no final de 2009, em Bonn, Alemanha, em que a cidade de Amadora, através da Câmara Municipal, juntou-se em agosto de 2010 com o slogan, "sempre em movimento, Amadora é resiliente". Proposto pela ONU Nações Unidas "Dez passos essenciais para a construção de cidades resilientes", e em 2012 Amadora destacou em dois os dez passos; Formação, Educação e Conscientização Pública / Recuperação e reconstrução de comunidades. Atualmente, Amadora enfatiza em oito das 10 etapas da campanha.

A conceituação de resiliência é realizada como um quadro teórico sobre algumas das estratégias de UNISDR, além do que foi feito mais corrente a nível europeu, como o projeto USCORE, também é feita uma estrutura geográfica.

No nível prático, foi elaborado um protocolo analítico de observação por meio de visitas feitas a ações locais na cidade da Amadora; mapas com as principais ações realizadas durante 2010 e 2015. Através da análise da estratégia local, para a campanha a formação de “stakeholders” e na opinião desses, obtida por meio de entrevistas, traça-se um conjunto de variáveis que proporcionam uma análise refletiva e reflexiva sobre o processo de implementação e participação na campanha da ONU. Por fim, são apresentados dados relevantes e recomendações que entende-se necessárias para a melhoria da estratégia local.

Palavras-chaves: Resiliência, Cidades resilientes, UNISDR, Amadora, Stakeholders

Abstract

This work aims to study how the city of Amadora fulfills the criteria of the campaign of the United Nations Office for Disaster Risk Reduction UNISDR, entitled "World Disaster Campaign Reduction 2010-2011 / Making Cities Resilient" launched in late 2009 in Bonn Germany, at which the city of Amadora, through the City Hall, joined in August 2010 with the slogan, "Always Moving, Amadora is Resilient" proposed by the United Nations UN "Ten steps essential for resilient city-building ", and by 2012 Amadora excelled in two of the ten steps; Training, Education and Awareness Public / Recovery and Reconstruction Communities. Currently, Amadora emphasized in eight of the 10 steps of the campaign.

A conceptualization of resilience is realized as a theoretical framework on some of the strategies of UNISDR, beyond what was done more current at European level, as USCORE project, is also made a geographical framework.

On the practical level, it developed an analytical protocol observation through visits made to local actions in the city of Amadora; maps with major campaigns during 2010 and 2015. Through analysis of the local strategy for the campaign the formation of "stakeholders" in the opinion of those, obtained through interviews, outlines a set of variables that provide a reflective analysis and reflective about the process of implementation and participation in the UN campaign. Finally, relevant data and recommendations defined as necessary to improve the local strategy are presented.

Key words: Resilience, Resilient Cities, UNISDR, Amadora, Stakeholders.

Lista de Siglas

AEMET - Agencia Estatal de Meteorologia da Espanha

AMLN - Área Metropolitana de Lisboa Norte

ANPC - Autoridade Nacional de Proteção Civil

CARRI - Community and Regional Resilience Institute

CERCIAMA - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados da Amadora

CM - Câmara Municipal

CVC - Cruz Vermelha Portuguesa

EIRD - Estratégia Internacional para a Redução de Desastres

IBM - International Business Machines Corporation

IMP - Instituto de Meteorologia de Portugal

INE - Instituto Nacional de Estatística

LGSAT- Ferramenta de Auto Avaliação do Governo Local

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PMA – Posto Médico Avançado

PMDFCI – Plano Municipal de Defesa a Floresta Contra Incêndio

RRD - Redução do Risco de Desastre

SCORECARD - Disaster Resilience Scorecard for Cities

SIMAS - Serviços Intermunicipalizados de Água e Saneamento

SMPC - Serviço Municipal de Proteção Civil

UNISDR - Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres

U-SCORE - Projeto Suportado pela Comissão Europeia

Índice de gráfico

Gráfico 1: Estrutura etária da população residente da Amadora (Fonte: I.N.E., 2011 Informações com base Divisão de Informação Geográfica do Município de Amadora)	23
Gráfico 2: História, conhecimento da campanha, início e participação (Fonte: Elaboração própria).....	49
Gráfico 3: Ligação com a comunidade. (Fonte: Elaboração própria).....	51
Gráfico 4: Riscos de desastres. (Fonte: Elaboração própria).....	53
Gráfico 5: Objetivo da campanha (Fonte: Elaboração própria).....	55
Gráfico 6: Entidades certificadoras e critérios de certificação (Fonte: Elaboração própria).....	57
Gráfico 7: Perspectiva de mudança, antes e pós-campanha (Fonte: Elaboração própria) ...	58
Gráfico 8: Scorecard e ferramenta de auto avaliação (Fonte: Elaboração própria).....	61
Gráfico 9: Público alvo (Fonte: Elaboração própria).....	61
Gráfico 10: Restante da comunidade (Fonte: Elaboração própria).....	62
Gráfico 11: Critérios, ações definidas e prioritárias (Fonte: Elaboração própria).....	63
Gráfico 12: Local das ações (Fonte: Elaboração própria)	64
Gráfico 13: Atividade em concreto (Fonte: Elaboração própria)	65
Gráfico 14: Orçamento (Fonte: Elaboração própria)	66
Gráfico 15: Atores da Resiliência (Fonte: Elaboração própria)	68
Gráfico 16: Publicação na internet, visita in loco e órgão regulamentador (Fonte: Elaboração própria).....	69
Gráfico 17: Amadora cidade referência (Fonte: Elaboração própria)	71
Gráfico 18: Avaliação da eficácia (Fonte: Elaboração própria)	73
Gráfico 19: Prestígio à câmara (Fonte: Elaboração própria)	74
Gráfico 20: Estrutura junto a outros órgãos. (Fonte: Elaboração própria)	75
Gráfico 21: Estratégia e impacto na gestão do risco (Fonte: Elaboração própria)	76
Gráfico 22: Meios de comunicação (Fonte: Elaboração própria).....	77
Gráfico 23: Prazos de operacionalização (Fonte: Elaboração própria)	78
Gráfico 24: Mudanças recentes (Fonte: Elaboração própria)	79
Gráfico 25: Programação futura (Fonte: Elaboração própria)	80
Gráfico 26: Comunidade resiliente à desastre (Fonte: Elaboração própria).....	81

Gráfico 27: Contribuição (Fonte: Elaboração própria)..... 82

Índice de Figuras

Figura 1: Pirâmide da Campanha Local Fonte: Câmara Municipal da Amadora..... 17

Figura 2: Enquadramento Geográfico do concelho da Amadora (Escala 1/1000 M)..... 18

Figura 3: Mapa de Declive (Fonte: SMPC, 2015) 20

Figura 4: Mapa de aspectos climáticos (Fonte: IPMA, 2011) 21

Figura 5: Grupos de alunos com os bombeiros “Proteção Civil na Escola” (Fonte: CM-Amadora, 2016) 29

Figura 6: Grupo de alunos com os parceiros da campanha “Academia Sênior” (Fonte: CM-Amadora, 2016) 29

Figura 7: Cruz Vermelha a ensinar a crianças o “Mass-Training – Suporte Básico de Vida” (Fonte: CM-Amadora, 2016) 30

Figura 8: Atores na encenação “O Dia D, a Grande Azáfama” do CERCIAAMA (Fonte: CM-Amadora, 2016) 31

Figura 9: Atores na encenação “Não fui Eu! ” do ASSORPIM (Fonte: CM-Amadora, 2016) 31

Figura 10: Bombeiros no “Firefighters Rescue Competition”, e pessoas a ver a competição (Fonte: CM-Amadora, 2016) 32

Figura 11: Autoridades Junto ao Veículo de Comando e Comunicações (VCOC) do Serviço Municipal de Proteção Civil da Amadora SMPC (Fonte: CM-Amadora, 2016)..... 33

Figura 12: Comandante Luís Carvalho, a ministrar palestra aos alunos (Fonte: autoria própria, 2016)..... 34

Figura 13: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2010 e 2011 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC) 36

Figura 14: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2011 e 2012 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC) 37

Figura 15: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2012 e 2013 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC) 38

Figura 16: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2013 e 2014 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC) 39

Figura 17: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2014 e 2015 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC) 40

Índice

Introdução	1
CAPITULO I - Estado da Arte	5
1.1 Redução do Risco de Desastre	5
1.2 Resiliência – o termo – conceitos e características	6
1.3 As cidades resilientes – estratégia da UNISDR e seus vários documentos e guias	8
1.3.1 Cidades Resilientes	8
1.3.2 Estratégia da UNISDR e seus vários documentos e guias;	9
1.5 Cidade modelo, um novo patamar de referência.....	14
1.6 A campanha local – contexto e estratégias.....	15
CAPÍTULO II – Descrição da área de estudo e metodologia	18
2.1 O concelho da Amadora.....	18
2.2 O relevo	18
2.2.1 Aspectos climáticos.....	21
2.3 Enquadramento da População	22
2.4 Metodologia	23
2.4.1 Análise documental.....	23
2.4.2 Enquadramento geográfico	24
2.4.3 Protocolo analítico de observação.....	24
2.4.4 A técnica de entrevista	24
2.5 Perguntas de partida e hipóteses.....	26
CAPITULO III – Amadora Resiliente	28
3.1 Ações.....	28
3.1.1 Ações in loco.....	28
3.2 Mapas das ações de informação e sensibilização.....	34
3.3 Entrevistas realizadas com os stakeholders - Parceiros da Campanha Local.....	41
3.3.1Caracterização dos entrevistados.	41
3.3.2 A Aplicação da Entrevista.....	48
3.4 Análise dos Resultados das entrevistas	48
3.4.1 Origem da campanha; "Sempre em movimento, Amadora é Resiliente".	48
3.4.2 Fundamentos	54
3.4.3Impactos.....	57
3.4.4 Avaliação da Campanha.....	69

3.4.5 Desafios.....	78
3.5. Alguns dados relevantes.....	83
3.6. Recomendações.....	84
Considerações finais.....	87
Referências Bibliográficas	92
Lista de Anexos.....	97

Introdução

A presente dissertação tem como objeto de estudo a Estratégia Internacional para a Redução de Desastres da Organização das Nações Unidas (EIRD/ONU) para as cidades resilientes. Como caso de estudo, optei por indagar ao município da Amadora, em Portugal, e à própria campanha local, por ser referência na Europa da Campanha do Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNISDR).

O Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-Moon, durante o Marco de Sendai para a Redução de Risco e Catástrofe 2015-2030, disse: "Temos realizado uma revisão completa das perdas de desastres a nível nacional e é evidente que as perdas diretas de inundações, terremotos e secas têm sido subestimados em pelo menos 50%". Até agora, este século, as perdas diretas de desastres estão na faixa de 2,5 trilhões de dólares. E ainda que as "perdas econômicas de desastres estão fora de controle".¹

Como resposta ao objetivo da (EIRD/ONU), em 2010, lançou-se a Campanha "World Disaster Reduction Campaign/Making Cities Resilient 2010-2015", em português, Campanha Mundial de Redução de Desastres 2010-2015/Construindo Cidades Resilientes: Minha Cidade está se preparando 2010-2015. A qual tem os seguintes objetivos: alcançar comunidades urbanas sustentáveis resilientes, por meio de ações tomadas por governos locais, para reduzir o risco de desastres. Também, saber mais: sensibilizar os cidadãos e os governos locais sobre as opções de redução de riscos e risco urbano. Investir sabiamente: aumentar o compromisso político entre os governos nacionais e locais para serviços e projetos de infraestrutura e orçamentos para incluir aspectos de redução de risco de desastres. Construir com mais segurança: promover o planejamento urbano participativo e desenvolvimento proteger infraestruturas críticas. Como conseguir isso? A UNISDR apreendeu oportunidades para mobilizar parceiros e coordenar as atividades de sensibilização, compromisso político e técnico².

¹ UN Secretary-General warns: "Economic losses from disasters are out of control. <http://www.unisdr.org/archive/33003>. Acesso em 28/07/2016

² Documento traduzido pela SEDEC e Ministério da Integração Nacional. S/D, p. 19. Tradução de: United Nations – International Strategy for Disaster Reduction.

A campanha adquiriu uma segunda fase a partir deste ano, 2016-2020, que será dedicada à implementação. Tende a assegurar os compromissos assumidos pelos governos locais anteriormente, na primeira fase, assim como o envolvimento dos parceiros, oportunidades de investimento de cooperação, planeamento de ação local e acompanhamento dos projetos. É um meio para a realização do Quadro de Sendai e dos objetivos do Desenvolvimento Sustentável Pós-2015 (DPSs).

A campanha continuará com o compromisso generalizado por parte dos governos locais, visando assim atingir 6000 participantes em 2020. Serão padronizadas abordagens para a resiliência, tais como a lista de novos “Dez Essentials” e indicadores correspondentes, metas e processos de declaração aplicável para todas as cidades³.

Os alvos serão os parceiros do setor privado – os que têm relação com os governos locais, assim como os outros parceiros de desenvolvimento, de forma a contribuir ativamente para o desenvolvimento de produtos, serviços, ferramentas inovadoras e suportes técnicos, para solução e redução de riscos urbanos.

Acerca da temática, desenvolve-se um estudo sobre a resiliência, tendo em conta que o tipo de estratégia da UNISDR, de levar as cidades a serem resilientes, surge na resposta à gestão local das catástrofes.

No município da Amadora, têm ocorrido vários riscos ao longo dos anos, como é possível constatar no histórico de ocorrências⁴, da probabilidade e perdas provocadas, como destruição de bens, danos económicos, interrupção de serviços, poluição, perdas de vidas e traumas psicológicos. Os riscos, quando ocorrem, tornam as populações mais vulneráveis. Por esse motivo, é necessário pensar em estratégias que tornem as comunidades mais resilientes a desastres, tais como medidas de prevenção, mitigação, informação, formação e sensibilização do risco, ajudando-os a evoluir e a crescer na situação de crise.

Nesse sentido, prevê-se fazer uma análise sobre este processo. Esta será sustentada em referências internacionais, em termos da própria campanha da UNISDR, na campanha local da Amadora, assim como, na opinião dos stakeholders no processo de planeamento urbano e da análise do risco. Portanto, pode vir a contribuir para o sucesso de tornar a Amadora resiliente.

³ 2016-2020: Priority for action. <https://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/home/about>. Acesso em 19/05/2016

⁴ O histórico de ocorrências na Amadora (2000-2010) trabalha dados climáticos do município, como forma de apoiar o desenvolvimento específico e conhecimentos de riscos, nomeadamente, as fugas de gás, inundações urbanas, acidentes rodoviários, incêndios florestais e os movimentos de terra. p 15.

Desse modo, a presente tese de dissertação de Mestrado assentou-se sobre os seguintes objetivos:

- ❖ Analisar a evolução do Programa Cidades Resilientes na Amadora em nível da gestão dos riscos;
- ❖ Avaliar segundo as entrevistas com a equipe da campanha local e os stakeholders-parceiros se houve mudanças perceptíveis de 2010 a 2015;
- ❖ Construir uma análise que poderá vir a ser aplicada pelos gestores locais no decorrer dos próximos anos de campanha na cidade.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro trata da contextualização da temática e de questões como redução do risco de desastres. Faz-se necessário saber como os países lidam com esse tema dos desastres, além da Estratégia Internacional para a Redução de Risco de Desastres das Nações Unidas (EIRD) e a Campanha Construindo Cidades Resilientes. É abordado ainda a respeito da “resiliência” – o termo – conceitos e características, sua origem etimológica e várias definições provenientes de distintas áreas de pesquisa. Além de trazer também algumas críticas à campanha da UNISDR, como por exemplo, a necessidade de padrões mais claros.

É feita ainda nesse capítulo uma contextualização atual dos documentos da ONU⁵, seus quadros e ações, como o Hyogo; o lançamento da Campanha Cidades Resilientes, detalhando, dessa forma, tudo o que é proposto para que as cidades tornem-se resilientes. Dialoga-se sobre o projeto da U-SCORE, Suportado Pela Comissão Europeia, e o fato da Amadora ter participado do mesmo – uma forma de quantificar em que pé está a campanha e o feedback da Amadora para com a ferramenta. É exemplificada outra etapa da campanha da ONU, que é como tornar-se uma cidade modelo, atual ponto em que se encontra a Amadora. Por fim, é trazida a campanha do município, “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”, a importância para a investidora na campanha da ONU.

No capítulo II, surge o enquadramento geográfico e da população, como o metodológico – a pergunta de partida, as hipóteses e objetivos da dissertação e o enquadramento geográfico representado cartograficamente como o mapa da localização do concelho da Amadora. O segundo subtópico trata de suas estruturas morfológicas. Para isso, foi necessário consultar o Plano Municipal de Defesa a Floresta Contra Incêndios. Seus

⁵ Alguns dos documentos da ONU, em inglês, foram de tradução nossa.

aspectos climáticos foram verificados através de um estudo ao Atlas Ibérico, foi observado a área que abrange a Amadora, além das questões de temperatura como também das precipitações, onde para isso se recorreu a fonte de um estudo local feito no município que foi o Histórico de ocorrências do município da Amadora 2000/2010.

O terceiro subtópico diz respeito à população. A análise baseia-se numa série de publicações também locais, série Amadora XXI, que tem por base o censo de 2011 com a caracterização da população local. No quarto, é trazida a metodologia de investigação, desde a análise documental, o enquadramento geográfico e o protocolo analítico de observação usado até a técnica de entrevistas usada no capítulo III. No quinto e último momento desse capítulo, discute-se as questões de partida, que é uma pergunta principal e outras subquestões, além das hipóteses e objetivos da dissertação.

O último capítulo, o III, é destinado às questões de análise investigativa, realizadas pela pesquisadora autora desta dissertação. O primeiro subtópico é sobre a observação das ações *in loco*, ações que decorreram durante o mês de março deste mesmo ano, no qual se esteve presente durante, praticamente, todas as ações, com descrição detalhada, locais de apresentações, pessoas e entidades envolvidas. O segundo traz mapas das ações de sensibilização de todos os anos, até o presente, da campanha Amadora Resiliente, de 2010-2015, alcançando cerca de 19.620 pessoas na comunidade. O terceiro subtópico parte para as entrevistas em si, que foram realizadas com os parceiros da campanha local.

Dessa forma, procura-se aprender com esses atores sociais, que estão em diferentes entidades. Primeiramente, é realizada uma caracterização dos entrevistados. Em seguida, é organizada uma base de dados da aplicação das entrevistas que poderá ter sido aplicada em sua totalidade ou não (neste caso, na análise do conteúdo, é exemplificado o porquê de alguns tópicos não terem sido abordados em sua totalidade com alguns ou com todos os entrevistados).

Por fim, a análise do conteúdo das entrevistas acerca das respostas dos stakeholders, em que, para cada ponto, foi representado em gráfico o de maior importância e relevância nas respostas dos entrevistados. O quarto subtópico apresenta uma série de informações com o objetivo de quantificar e responder às questões investigativas, além de uma recomendação, para uma melhor estruturação da campanha na cidade de Amadora.

Por último, seguem-se as considerações finais da dissertação, com os resultados dos capítulos e as limitações metodológicas.

CAPITULO I - Estado da Arte

1.1 Redução do Risco de Desastre

Como mais da metade da população vive em cidades e centros urbanos, as concentrações urbanas determinam a rotina da sociedade do século XX (Marengo, 2015). Na escala mundial, os desastres naturais têm estado presentes no cotidiano, já que as cidades são, elas próprias, motores e geradoras de novos riscos.

David Alexander, em seu artigo sobre modelos de vulnerabilidade social e desastres, coloca o seguinte ponto-situação: a maioria dos países prefere enfrentar o problema e dar respostas aos incidentes adversos ao invés de antecipá-los. O autor ainda explica várias razões para que isso ocorra. Primeiro, afirma que o conhecimento dos perigos em escala mundial e local é considerável, tornando injustificáveis desculpas baseadas na falta de informação. Segundo, sabe-se que o número de pessoas afetadas por desastres, cerca de 280 milhões em 2010, aumentará para 375 milhões em 2015 (IFRCRCS, 2010). Terceiro, as alterações climáticas provavelmente vêm intensificar desastres meteorológicos, como as inundações e tempestades (Birkmann e von Teichaman, 2010). Por último, tem havido uma consciência gradual em círculos políticos e diplomáticos, a saber, dos custos benéficos da redução da vulnerabilidade e da redução dos riscos de desastres; esses inferem diretamente a nível econômico (2011: 9-10).

A resiliência de um sistema, comunidade ou sociedade exposta à determinada ameaça, é a capacidade de residir, absorver, adaptar-se e recuperar-se de seus efeitos frente à determinada catástrofe, em tempo hábil e eficiente, incluindo a preservação e restauração de suas estruturas e funções básicas (UNISDR, 2009).

A Estratégia Internacional para a Redução de Risco de Desastres das Nações Unidas (EIRD/ONU), a Campanha Construindo Cidades Resilientes: Minha Cidade está se preparando 2010-2015 tem sido fundamental nesses processos de redução de risco de desastres. Por ser uma campanha adotada em escala global, ou seja, muitas cidades no mundo estão a integrá-la, torna difícil aos governos ignorar essa problemática dos riscos de desastres em suas cidades.

1.2 Resiliência – o termo – conceitos e características

Em relação à palavra resiliência, vários autores remetem às origens etimológicas. Derivada da física, Douglas Paton diz que o termo é usado frequentemente como uma maneira sinônima à noção de saltar para trás, um reflexo de sua raiz latina, *resiliere*, que significa exatamente isso. A ideia implica uma capacidade de retornar a um estado anterior (2006:7) ⁶.

Sobre o estudo da resiliência, “discutindo as origens”, levando em consideração a pesquisa sobre pessoas que permanecem bem apesar das adversidades, é apresentado que há diferenças na maneira de se entender e apresentar as origens do tema e diferenças nas suas concepções de resiliência entre pesquisadores anglo-saxões e de países de línguas latinas. Pesquisadores de países de línguas latinas (incluindo os brasileiros) apontam que o termo/conceito “resiliência” teria sido tomado das ciências exatas, mais especificamente do campo da resistência dos materiais. Enquanto os pesquisadores precursores do tema, ingleses e norte-americanos, nada dizem a respeito dessa origem ⁷. Em relação às ideias adotadas, percebe-se que, de modo geral, ingleses e norte-americanos entendem a resiliência como resistência ao stress, enquanto brasileiros e estudiosos de países de línguas latinas têm uma concepção da resiliência ou como resistência ao stress, ou associada a processos de recuperação e superação de abalos emocionais causados por ele (Brandão, 2011).

O Instituto Regional de Comunidade e Resiliência CARRI, em seu artigo sobre os vários conceitos de resiliência, afirma a ideia de que “o termo resiliência foi utilizado pela primeira vez nas ciências físicas para indicar o comportamento de uma mola”⁸ (2013:2).

⁶ Ver Juliana Mendanha Brandão em seu artigo. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens, aborda que a palavra vem do latim *resilio*, *resilire*. *Resilio*, de acordo com dois dicionários latim-português seria derivada de *re* (partícula que indica retrocesso) e *salio* (saltar, pular), significando saltar para trás, voltar a saltar (2011:265). Jose A. Marengo, também fala que, a expressão, é emprestada da física, mas também serve para outras situações: como psicologia, empresas, famílias e indivíduos. (2015:40).

⁷ Assis, Pesce, & Avanci, 2006; Cyrulnik, 2001; Junqueira & Deslandes, 2003; Luthar & Zelazo, 2003; Masten, 2001; Poletto & Koller, 2006, 2008; Rutter, 1985, 1993b; Trombeta & Guzzo, 2002; Werner & Smith, 1989, 1992; Yunes, 2001, 2003, 2006.

⁸ Alexander, David, 2011, p. 11, em Modelo de Vulnerabilidade Social e Desastres, afirma que a origem da palavra resiliência, há cerca de um século, veio dos ensaios da mecânica. O autor ainda fala que um material resiliente tem uma combinação ótima de rigidez- permite resistir a força aplicada- ele se flexibiliza- o que permite absorver a força a que não consegue resistir. O seu ponto de ruptura ocorre a um nível bastante elevado de força aplicada (Avallone et al., 2007). William F. Smith, 1998, p 278-271, na terceira edição de princípios de ciência e engenharia dos materiais, diz resiliência para a física é, portanto, a capacidade de um material voltar ao seu estado normal depois de ter sofrido tensão. E mais os materiais metálicos tem um módulo de elasticidade, esse depende dos átomos do metal ou liga, conhecem alguns dos valores de determinados materiais, por exemplo, o cobre tem 110 (GPa) e o módulo de distorção é de 41,4 (GPa), todo o

A resiliência começou a ser utilizada em termos de desastres, especialmente pela comunidade de engenharia (particularmente referindo-se a infraestrutura física), em 1980, e estava relacionada com o conceito de ser capaz de absorver e de se recuperar de um evento perigoso. Desde aquela época, surgiram definições híbridas que combinam a engenharia com o ecológico ou o ecológico com o comportamental (Carri, 2013).

A CARRI, no artigo “Definition of community resilience: an analysis”, traz uma lista com vários conceitos de resiliência, que vão de diversas áreas de domínio físico, sistemas ecológicos e sociais, comunidade, resiliência social comunitária, comunidade individual, economia (2013: 3-9). Diante de todas as definições, a CARRI define aquela que reflete uma melhor resposta à resiliência das comunidades:

A resiliência da comunidade é a capacidade de antecipar o risco, limitar o impacto e recuperar rapidamente através de sobrevivência, capacidade de adaptação, evolução e crescimento em face da mudança turbulenta (2013:10, tradução nossa).

Em outras palavras, a resiliência é um atributo que faz parte da dinâmica da comunidade, o que significa que ela existe durante a vida da comunidade. Potencialmente, pode ser determinada com certeza, ou, pelo menos, detectada, como as alterações na capacidade de resistência de uma comunidade.

Na sociologia, Mendes, diz que “a Resiliência é a capacidade de recuperar a normalidade, este paradigma estrutura-se em três componentes: disposicional (aspectos culturais), cognitivo (aspectos emocionais) e ambiental (aspectos econômicos)”. Esses paradigmas, segundo o autor, assumem que a prevenção dos desastres pode não ser possível e que ocorrerão sempre acontecimentos naturais perigosos. Por outro lado, atendem aos aspectos sociais relacionados aos desastres (2015: 70-71).

Alexander sustenta que, para compreendermos os desastres no século XXI, é necessário procurar novas formas de explicação capazes de desvendar a complexidade de um meio que muda rapidamente (2011:13). Não se tem muito a fazer a respeito das teorias de 1960 e 1970, já que são ultrapassadas.

material terá um ponto de ruptura, tendo uma tensão maior do que pode sofrer ele se rompe (tensão de ruptura) ou torce (tensão de cedência).

1.3 As cidades resilientes – estratégia da UNISDR e seus vários documentos e guias

1.3.1 Cidades Resilientes

Na teoria, uma cidade resiliente terá uma maior capacidade de preparação, adaptação, antecipação, aprendizagem e de auto-organização frente aos choques extremos. Define-se uma cidade resiliente como aquela que conhece suas vulnerabilidades ambientais e sociais (Marengo, 2015). A preparação deve envolver a investigação dos perigos, a proteção das populações locais, o planejamento e a elaboração eficaz dos recursos, a prevenção dos riscos e a gestão dos incidentes (Alexander, 2011: 11), para que, antes, durante e após as catástrofes, seja possível recuperar-se rapidamente.

Resiliência, em termos de cidades, geralmente refere-se à capacidade de absorver, adaptar-se e responder às mudanças em um sistema urbano. Contudo, há quotas de resiliência com outra chave de objetivos urbanos contemporâneos, tais como sustentabilidade, governança e desenvolvimento econômico (Kevin C. Desouza, Trevor H. Flanery, 2013, p. 89)⁹.

O conhecimento dos riscos e perigos, organização a nível institucional e a comunicação, devem ser prioridade, precisam fazer parte da agenda estratégica e do planejamento local de uma cidade. É preciso criar cenários, não só no que diz respeito aos acontecimentos passados. Um cenário não é uma projeção do passado para o futuro, é, antes, uma investigação de eventuais consequências futuras, recorrendo às informações obtidas a partir de incidentes anteriores. Os perigos podem ser de algum modo antecipados, até porque são recorrentes e sazonais (Alexander, 2011).

É preciso ainda tomar medidas como forma de prevenir desastres. As comunidades resilientes são: as vilas, as cidades, os países, governo e estados, que adotam medidas antes que um determinado evento de risco ocorra e resulte em um desastre (Schwab, Anna K, 2007:17). Ao adotar estratégias de resiliência, uma cidade reduz riscos de desastres. Consequentemente, essas estratégias contribuem para a diminuição da pobreza, de mortes e de pessoas desabrigadas, o que é vital para salvar vidas.

Para auxiliar na capacidade de lidar com a mudança e incerteza, a resiliência tem substituído a vulnerabilidade, trazendo um princípio orientador no desenvolvimento do

⁹ Tompkins e Hurlston, 2012 apud Desouza e Flanery, 2013 (tradução nossa).

planejamento. Os autores ainda comentam sobre como o termo é usado, muitas vezes, em discursos políticos, relacionado à resistência, ao invés de remeter à continuidade por meio da mudança, a exemplo da Coreia do Norte, onde o regime é consideravelmente indesejado e fundamentalmente fraco, mas no discurso pode ser muito “resiliente” (Olhares fixos e Wit, 2009:4 apud Weichselgartner e Kelman, 2014).

1.3.2 Estratégia da UNISDR e seus vários documentos e guias;

Segundo o Relatório da ONU sobre sustentabilidade global de 2012, o Marco de Ação de Hyogo sobre redução de riscos de desastres é uma referência especialmente importante nos esforços para auxiliar as nações e comunidades a se tornarem mais resistentes a desastres e a enfrentar melhor os riscos que ameaçam o desenvolvimento. 97% dos amplos relatórios de perda por desastres está relacionada ao clima. Apesar do total de óbitos ter reduzido significativamente em comparação com a tendência de aumento na população, os custos econômicos têm aumentado, atingindo um número anual de mais que \$200 bilhões, com o maior custo em 2005 (o ano do Furacão Katrina) ¹⁰.

O quadro da ação de Hyogo, que foi adotado em 2005 por 168 Estados, tem como objetivo construir a resiliência das nações e comunidades até 2015¹¹, o qual prevê cinco prioridades de ação:

- ❖ Priorizar a redução de risco de desastre;
- ❖ Conhecer o risco e adotar medidas de mitigação;
- ❖ Desenvolver uma maior compreensão e conscientização;
- ❖ Reduzir o risco;
- ❖ Fortalecer a preparação em desastres, para uma resposta eficaz em todos os níveis.

Hoje, metade da população mundial vive em áreas urbanas. As populações estão migrando para cidades mais do que em qualquer outro momento da história, na esperança de

¹⁰ Povos resilientes planeta resiliente um futuro digno de escola. Relatório do painel de alto nível do secretário-geral das nações unidas sobre sustentabilidade global, 2012, p. 75.

¹¹ Documento traduzido pela SEDEC e Ministério da Integração Nacional. S/D, p. 18.

melhores oportunidades ou expulsas de áreas rurais por conta da pobreza, degradação ambiental, conflitos, enchentes ou secas¹².

A UNISDR trabalha com seus parceiros para aumentar a consciência e compromisso no tocante ao desenvolvimento sustentável, em busca de reduzir o risco de desastres. Com base em campanhas anteriores, lançou no final de 2009 em Bonn, Alemanha, uma campanha na qual a temática é o risco, o desastre e resiliência, a Campanha Internacional para a Redução do Risco de Desastre – Construindo Cidades Resilientes 2010-2015. Com base comum de padrões e ferramentas (UNISDR, 2012).

Assim sendo, tem como objetivos (Carvalho et al, 2013):

- ❖ Fortalecer, apoiar os governos locais, grupos comunitários e líderes, envolvidos no processo de gestão do risco;
- ❖ Pedir que a administração local tome medidas para reduzir a vulnerabilidade do espaço construído;
- ❖ Aumentar a conscientização dos cidadãos e dos governos ao nível da redução dos riscos urbanos;
- ❖ Dotar as diversas entidades locais com um orçamento próprio para promover atividades de redução do risco;
- ❖ Incluir a temática da redução do risco no processo de planejamento, através de sessões participativas.

A campanha propõe uma lista de passos essenciais para a construção de cidades resilientes, que podem ser implantados por prefeitos e gestores públicos locais. A lista origina-se das cinco prioridades do quadro de ação de Hyogo¹³, um instrumento chave para ações de redução de riscos de desastres. Alcançando todos, ou mesmo alguns dos Dez Passos, as cidades passarão a adotar uma postura resiliente (UNISDR, 2012)¹⁴.

¹² Documento traduzido pela SEDEC e Ministério da Integração Nacional. S/D, p. 8.

¹³ Não há mudança quanto à lista dos dez essenciais e o quadro de Hyogo, apenas uma reorganização, em que apenas dois pontos não foram adotados.

¹⁴ Como Construir Cidades Mais Resilientes. Um Guia para Gestores Públicos Locais. Diagramação: Serviço de Publicação do Estritório das Nações Unidas em Genebra (UNOG), da Divisão de Gestão de Conferências. (Adptação ao Português: María Camila García). O guia ainda trás uma série de explicações de cada passo. O por quê? O quê? E mostra alguns exemplos de como foi feito em algumas cidades.

1. Coloque em prática ações de organização e coordenação para compreender e aplicar ferramentas de redução de riscos de desastres, com base na participação de grupos de cidadãos e da sociedade civil. Construa alianças locais. Assegure que todos os departamentos compreendam o seu papel na redução de risco de desastres e preparação.

2. Atribua um orçamento para a redução de riscos de desastres e forneça incentivos para proprietários em áreas de risco, famílias de baixa renda, comunidades, empresas e setor público para investir na redução dos riscos que enfrentam.

3. Mantenha os dados sobre os riscos e vulnerabilidades atualizados. Prepare as avaliações de risco e utilize-as como base para planos de desenvolvimento urbano e tomadas de decisão. Certifique-se de que esta informação e os planos para a resiliência da sua cidade estejam prontamente disponíveis ao público e totalmente discutido com eles.

4. Invista e mantenha uma infraestrutura para redução de risco, com enfoque estrutural, como por exemplo, obras de drenagens para evitar inundações; e, conforme necessário, invista em ações de adaptação às mudanças climáticas.

5. Avalie a segurança de todas as escolas e centros de saúde e atualize tais avaliações conforme necessário.

6. Aplique e imponha regulamentos realistas compatíveis com o risco de construção e princípios de planejamento do uso do solo. Identifique áreas seguras para cidadãos de baixa renda e desenvolva a urbanização dos assentamentos informais sempre que possível.

7. Certifique-se de que programas de educação e treinamento sobre a redução de riscos de desastres estão em vigor nas escolas e comunidades.

8. Proteja os ecossistemas e barreiras naturais para mitigar inundações, tempestades e outros perigos a que sua cidade seja vulnerável. Adapte-se à mudança climática por meio da construção de boas práticas de redução de risco.

9. Instale sistemas de alerta e alarme e capacidades de gestão de emergências em seu município, e realize regularmente exercícios públicos de preparação.

10. Após qualquer desastre, assegure que as necessidades dos sobreviventes estejam no centro da reconstrução, por meio do apoio direto e por suas organizações comunitárias, de modo a projetar e ajudar a implementar ações de resposta e recuperação, incluindo a reconstrução de casas e de meios de subsistência¹⁵.

¹⁵ Dalmau, Marcos, em Cadernos Adenauer XVI (2015), Nº2, p 99-100, trás, algumas conclusões de análise do quadro. 1 São passos estruturantes e exigem um esforço significativo de se construir práticas de GL para atuar junto à sociedade, sua adesão não irá resolver problemas a curto prazo. 2 Exige a compreensão dos papéis

Diante do que foi apresentado acima, os representantes das cidades devem ter o mínimo de esclarecimentos caso queiram aderir à campanha. Além disso, devem cumprir com o que foi pré-estabelecido, já que, obviamente, apenas aderir não trará resultados frente à situação de desastres. Ao município, sem dúvida, acarretará ganhos, que podem ser constatados em médio ou longo prazo.

Algumas críticas acerca do termo, como também da própria campanha da UNISDR, foram feitas por Weichselgartner e Kelman, no artigo *Geographies of resilience: Challenges and opportunities of a descriptive concept*. Abordam a necessidade de mover resiliência pensando para frente, enfatizando processos político-sócio-estruturais, reconhecendo e agindo sobre as diferenças entre ecossistemas e sociedades, e olhando para além da racionalização num índice. A primeira razão da crítica do *checklist* a UNISDR é que ao invés de delinear os princípios para os governos locais e fornecer uma ferramenta de avaliação para a construção da resiliência, poderia fornecer claros padrões, os quais, urbanistas, promotores de cidades ou gerentes de RRC pudessem colocar em prática. Outra questão é que uma linha de base não foi realizada, porque os alvos são subjetivos.

A Ferramenta de autoavaliação do Governo Local (LGSAT) foi desenvolvida em 2011 como um mecanismo que permite aos governantes municipais medir, autoavaliar, a capacidade de resiliência local e receber respostas de seu desempenho, de forma a facilitar o entendimento de falhas e desafios na redução de risco de desastre. Como resultado, mais de 700 relatórios de autoavaliação foram entregues em 2015.

Em 2014, a ferramenta de autoavaliação do governo local (LGSAT), que tem por base os “Dez Essencial”, serviu de base para construir outra ferramenta, o SCORECARD (Disaster Resilience Scorecard), que possui os mais profundos indicadores, exigindo muitos

e dos sujeitos envolvidos na construção e no resultado destas ações construídas e que, devem ser trabalhados de forma contínua, independente de ideologia diferentes, (ou seja, mudou de GL, devem continuar com o trabalho, iniciado no GL anterior). 3 Devem ser operacionalizados por pessoas com as devidas competências técnicas. 4 Trabalhar junto com a sociedade para que o esclarecimento das situações problemas sejam entendidas e priorizadas. 5 Deve-se pensar em transparência das informações e atualização contínua das mesmas. Isso denota a necessidade de se ter estrutura física, humana e tecnológica preparada, o que custa dinheiro aos cofres públicos. 6 Priorizar problemas e adotar uma postura preventiva por parte de todos os envolvidos. 7 Ações de esclarecimento e capacitações contínuas aos envolvidos. 8 A maior responsabilidade é, do GL, esse é o elemento de referência entre as autarquias e sociedade. 9 A participação na campanha surge uma oportunidade de alinhamento entre município e proteção civil em consonância com a política nacional. 10 A estratégia é em si, uma promoção do município, uma vez que são chanceladas pela ONU e representa um marketing muito forte, perante o governo e sociedade.

detalhes locais. Foi criada em conjunto com a IBM e AECOM e em 2015 foi lançado o projeto U-SCORE, que é suportado pela comissão europeia¹⁶.

O SCORECARD destina-se a permitir que as cidades estabeleçam uma linha de base de medição do seu nível atual de resistência às catástrofes. Também identifica prioridades de investimento e ação e acompanha o seu progresso em melhorar sua resistência face à catástrofe, ou seja, com base nesse documento, é avaliada a resiliência das cidades. São critérios de avaliação:

- ❖ Investigação, incluindo a compilação baseada em evidências e comunicação de ameaças e respostas necessárias;
- ❖ Organização, incluindo a política, planeamento, coordenação e financiamento;
- ❖ Infraestrutura, incluindo infraestruturas de sistemas críticos e social e desenvolvimento adequado;
- ❖ Capacidade de resposta, incluindo o fornecimento de informações e reforço da capacidade;
- ❖ Ambiente, incluindo a manutenção e melhoria serviços ecossistêmicos;
- ❖ Recuperação, incluindo triagem, serviços de apoio e planeamento de cenários.

Cada critério de avaliação é dividido para definir o aspecto da resistência às catástrofes que estão sendo medidas, tendo por base os dez princípios essenciais. Essa medição é de 0 a 5, em que o 5 consiste na melhor prática.

Até o presente momento, o SCORECARD foi testado nas seguintes cidades (Stoke-on-Trent e Salford, no Reino Unido, e Jonkoping e Arvika, na Suécia, como Amadora em Portugal). Esses municípios já deram seu *feedback* a respeito da ferramenta. Considerando que Amadora é o objeto de estudo desta dissertação, serão apresentadas as vantagens e desvantagens sentidas pelas autoridades e responsáveis locais a respeito do SCORECARD (UNISDR, 2016). São elas:

¹⁶ 1. Na gestão de desastres, acrescenta detalhes adicionais significativos à quantificação da Ferramenta de Auto Avaliação da Governança (LGSAT) 2. Ele foi compilado com base na autoavaliação da ferramenta LGSAT e também com a IBM e AECOM, que são membros Consultivos do Grupo do Setor Privado da UNISDR (PSAG) e conta com o apoio da Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC) e de Swedish Civil Contingencies Agency (MSB).

- ❖ Vantagens: a ferramenta é útil para compreender as principais lacunas e melhorar a resiliência organizacional a nível local. As partes interessadas são acessíveis quanto à divulgação dos dados necessários para completar indicadores (discussão multi-agência e envolvimento). A cobertura da mídia social e feedback positivo de cidadãos (Facebook “AMADORA RESILIENTE” e Youtube). O envolvimento político e o compromisso em todos os processos SCORECARD, além de o processo completar a ferramenta LGSAT.
- ❖ Desvantagens: dificuldade em traduzir alguns conceitos técnicos (para o português). O questionário on-line (metodologia) usado para alguns fundamentos não era eficaz na realização dos indicadores. O envolvimento do setor privado (empresas de seguros e sistema financeiro). Escala Medida: não dispor de informação em nível de bairro, onde tem vários indicadores do SCORECARD com essas necessidades.

1.5 Cidade modelo, um novo patamar de referência

A campanha da UNISDR vem propor e diferenciar, de acordo com as boas práticas das cidades, três tipos de cidades: as Participantes, as Cidades Modelos e a Cidade Campeã.

É importante considerar que grande parte das cidades são cidades participantes. No entanto, cidades, municípios e governo local que demonstram boas práticas de inovação e Redução de Risco de Desastres (DRR) e Resiliência, podem ser nomeadas à “modelo” na Campanha (UNISDR, S/D).

A lista abaixo mostra os passos de como se inscrever para se tornar Cidade Modelo da Campanha Cidades Resilientes.

1. Passo: junte-se à campanha Cidades Resilientes.
2. Passo: revisão do processo de redução de risco e desastres utilizando os indicadores para os dez passos essenciais.
3. Passo: obter modelo.
4. Passo: enviar pedido (formulário de candidatura, motivação e carta de recomendação).

5. Passo: receber certificado de nomeação.

A Amadora já se inscreveu para concorrer à cidade modelo, recebeu o ofício com a confirmação de que é cidade modelo, faltando apenas receber o diploma. O município tem participado de vários encontros internacionais levando o nome da campanha, como também tem recebido visitas de representantes de cidades e até mesmo de pesquisadores internacionais.

1.6 A campanha local – contexto e estratégias

O município da Amadora associou-se em agosto de 2010 à campanha da UNISDR. O processo de candidatura deu-se em maio do mesmo ano, com o preenchimento de uma tabela (Tem Steps for Citys Resilience – A checklist for local governments), sendo possível avaliar o estado de resiliência no município. De acordo com dados da campanha, foi evidenciado que atendiam a 2 dos 10 pontos analisados (education programmes and training-essential 7¹⁷ /needs of the survivors are placed - essential 10)¹⁸, apresentando também alguns progressos em outros 5.

Em Portugal, existem sete cidades que participam da campanha da UNISDR: Amadora, Lisboa, Cascais, Funchal, Setúbal, Torres Vedras e Odivelas. E, recentemente Lourinhã e Santo Tirso. Espera-se que outras abracem a iniciativa.

Existem várias cidades que falharam por falta de um bom planejamento das ameaças futuras. Pensar em resiliência e na sua importância é um bom modo de introduzir, por sua vez, o conceito de planejamento das cidades, mas, acaba sempre por requerer grandes esforços (Desouza e Flanery, 2013).

Segundo o histórico de ocorrências da Amadora, entre 2000 e 2010, foram registradas mais de 138 mil ocorrências na cidade, com destaque para os acidentes

¹⁷ Furthermore, in the context of the preparation, it is worth mentioning the training and awareness-creation project for the school community, entitled "Civil Protection Club", which addresses the issues of risks that exist in Amadora (e.g., seismic risk, flood areas, etc.) and identifies the self-protection measures (essential nº 7).

¹⁸ The analysis of hazardous events has enabled various authorities to anticipate the increased risks. Regarding recovery, the population affected by natural or technological disasters is immediately provided with shelters and other living conditions (essential nº 10) through the coordination of various entities of the City Hall of Amadora (Office for Social Welfare, Department of Housing, Municipal Civil Protection Service, Fire Department of Amadora, Portuguese Red Cross).

rodoviários (5.440), incêndios urbanos (4.205) e inundações urbanas (1.686), que motivaram diversos danos econômicos e perdas humanas (2013).

Ao longo dos anos, segundo o relatório de avaliação da campanha Amadora Resiliente, o município vem sofrendo danos derivados de desastres naturais e tecnológicos. Alguns, em especial, como os provenientes das inundações urbanas, estão em uma área densamente urbanizada; além dos incêndios urbanos, industriais e florestais, movimentos de terra e acidentes rodoviários. O relatório apresenta uma série de desafios que o município de Amadora tinha em 2010, a saber:

- ❖ Uma fraca participação dos diversos stakeholders no processo de planejamento urbano e da análise do risco;
- ❖ Um impacto severo na comunidade dos diversos fenômenos meteorológicos extremos;
- ❖ A incapacidade de elaborar um levantamento e análise de todos os riscos existentes no território e construir uma cultura de segurança;
- ❖ Colocar a redução do risco de desastre na agenda do município.

Como forma de cumprir com os compromissos assumidos na campanha, veio a necessidade de juntar funcionários da Câmara da Amadora e criar um grupo de trabalho equipado multidisciplinar de sete pessoas, para preencher os desafios e implementar os princípios da cidade resiliente à escala local com o slogan da Campanha Local 2010-2015: “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”.

A campanha basicamente estruturou-se em dois passos: o primeiro foi mobilizar/convidar (termo muito usado pelos entrevistados) os stakeholders/atores da resiliência local (administração local, entidades académicas/ escolas públicas e privadas; agentes de proteção civil; organismos de apoios, entidades públicas e privadas, associações), Anexo 1, de modo a explicar os benefícios (nas entrevistas, pode-se identificar claramente a mais-valia em participar da campanha, a ex.: a concretização de planos de segurança, que antes não havia sido concluído) e compromissos diante da parceria com a campanha.

O segundo passo foi elaborar um programa de informação e sensibilização para todos os parceiros e população, como forma de aumentar a percepção do risco e transmitir os procedimentos corretos em situação de emergência. De modo concreto, a equipe da

campanha local e os parceiros vêm, ao longo do período da campanha, desenvolvendo várias e importantes publicações¹⁹. Atualmente, a campanha local 2010-2015 “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente” conta com quase 43 stakeholders (Carvalho et al., 2013). A Figura 1 mostra a estrutura da campanha local atualmente.

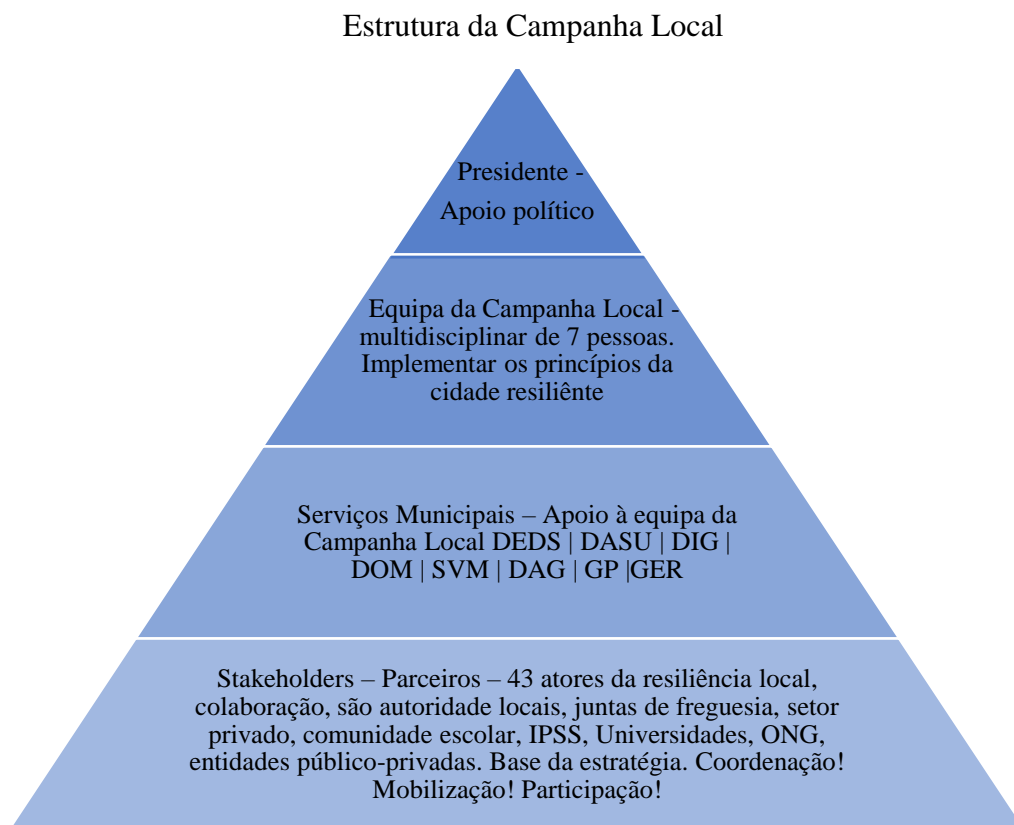


Figura 1: Pirâmide da Campanha Local Fonte: Câmara Municipal da Amadora

¹⁹ Plano Familiar de Emergência, Minuta Técnica para a Elaboração de Planos de Segurança, Fichas Pedagógicas Prevenir para Proteger, Histórico de Ocorrências no Município da Amadora 2000-2010 e Normais Climatológicas 1915-2012, panfletos informativos sobre os fenômenos meteorológicos extremos e comunicados técnico-operacionais sobre condições meteorológicas, avisos meteorológicos e alertas de proteção civil, muitas dessas publicações têm sido consultadas durante a elaboração deste trabalho.

CAPÍTULO II – Descrição da área de estudo e metodologia

2.1 O concelho da Amadora

Este concelho (Figura 2), criado em 11 de setembro de 1979, localiza-se na Área Metropolitana de Lisboa Norte (AMLN). Ocupa 23,79 km², cerca de 0,03% da área total do território português e faz fronteira com os municípios de Lisboa, Odivelas, Sintra e Oeiras. Atualmente, o município é composto por seis freguesias: Águas Livres, Alfragide, Encosta do Sol, Falagueira-Venda Nova, Mina de Água e Venteira.

Localização Geográfica

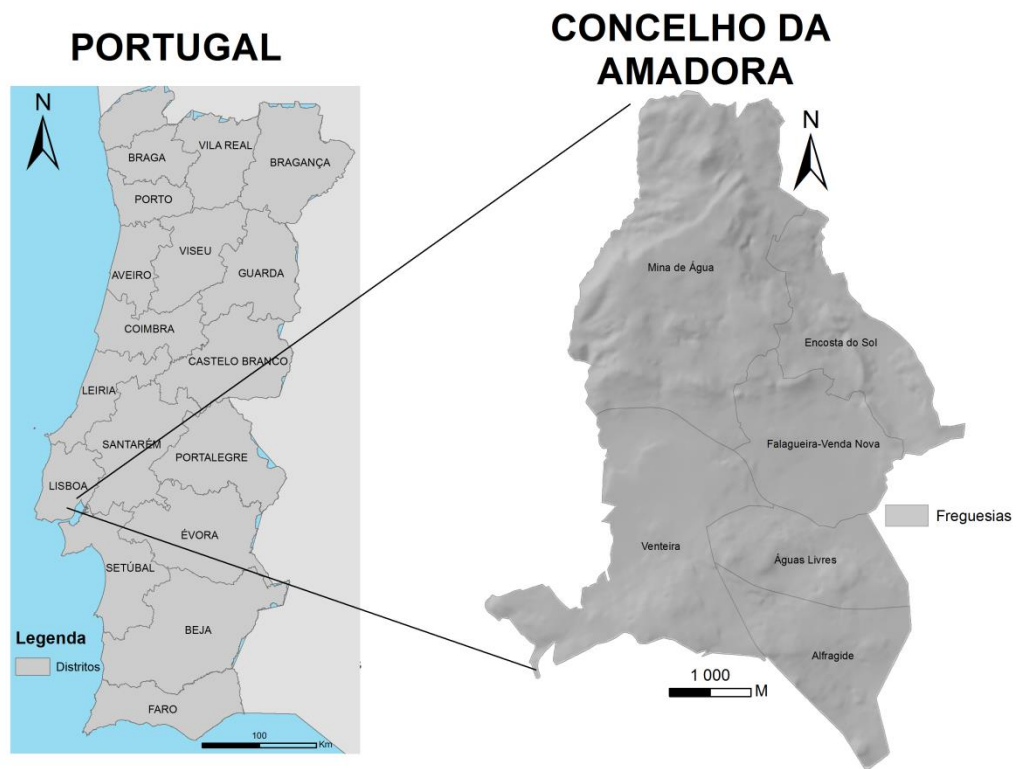


Figura 2: Enquadramento Geográfico do concelho da Amadora (Escala 1/1000 M)

2.2 O relevo

Conforme o (PMDFCI,2014), o concelho da Amadora caracteriza-se por uma estrutura morfológica peculiar (Figura 3), distinguindo-se pela demarcação de quatro unidades. A primeira, um vale aberto com corredor central, no prolongamento do Vale de Benfica, cujas altitudes variam entre 50 e 120 m. A área planáltica tem um relevo muito acidentado. Localizado a Norte do concelho, predominam declives entre os 8 e os 25%, cuja principal elevação é a Serra da Mira (altitude máxima de 270 m).

No Sul e Sudeste, encontra-se a Serra de Carnaxide, que apresenta uma elevação que atinge uma cota máxima de 220 m. Considerando a extensão do concelho, verifica-se a predominância de áreas com declive muito reduzido, conforme se pode observar no mapa de Declive do Município da Amadora.

Mapa de Declive de Vertentes do Município da Amadora

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
 Descrição da Área de Estudo e Metodologia

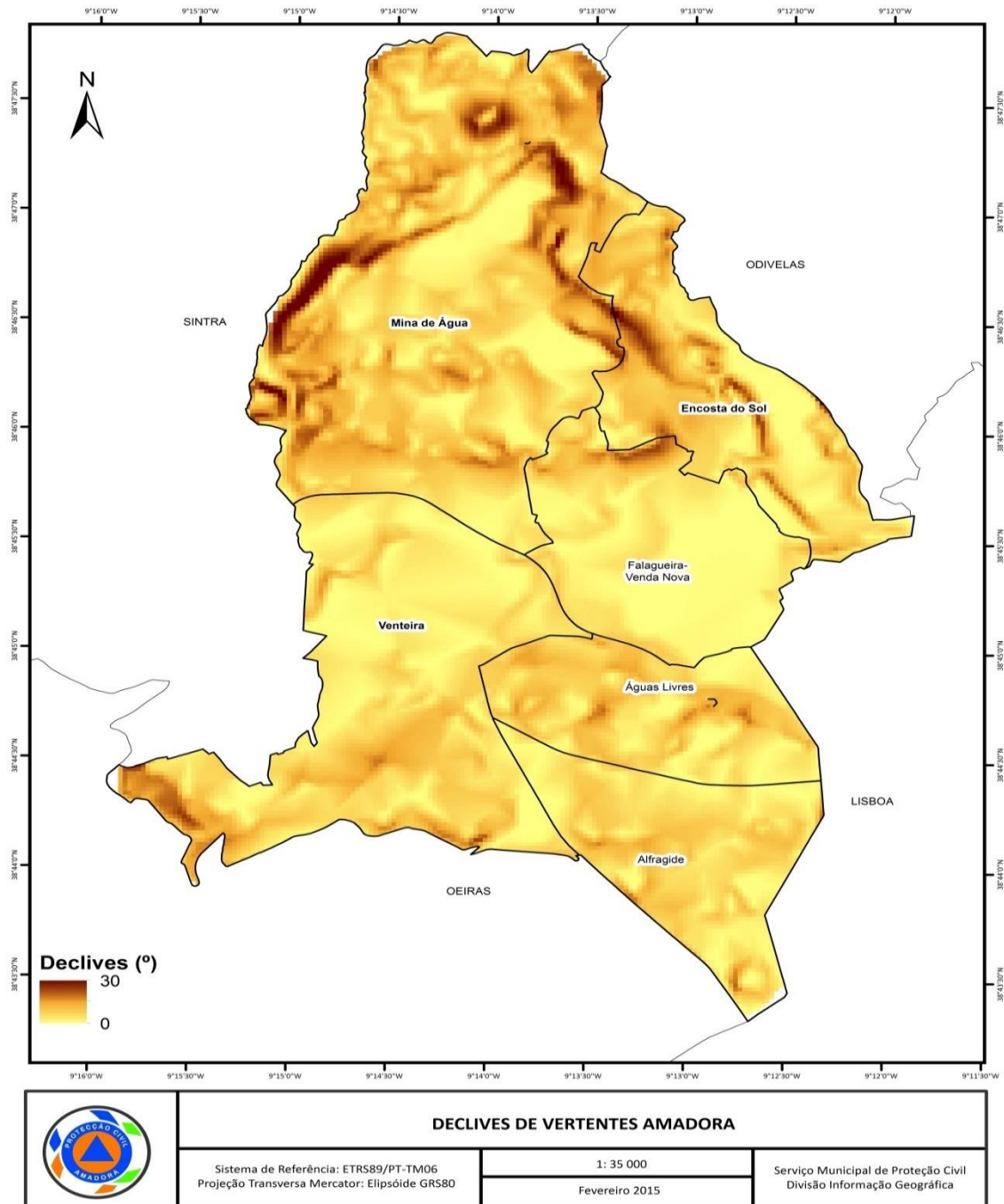


Figura 3: Mapa de Declive (Fonte: SMPC, 2015)

A rede hidrográfica da Amadora possui dois sistemas de drenagem, na qual estão os seus afluentes do Atlântico. Esses cursos de água, do tipo torrencial, apresentam, durante a maior parte do ano, um caudal reduzido, podendo mesmo chegar a ser nulo.

Os cursos de água apresentam uma alteração no seu escoamento ao longo do ano, associado às variações climáticas anuais, com verões quentes e pouco ou muito pouco chuvosos.

2.2.1 Aspectos climáticos

Quanto aos aspectos climáticos, em Portugal, de acordo com o Atlas Ibérico, elaborado por IMP & AEMET (2011), segue-se a última classificação de Köppen Geiger para a Península Ibérica. Amadora encontra-se com clima de tipo C, temperado com temperaturas, no mês mais frio, compreendidas entre 0 e 18°C. No subtipo (Cs), Seco de Verão, a temperatura média do mês mais quente é superior a 22° (Csa). E na área mais Oeste, encontra-se uma área de transição de (Csa) para (Csb), clima temperado com Verão Seco, em que a temperatura média do mês mais quente é menor ou igual a 22°; e com quatro meses ou mais com temperaturas médias superiores a 10° (Figura 4).

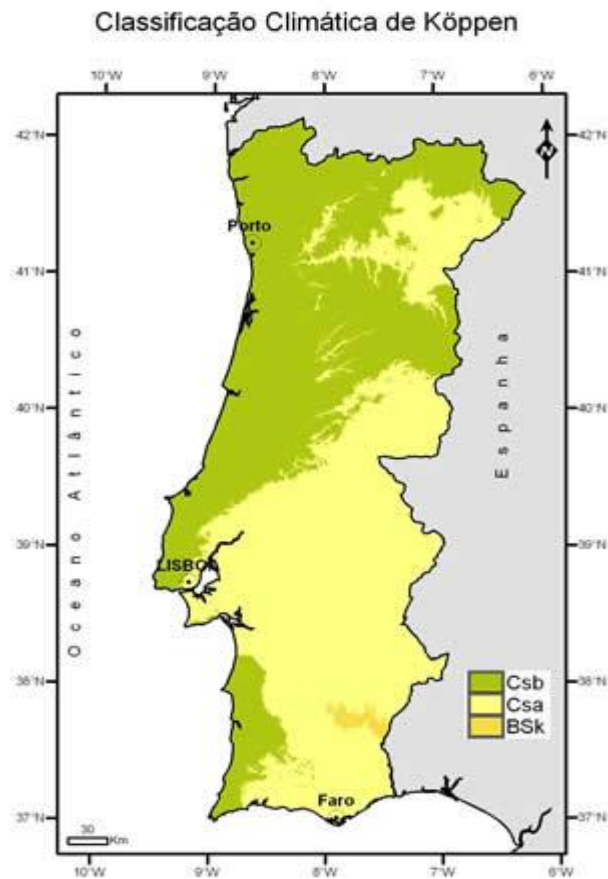


Figura 4: Mapa de aspectos climáticos (Fonte: IPMA, 2011)

Conforme Daveau, 1985, no mapa dos contrastes térmicos, na área de estudo, os invernos são moderados e apresenta temperaturas mínimas médias no mês mais frio de 4° e 6°, com verões quentes, com temperaturas médias entre 29° e 32°.

A precipitação apresentada tem como base os dados contidos no Histórico de ocorrências do município da Amadora 2000-2010/ normais climatológica da Amadora 1915-2012. Em média ao ano, regista-se cerca de 792,2 mm. Segundo os autores, o valor mais elevado de precipitação média mensal é observado em dezembro (116,7 mm), seguido por novembro (115,4 mm), e com os meses de outubro e março, são responsáveis por cerca de 77% da precipitação que ocorre no ano hidrológico. Já os meses com menores registos são julho (5,8 mm) e agosto (7,3 mm), fazendo com que os meses de junho a setembro apresentem apenas 8% da precipitação anual. E os meses de abril (71,6 mm) e maio (51,8 mm) correspondem a 14% da precipitação anual.

2.3 Enquadramento da População

O município da Amadora tem uma densidade populacional de 173,136 indivíduos; (Gráfico 1) sua área de 23,7 km² tem uma densidade populacional de 7,343 habitantes por km² (CENSOS, 2011). Podendo se justificar pela posição vizinha à capital, Lisboa, o município da Amadora se beneficia de uma localização privilegiada: uma boa rede de autocarros, acesso ao metropolitano de Lisboa (Linha azul, estação da Amadora-Este, na atual freguesia da Falagueira-Venda Nova, onde recentemente houve um prolongamento do troço Amadora-Este/ Reboleira, na freguesia de Águas Livres) e ao comboio Suburbano (estações da Amadora, Reboleira).

Pirâmide Etária do Município da Amadora

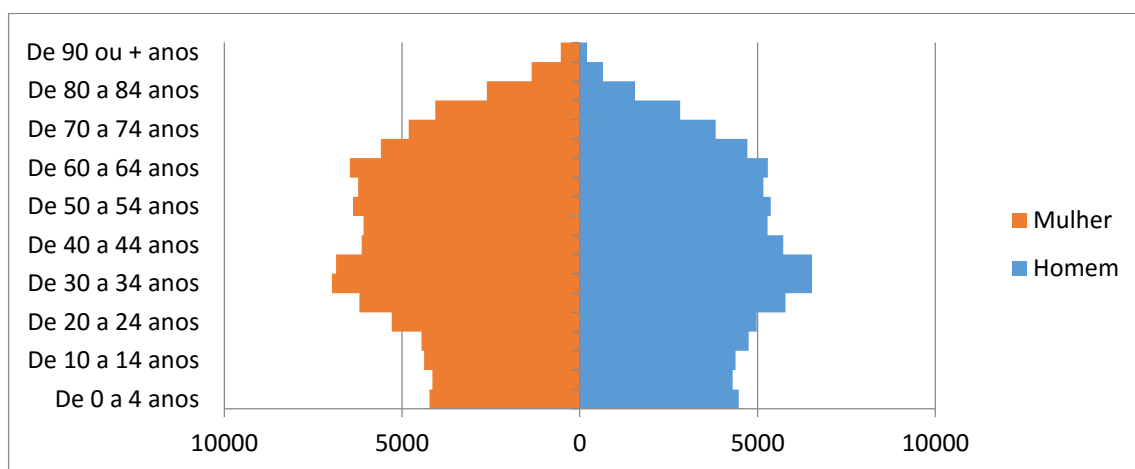


Gráfico 1: Estrutura etária da população residente da Amadora (Fonte: I.N.E., 2011, Elaboração própria com base nas Informações da Divisão de Informação Geográfica do Município de Amadora)

Quando se analisa uma pirâmide etária, é interessante identificar os grandes grupos. No município da Amadora, é distribuído da seguinte forma: jovens de 0 a 14 (14,8%), os adultos de 15 a 64 (66,5%) e a população de idosos com 65 anos ou mais (18,7%).

2.4 Metodologia

Estabelecem-se, aqui, as bases metodológicas, nas quais se assentaram este trabalho, seguidas das perguntas de partidas e hipóteses. Considerando os objetivos a alcançar com esta investigação, foram selecionados alguns instrumentos como forma de responder às questões colocadas. Como a análise documental, no primeiro capítulo e alguns dados interessantes que se encontram no terceiro, o enquadramento geográfico. No segundo e terceiro capítulos, nas ações de sensibilização, o protocolo analítico de observação e, no último, no qual detalha as ações em que estive presente e a técnica de entrevista realizada aos 12 stakeholders. Por último, diante do que foi observado, foram feitas algumas recomendações para a campanha na cidade da Amadora.

2.4.1 Análise documental

As referências internacionais sobre as cidades resilientes provêm de publicações da UNISDR, de guias para gestores e do documento elaborado pela IBM com base nos dez passos essenciais da campanha “World Disaster Reduction Campaign 2010-2011/Making Cities Resilient”.

A análise da campanha da Amadora, em números, terá como base os dados da campanha 2010-2015, quando aderiu à da UNISDR, ou seja, as ações teóricas e práticas da campanha local com base na redução de risco e desastre.

Os tipos e fontes de informação vão desde artigos, estudos, relatórios técnicos até dissertações e teses.

2.4.2 Enquadramento geográfico

A cartografia é usada para dois princípios básicos: a localização geográfica, a caracterização física do município e a elaboração de mapas com as ações de sensibilização. Esses mapas das ações são interessantes, pois situa e demonstra geograficamente onde são realizadas as ações, o levantamento documental e de bases de dados, integrado em ambiente SIG através do software da ESRI, ArcGis 10.2.

2.4.3 Protocolo analítico de observação

Mendes, em seu artigo “Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas”, refere-se ao texto de Nicolas Dodier e Isabelle Baszanger (1997). Estes últimos definem três grandes tipos de etnografia: integrativa, narrativa e combinatória. Para este trabalho, no que concerne às ações nos terrenos nos quais se participou, trata-se, da etnografia combinatória, indo para uma lógica mais pragmática. Tenta-se dar conta da dinâmica das atividades concretas das pessoas no quadro de referências normativas complexas, situacionais e não unificadas (Dodier e Baszanger, 1997:51).

2.4.4 A técnica de entrevista

Foram realizadas 12 entrevistas (sob anonimato). A amostra dirige-se a um público diversificado com base na estratégia local, levando em consideração o público participante da campanha. Procura-se, dessa forma, com uma linha de raciocínio diferenciado, analisar

ideias que conduzam a uma melhor compreensão da campanha e do (s) objetivo (s) do trabalho, como diz Bingham e Moore: “A entrevista é uma conversa com um objetivo”.

Desse modo, foram selecionados os stakeholders – atores da resiliência local, autoridades locais, juntas de freguesia, setor privado, comunidade escolar, universidades, ONGs, entidades público-privado.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de março e abril de 2016, geralmente nos respectivos locais de trabalho.

O guião da entrevista Anexo 2, foi do tipo semiestruturada, que assenta sobre os seguintes princípios: garantir que os vários participantes respondam às mesmas questões; não haver uma ordem rígida nas questões; que o desenrolar da entrevista se adapte ao entrevistado; e que permita um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões (Fonseca, 2010).

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Sobre a metodologia do processo de análise de conteúdo das entrevistas, procura-se ponderar, segundo os autores. Bardin (2009), citado por Godoy (1995) e Silva et al (2005), apresenta a utilização da análise de conteúdo em três fases fundamentais: a primeira etapa é a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Sendo assim estabelecido um esquema de trabalho, que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. A segunda fase consiste no cumprimento das decisões tomadas anteriormente, e, finalmente, na terceira, apoiando-se nos resultados brutos, busca-se torná-los significativos e válidos.

Trivinos (1987) também explica as três etapas assinaladas por Bardin, como sendo básicas no trabalho com a análise de conteúdo (Silva et al, 2005).

A pré-análise consiste na organização de todos os materiais que serão utilizados para a coleta dos dados, assim como também outros materiais que podem ajudar a entender melhor o fenómeno e fixar o que o autor define como corpus da investigação, que seria a especificação do campo que o pesquisador deve centrar a atenção.

Na descrição analítica, o material reunido que constitui o corpus da pesquisa é mais bem aprofundado, sendo orientado em princípio pelas hipóteses e pelo referencial teórico,

surgindo dessa análise quadros de referências, buscando sínteses coincidentes e divergentes ideias.

A interpretação referencial é a fase de análise propriamente dita. A reflexão, as intuições, com base em materiais empíricos, estabelecem relações com a realidade, aprofundando as conexões das ideias, chegando, se possível, à proposta básica de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais.

2.5 Perguntas de partida e hipóteses

A presente dissertação tem como base a procura de respostas para uma questão investigativa fundamental, e, assim como as subquestões que a seguem, foram levantadas em um estudo prévio. Com base no capítulo anterior e com as recomendações metodológicas deste capítulo, as perguntas:

- Como a cidade da Amadora cumpre os critérios da UN-ISDR, e quais os impactos na gestão do risco?

Subquestões:

Porque a equipe e os stakeholders (que são parcerias, e atores da resiliência local), não atingem por completo a comunidade?

Quem é a população local?

Quem são os stakeholders?

Será que os stakeholders conseguem perceber a estratégia da campanha local?

Até que ponto os stakeholders contribuem ou não com o orçamento para a RRD?

Hipóteses

H1 – A Amadora (comunidade) não tem conhecimento de que é uma cidade resiliente.

Como não tem conhecimento, tem uma baixa participação na campanha;

O material de informação não atinge o público adulto;

Os pontos de apresentação não são acessíveis à comunidade;

Os meios de comunicação da campanha não chegam à população adulta;

O prazo para a “operacionalização” dos passos na campanha não acompanha o tempo que as pessoas têm a dedicar/perceber sobre a conscientização dos riscos.

H2 - O fato da Amadora ser uma cidade resiliente não tem impacto na gestão dos riscos.

Dificuldades técnicas, humanas e carência de recursos.

H3 - Amadora Cidade Resiliente está positivamente para o grupo da população:

Sénior;

Escolar.

Os objetivos do trabalho foram mudados ao longo do percurso. Notou-se que, para além de chegar à comunidade em geral, que era um objetivo anterior, pareceu interessante trabalhar de boa forma com o que se tinha no município, no caso, as pessoas que lá estão. Para a questão investigativa, as subquestões e hipóteses serão desde:

- ❖ Analisar a evolução do Programa Cidades Resilientes na Amadora no tocante à gestão dos riscos. Para alcançar esse objetivo, a base de dados da campanha na cidade será consultada, considerando todos os dados que sejam relevantes para responder à questão, do início da campanha em 2010 até 2015;
- ❖ Avaliar segundo os Stakeholders-Parceiros se houveram mudanças perceptíveis de 2010 a 2015. Para esse objetivo, serão realizadas entrevistas com os 12 stakeholders;
- ❖ Construir uma análise, que poderá vir a ser aplicada no decorrer dos próximos anos da campanha. Para esse objetivo, será relevante ter a recolha de todos os dados anteriores, além do estudo detalhado da Campanha da UNISDR, e todos os documentos que se aplicam a ela.

CAPITULO III – Amadora Resiliente

3.1 Ações

3.1.1 Ações in loco

No mês de março, conhecido como o mês da proteção civil, a Câmara Municipal da Amadora, no âmbito da Campanha Cidades Resilientes, iniciou algumas atividades que decorreram durante o mês. Destas, a pesquisadora autora deste trabalho teve a oportunidade de participar de algumas, com o intuito de fazer uma análise de observação de como elas são desenvolvidas.

A iniciativa da proteção civil da CM da Amadora contou com os diversos stakeholders da Campanha Amadora Resiliente. Pode-se contar com a participação, a otimização, divulgação e até mesmo com o espaço físico, cedido por eles. Ou seja, em uma mesma atividade pode-se contar com vários parceiros.

Mês da proteção civil 2016 | programa

A primeira iniciativa decorreu nos dias 1 e 2 de março, das 09h00min às 17h30min, na escola EB2/3 Almeida Garret (restrito ao agrupamento de escolas Almeida Garrett) com o tema: “Proteção Civil na Escola”. Essa ação contou com ciclo de palestras/exposição, além de diversas atividades simultâneas: palestras, exposições técnico-operacionais e jogos lúdico-didáticos.

Várias entidades parceiras da Campanha Amadora Resiliente dinamizaram as atividades, como:

- Serviço Municipal de Proteção Civil;
- Academia Sénior Proteção Civil Amadora;
- Bombeiros Voluntários da Amadora,
- Policia de Segurança Pública;
- Unidade Especial de Polícia (Cinotécnia);
- Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação Local da Amadora;

- Equipa Comunitária de Resposta à Emergência (ECRE);
- SIMAS Oeiras Amadora.

Participaram das atividades cerca de 1300 alunos do JI, EB1 e EB2+3 do agrupamento de escolas de Almeida /Garrett. Houve o apoio dado pela turma 9ºE, da escola básica 2+3 Almeida Garrett, na logística e organização de todo o espaço de atividades. Verificou-se um grande empenho dos alunos em estarem atentos às atividades em cada uma das tendas, levando em consideração que eram extracurriculares e que foram desempenhadas no pátio da escola. Além de toda equipa de entidades, de modo que, terá contribuído para um aprendizado ainda mais dinamizador (Figuras 5 e 6).



Figura 5: Grupos de alunos com os bombeiros “Proteção Civil na Escola” (Fonte: CM-Amadora, 2016)



Figura 6: Grupo de alunos com os parceiros da campanha “Academia Sênior” (Fonte: CM-Amadora, 2016)

A terceira iniciativa foi em 12 de março das 10h às 18h, no centro comercial Dolce Vita Tejo, chamada “Mass-Training – Suporte Básico de Vida”. Um curso de suporte de vida, que foi promovido pela Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação Local da Amadora (CVC). A segunda iniciativa não houve participação da autora desta pesquisa.

Foi montado um Posto Médico Avançado (PMA) na praça do centro comercial (Figura 7), que contou com cerca de 300 participantes, que além do curso, efetuaram a medição da glicemia e da pressão arterial.

Todos os participantes receberam um certificado pelo curso realizado, e alguns deles eram crianças que estavam acompanhados por seus pais. Os certificados foram entregues aos filhos, entretanto, pode-se considerar que o número de participantes foi mais elevado que os de entrega de certificados. Foi possível participar e aprender sobre suporte básico de vida.

A iniciativa ainda contou com a colaboração do serviço municipal de proteção civil da Amadora.



Figura 7: Cruz Vermelha a ensinar a crianças o “Mass-Training – Suporte Básico de Vida” (Fonte: CM-Amadora, 2016)

No dia 16 de março, das 14h30min às 17h, ocorreram duas apresentações teatrais no auditório dos paços do concelho, foram “O Dia D, a Grande Azáfama”, dinamizadas pela CERCIAMA (Figura 8) e “Não fui Eu! ” pela ASSORPIM (Figura 9).

Essa iniciativa teve como objetivo sensibilizar, de forma lúdica, a comunidade do município para os diversos riscos existentes, nomeadamente, incêndios, sismos e inundações.

Contou com cerca de 150 pessoas no auditório, desde vereadores, presidentes de juntas de freguesias, outros parceiros da campanha, como a TV Amadora e ONGs. Ao final das apresentações, foram distribuídas prendas aos seus atores, como forma de valorizar o trabalho bem desempenhado por eles. Além de *coffe break*.



Figura 8: Atores na encenação “O Dia D, a Grande Azáfama” do CERCIAMA (Fonte: CM-Amadora, 2016)



Figura 9: Atores na encenação “Não fui Eu! ” do ASSORPIM (Fonte: CM-Amadora, 2016)

A penúltima iniciativa decorreu no dia 20 de março das 14h às 18h, o “Firefighters Rescue Competition” (competição de resgate de bombeiros). O local escolhido foi o centro

comercial Dolce Vita Tejo e foi promovida pelos bombeiros voluntários da Amadora em parceria com o Serviço Municipal de Proteção Civil e o Dolce Vita Tejo.

A prova foi realizada na praça central do Dolce Vita Tejo e disputada pelas seguintes corporações de bombeiros.

- Sintra – 1.º lugar = 4min: 12seg;
- Amadora – 2.º lugar = 4min: 42seg;
- Castelo Branco – 3.º lugar = 4min: 44seg;
- Oeiras – 4.º lugar = 4 min: 52seg.

Ao levar em consideração o dia e local que teve a prova, verificou-se que houve muitas pessoas assistindo à competição (Figura 10). Pode-se observar tanto os pé nas grades de proteção quanto no pátio e nas escadas, além da parte superior do centro comercial.



Figura 10: Bombeiros no “Firefighters Rescue Competition”, e pessoas a ver a competição (Fonte: CM-Amadora, 2016)

O último dia das ações aconteceu no dia 31 de março, às 15h, no paço do concelho, com a “Apresentação do Veículo de Comando e Comunicações (VCO) do Serviço Municipal de Proteção Civil da Amadora SMPC”.

Com cerimônia formal, na qual esteve presente a presidente da C M da Amadora, e o comandante operacional municipal proteção civil, que explicou em pormenor a importância do veículo, como e em que casos o mesmo iria operacionalizar.

No paço do concelho, o veículo esteve em exposição até as 17h30. Além de autoridades, curiosos, parceiros na campanha (academia Sênior, TV Amadora), todos puderam contar com uma explicação mais detalhada e operacional do veículo (Figura 11).



Figura 11: Autoridades Junto ao Veículo de Comando e Comunicações (VCO) do Serviço Municipal de Proteção Civil da Amadora SMPC (Fonte: CM-Amadora, 2016)

Além das iniciativas do mês da proteção civil, que ocorreram em conformidade à continuação das ações da Campanha Cidades Resilientes da Amadora, foi possível estar presente e observar as ações do dia 02 de abril no agrupamento da Escola Secundária Fernando Namora.

A ação teve como tema: “Ocupação Urbana V.S. Riscos”. Realizada pelo comandante Luís Carvalho, foi iniciada com as apresentações feitas pelo professor de geografia no horário de sua aula (12h – 13h25). A turma era constituída de 12 alunos, do 9º ano de economia e arquitetura.

Foi contextualizada a questão da ocupação urbana e os riscos, apresentado um vídeo do canal *Youtube*: “Biosfera-Situações Costeiras”. Ao final, foi realizada uma competição na qual a turma foi dividida em quatro grupos, com perguntas relacionadas ao contexto do município e à ação (Figura 12).



Figura 12: Comandante Luís Carvalho, a ministrar palestra aos alunos (Fonte: autoria própria, 2016)

Outra ação se deu no dia 13 de abril, das 14h às 16h. Tratou-se de uma visita de estudo dos alunos do 9º ano da escola secundária Fernando Namora (ESFN) às zonas de risco (inundações urbanas e movimentos de massa em vertente) do município.

As visitas de estudo foram promovidas pelo Serviço Municipal de Proteção Civil da Amadora e enquadram-se nos trabalhos práticos que os alunos estão desenvolvendo (identificação das zonas de riscos na Amadora) no âmbito da disciplina de Geografia.

As visitas decorreram nos pontos de inundações da Amadora, ou seja, em Ribeira da Damaia (2011), Ribeira da Falagueira (2016) e Rio da Costa (2008), dirigidas pelo comandante Luís Carvalho.

Essas ações foram dinamizadas em vários pontos, em que o principal meio de comunicação e divulgação se deu pela página do *Facebook* “Amadora Resiliente”.

3.2 Mapas das ações de informação e sensibilização

Abaixo, seguem os mapas das ações de sensibilização no município da Amadora. Essas ações têm, por base, o que está proposto no programa de informação e sensibilização para a Redução de Risco de Desastre da cidade.

Os mapas constituem-se de uma série de dados de ações realizadas no município da Amadora no âmbito da campanha. Estas foram feitas na comunidade em geral e correspondem ao número de pessoas envolvidas, como é possível observar na Figura 13,

Mapa 1, 2010/2011- 1.527 pessoas; Figura 14, Mapa 2, 2011-2012- 3.358 pessoas; Figura 15, Mapa 3, 2012-2013, 4.422 pessoas; Figura 16, Mapa 4, 2013-2014- 5.717 pessoas; Figura 17, Mapa 5, 4.596 pessoas, com soma total de 19.620 pessoas. Essas ações correspondem ao princípio essencial 7 da campanha da UNISDR para cidades resilientes (dados de estatística das ações da CM-Amadora).

Algo que seria importante representar, embora causasse alguma confusão, é a compilação de todas essas informações das ações de sensibilização em um único mapa. Porém, a complicação devido ao excesso de informação tornou inconveniente a realização desse procedimento.

Pode-se dizer que muitas das ações acontecem no mesmo local. Tal raciocínio corrobora com a análise desses dados, quando é possível observar, por exemplo, que o tamanho do território é pequeno e os locais próprios para as ações são limitados.

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

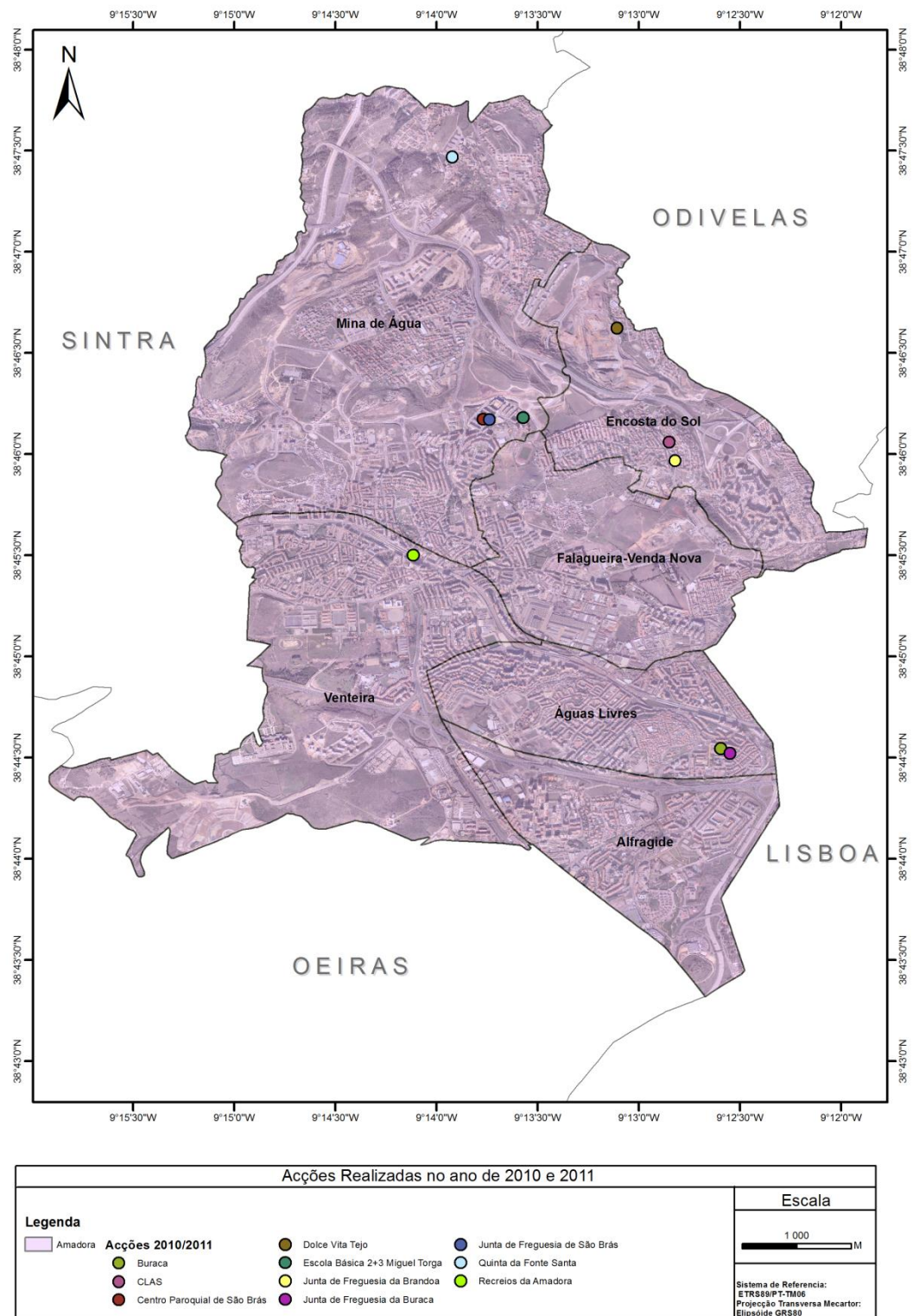


Figura 13: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2010 e 2011 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC)

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

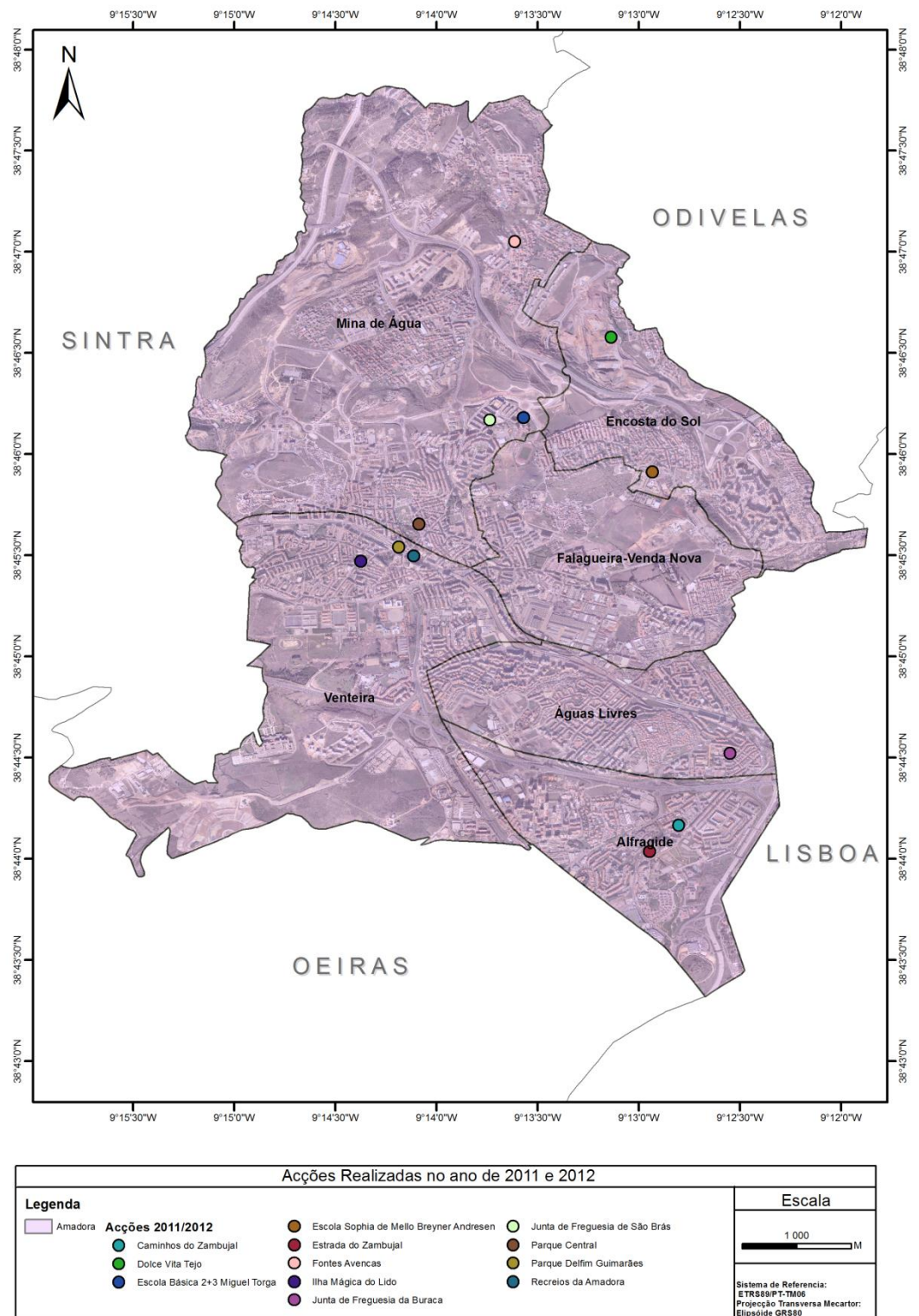


Figura 14: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2011 e 2012 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC)

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

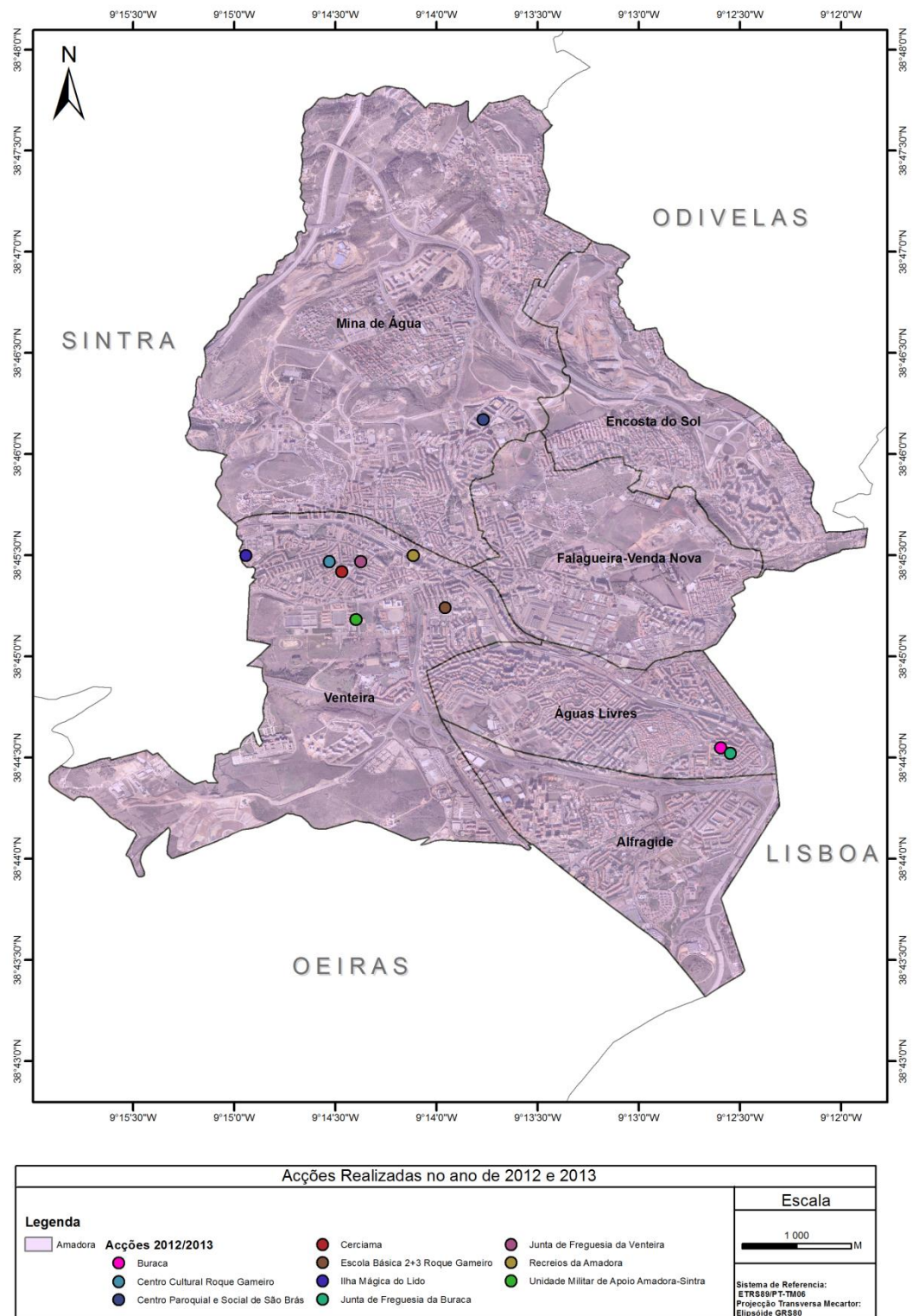


Figura 15: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2012 e 2013 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC)

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

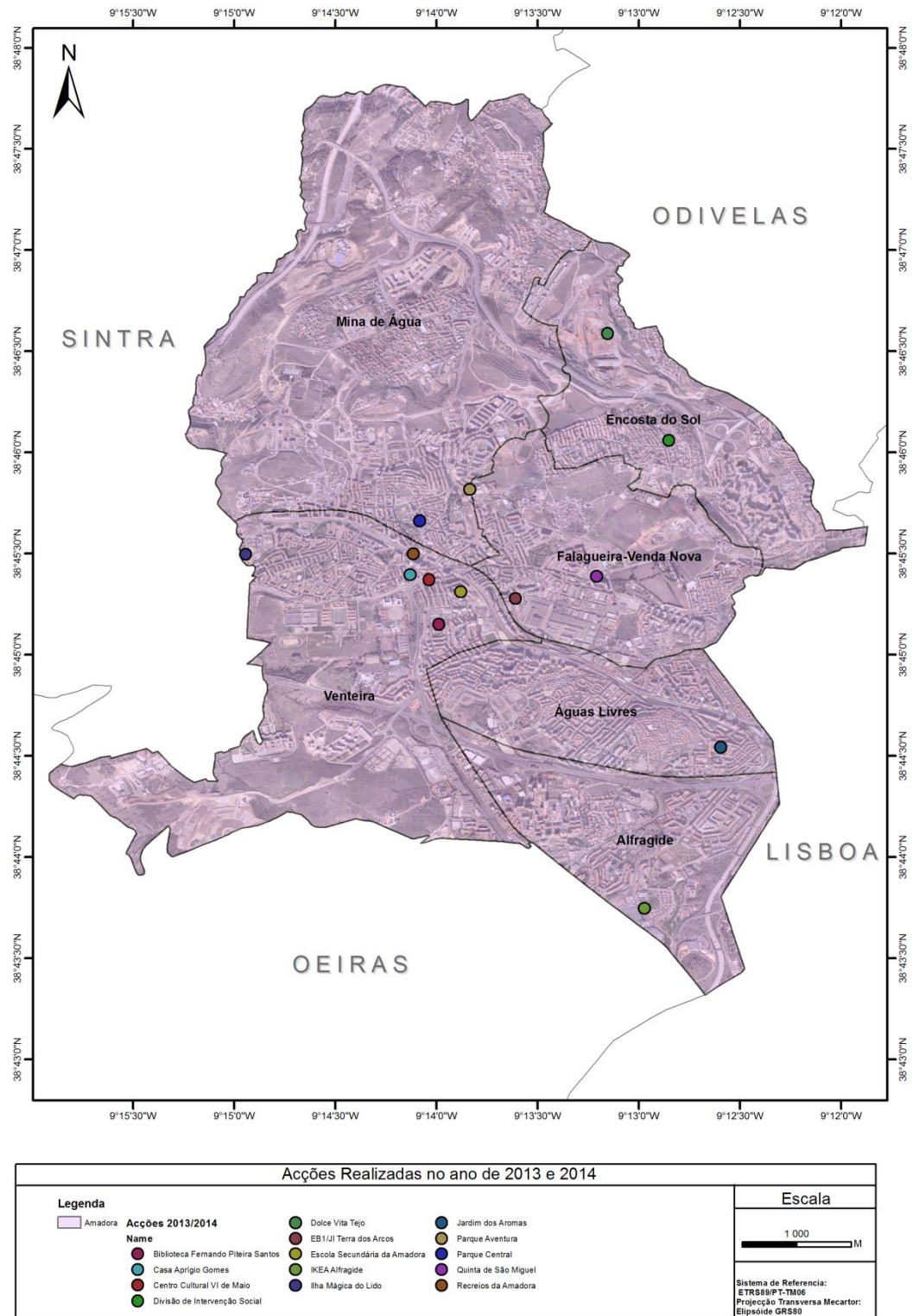


Figura 16: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2013 e 2014 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC)

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

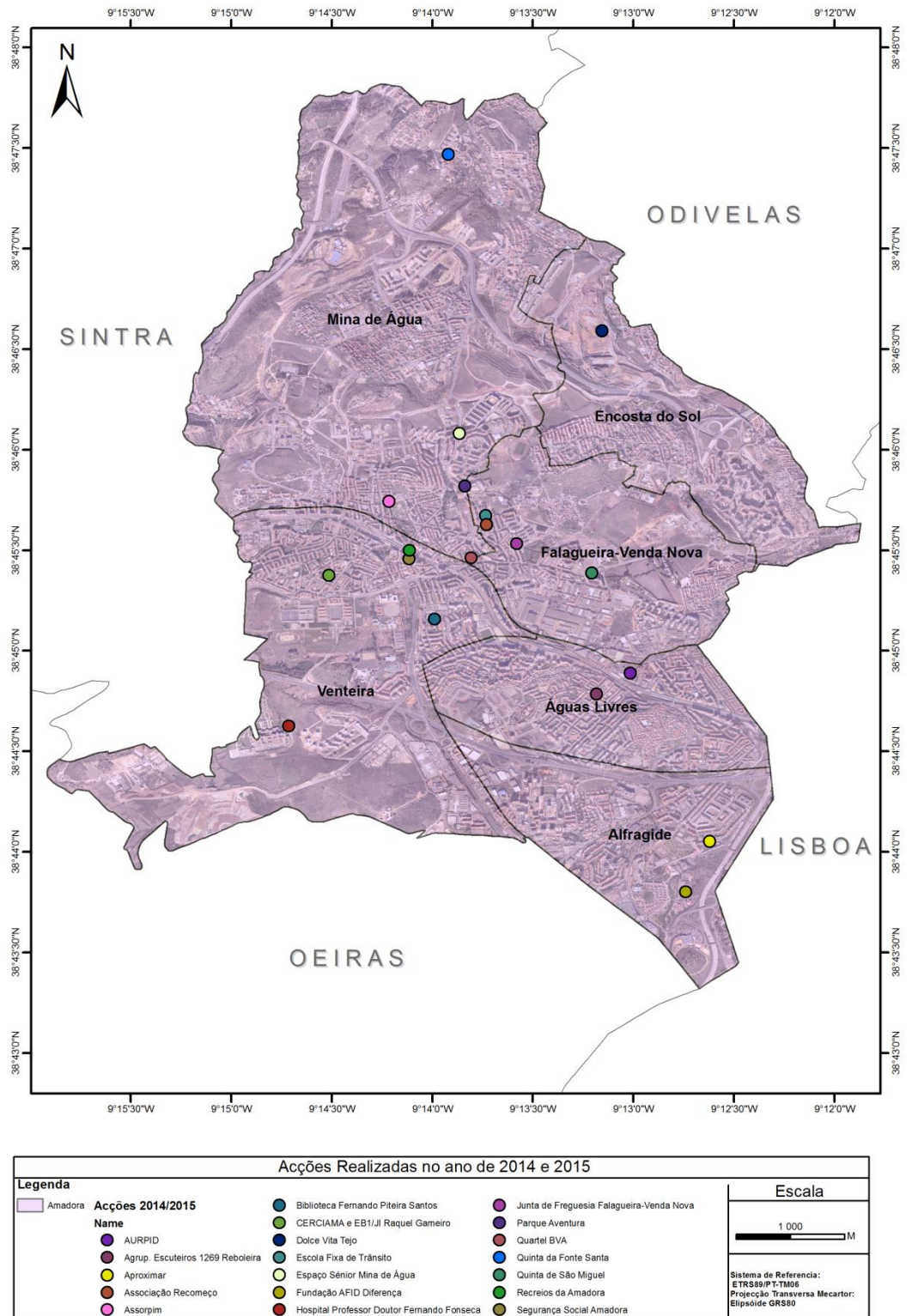


Figura 17: Mapa das ações de sensibilização nos anos de 2014 e 2015 (Fonte: Elaboração própria com base nos dados cedidos pela SMPC)

3.3 Entrevistas realizadas com os stakeholders - Parceiros da Campanha Local

3.3.1 Caracterização dos entrevistados, quadro 1.

Entrevista	Data	Local	Duração	Idade	Sexo	Naturalidade	Nível de Instrução/ Habilidades Académicas	Percurso Profissional/Local/tempo	Algumas considerações
1 Glória Moreira	09/03 /2016	Centro Social e Paroquial São Brás	29:37	39	F	Abrantes-Portugal	Licenciada em Serviço Social, Pós-graduação em Administração Social e Gestão de Instituição Particulares de Solidariedade Social-IPSS.	Sempre a trabalhar no Centro Social e Paroquial São Brás. Diretora do Centro Social e Paroquial São Brás/ no Centro Social/10 anos	A entrevista começou as horas estabelecidas, no gabinete de trabalho da Diretora. A dificuldade encontrada diz respeito ao ambiente, onde por haver crianças, teve sempre algum barulho. A entrevista decorreu em um tom cordial.
2 Ana Nunes	15/03 /2016	SFRAA- Quinta de São Miguel- Instituição da CM	24:11	39	F	Abrantes-Portugal	Psicologia Clínica	Diretora Técnica da Quinta de São Miguel- tem Quatro Respostas Sociais- Centro Dia- Apoio Domiciliar- Creche e Casa de	Estive a esperar alguns minutos para início da entrevista, fui levada a uma sala de reuniões da Quinta, a entrevistada mostrou-se

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

								Acolhimento Temporário - CAT. 10 anos	interessada em responder as questões.
3 Filipa Oliveira	15/03 /2016	Associação Unitária de Reformados e Pensionistas e Idosos da Damaia.	21:10	26	F	Porto	Educadora Social	Após a licenciatura, veio trabalhar na Associação. 5 anos	Ao chegar no local da entrevista, foi informado que a mesma não se encontrava no local marcado, tivemos que ir a um outro espaço, onde a mesma não estava, mas acabou por chegar, por conta do atraso, percebi que a entrevistada corria ao responder as perguntas.
4 Marco Pereira	16/03 /2016	Estaleiro Municipal	21:26	34	M	Portugal	Cursar Doutoramento, Geografia, Climatologista e Estatística.	Climatologia e estatística. Consultor/Docente Consultor/ Freelance/ Várias entidades/10 anos	A entrevista correu nas horas marcadas, onde o entrevistado encontrava-se no local marcado, ambiente e sala do Comandante da Proteção Civil da Amadora, considero a entrevista descontraída onde foi levantado questões bem técnicas, mas também uma

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

									sensibilização a ideia da campanha em si.
5 Natália Quaresma	16/03/2016	Estaleiro Municipal	51:55	27	F	Portugal	Geógrafa-Pós-Graduação em Gestão Territorial e Urbanismo	Empresa de Tecnologia. Empresária/Presidente da ECRE/4 anos	A entrevista começou as horas marcadas, a entrevistada se mostrou bastante interessada no assunto, empolgou-se muito a falar do seu projeto de voluntariado. Houve algumas interrupções por conta do telemóvel da entrevistada, a mesma falou da importância deste tipo de projeto e que mais trabalhos académicos como o meu deveria ser feito. Depois de terminar a entrevista pudemos ir almoçar nos estaleiros e ir assistir à apresentação do teatro no âmbito da campanha.
6 Adriana Ramos	21/03/2016	Junta de Freguesia	1.21:32	43	F	Portugal	Administração Regional e Autárquica.	Presidente da freguesia da Ventera desde 2012. Segundo mandato/ 4 anos	A primeira consideração a respeito é que a entrevistada pediu ao Comandante da Proteção civil para que eu

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

									pudesse lhe enviar o guião da entrevista, alguns dias antes da mesma ocorrer. A entrevista decorreu com um pouco de atraso onde foi convidada também a responsável pelas finanças da freguesia. A entrevista demonstrou bastante entusiasmada com a sua participação em várias ações de preparação para caso de desastres seja a nível autárquico ou pessoal.
7 Daniela Santos	22/03 /2016	ECO- Espaço.	27:14	52	F	Portugal	Mestre em Engenharia de Ambiente	Estudo de Impacto Ambiental –CM da Amadora trabalha na área de Resíduos e na área de Educação Ambiental- esteve como chefe de divisão diretora de departamento por 10 anos ECO- Espaço. Instrutora de Impacto Ambiental	A entrevista começou as horas marcada, a entrevistada respondeu todas as questões de forma direta e curta, com um tom mais frio.

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

								/Projeto de Educação Ambiental/ 27 anos	
8 Susana Fernandes	23/03/2016	Junta de Freguesia Águas-livres	50:56	49	F	Portugal	Superior Social	Técnica Superior de Serviço Social. 26 anos	A entrevista começou as horas, a mesma reclamou o fato de desligar o som para a entrevista (na sala tem música de rádio). Ao final sem o gravador a mesma opinou o fato de eu ter um guião de entrevistas e não perguntas, considerando uma má metodologia (particularmente, senti-me desconfortável).
9 Maria Alves	13/03/2016	C.M. Amadora	38:06	26	F	Amadora	Jornalismo	Jornalista. TV Amadora. 5 anos	A entrevista decorreu logo após a última apresentação das ações do mês da proteção civil, que foi a viatura, onde a entrevista aconteceu mesmo dentro da viatura, local propício para tal, já que, a resposta do e-mail para a entrevista não houve. A entrevistada mostrou muito

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

									interessada em responder os assuntos do guião e esteve a falar com muito mais propriedade na parte da comunicação, onde a mesma levantou questões pertinentes a isso.
10 Patrícia Matos	01/04 /2016	Freguesia Venda Nova	42:30	40	F	Portugal	Direito	Presidente da Junta de Freguesia Falagueira Venda Nova, exerceu a profissão de direito. 2 anos e meio	A entrevista começou as horas, e de modo descontraído a entrevistada, respondeu de modo direto as questões.
11 Alexandra Pires	13/04 /2016	Escola Fernando Namora	28:14	60	F	Portugal	Geografia	Professora de geografia. Alguns anos	A entrevista ocorreu após uma visita guiada de estudo com os alunos, ao qual a entrevistada é professora, ocorreu na sala dos professores da escola, onde teve de ser interrompida e mudar de lugar na sala devido a conversa de outros dois professores.

Cidades Resilientes a Estratégia da UNISDR: O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência
Amadora Resiliente

12 Hugo Soares	18/04 /2016	Bombeiros Voluntários	27:55	51	M	Amadora	12º ano	Bombeiros Voluntários da Amadora em 1981. Ingressei no quadro de comando desta casa em 2004.	A entrevista ocorreu as horas marcadas, a mesma foi interrompida algumas vezes devido ao telefone, em um tom calmo foi respondido de bom modo aos assuntos do guião.
----------------	-------------	-----------------------	-------	----	---	---------	---------	--	--

Quadro 1: Caracterização dos entrevistados (Fonte: Elaboração própria)

3.3.2 A Aplicação da Entrevista

A aplicação da entrevista foi diferenciada, podendo ter sido aplicada na totalidade (AT) ou aplicada parcialmente (AP), quadro 2.

Entrevista												
Grupo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Caracterização dos Entrevistados	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT
Análise do Conteúdo												
Origem	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT
Fundamentos	AT	AT	AP	AT	AP	AT	AT	AT	AP	AP	AP	AT
Impactos	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
Avaliação da Campanha	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
Desafios	AP	AT	AP	AP	AP	AT	AP	AP	AP	AP	AP	AT

Quadro 2: Aplicação das entrevistas (Fonte: Elaboração própria)

3.4 Análise dos Resultados das entrevistas

3.4.1 Origem da campanha; "Sempre em movimento, Amadora é Resiliente".

a) História/Conhecimento da Campanha/Início e Participação

No momento em que se questionava sobre a origem da campanha, com relação à história, conhecimento e participação dos entrevistados na Campanha Amadora Resiliente, é de se observar que todos foram convidados a serem parceiros. Alguns, de forma direta, por meio da equipa da proteção civil do município da Amadora, outros, por relações distintas ligadas à CM da Amadora, também representadas no Gráfico 2.

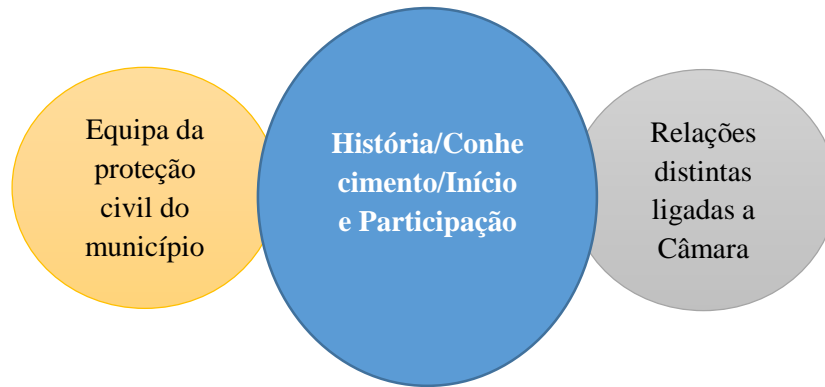


Gráfico 2: História, conhecimento da campanha, início e participação (Fonte: Elaboração própria)

Quanto ao convite feito pela equipa da proteção civil, temos as seguintes afirmações. Glória Moreira: *“Fomos convidados pela Câmara da Amadora, a participar no final de 2010 e assinamos o protocolo no final de 29 abril de 2011, para participar da Campanha Amadora Resiliente”*; Ana Nunes: *“divulgação o site da Câmara da Amadora e também pelos elementos da Proteção Civil...pessoas responsáveis pelo projeto e nesse âmbito também o convite para ser parceiro da Campanha Amadora resilientes”*; Filipa Oliveira *“já tinha ouvido falar na campanha, principalmente quando já havia simulacro... as vezes encontrava ou através do boletim da CM Amadora ou através na internet...um conhecimento mais aprofundando... foi quando integramos a academia Sênior.. Foi um desafio, da proteção civil que lançou esse projeto, convidou algumas instituições para integrarem o projeto”*; Marco Pereira *“o Luís que falou primeiramente da campanha, portanto pediu ajuda no desenvolvimento da candidatura, isso foi feito depois com a colaboração não só minha, mas de algumas pessoas da Universidade Lusófona”*; Natália Quaresma *“Eu comecei a campanha quando andamos aqui com o projeto que nos liga enquanto parceiros, o projeto da ECRA e foi aí que eu conheci a campanha... na semana da proteção civil, em Portugal tem muito o abito de comemorar o dia Internacional da Proteção Civil, que é 1 de março, e também foi através dessas comemorações que eu tive conhecimento da existência da Campanha, porque tinha interesse até pela minha área de formação, tinha interesse e vim aos workshop, e foi aí que eu tive conhecimento da Campanha, foi aí, que nesse sentido tivemos a apresentação e nos tornamos parceiros, foi através disso. E no fim de 2013, tornamos parceiros da Campanha”*; Adriana Ramos *“Fui convidada para estar presente no encontro nos Recreios da Amadora na qualidade de presidente de junta... despertaram bastante interesse...minha preocupação era tentar*

perceber o que era necessários para sermos parceiros a câmara já era, e a junta de freguesia da Venteira o que era necessário para ser parceiros nessa campanha entrei em contato com a proteção civil e explicaram o que tínhamos o que fazer o que tínhamos que preencher e desde essa altura, desde 2010 que somos parceiros da Campanha que foi lançada sobre Cidades Resilientes”; Daniela Santos “responsável pela campanha é o serviço municipal de proteção civil... começamos a trabalhar como parceiros na designação das alterações climáticas, desde 2010”; Susana Fernandes “Abordagem por parte dos técnicos que estavam na câmara da Amadora... havia esta ideia e que se era da fato uma preocupação latente sobre a questão da proteção civil, e eu também me recordo que havia saído a pouco tempo na legislação a importância de cada entidade ter um plano de emergência, essa questão que me recordo e portanto havia uma necessidade de aproximação entre o município e as associações que operam e que trabalham no terreno e portanto, a junta de freguesia como um elemento base”; Maria Alves “tive conhecimento da campanha por trabalhar na tv Amadora... porque nós cobrimos tudo o que acontece aqui na cidade... foi dito para fazermos uma reportagem sobre uma conferência que a proteção civil faz todos os anos em outubro, precisamente sobre o tema que a ONU lança todos os anos... e só através do meu trabalho tive conhecimento, em outubro de 2010”; Patrícia Matos “Tive conhecimento da Campanha, ainda mesmo em 2010, porque eu estava com funções no governo civil na altura que tinha responsabilidades distrital ao nível da proteção civil, quer dizer, foi divulgado ao governador eu era chefe de gabinete do governador”; Alexandra Pires “mandaram a informação via e-mail, portanto tivemos essas parcerias e troca de informação entre a proteção civil e a escola e sempre através do Luis, foi logo no início de quando foi lançada a campanha”; Hugo Soares “Naturalmente o conhecimento da campanha, foi dado aqui com o Doutor Luís Carvalho”.

b) Ligação com a Comunidade da Amadora

Quanto à ligação com a comunidade da Amadora, diante da diversidade de parceiros da campanha, podemos observar ligações bem distintas não só da Campanha em si, mas das funções, trabalhos e atividades que muitos exercem na comunidade. Dessa ligação com a comunidade, temos: Agentes e Entidades – trabalham com a comunidade em geral, mas, no nível da campanha, principalmente com uma população específica, como a

escolar e sênior. Terceiros, Freguesia – comunidade geral e população específica. Associações – ações realizadas com a população específica e também com a comunidade geral, representadas no Gráfico 3. É importante salientar que a comunidade em geral (adultos), não representa, em termos quantitativos, toda a população da Amadora.

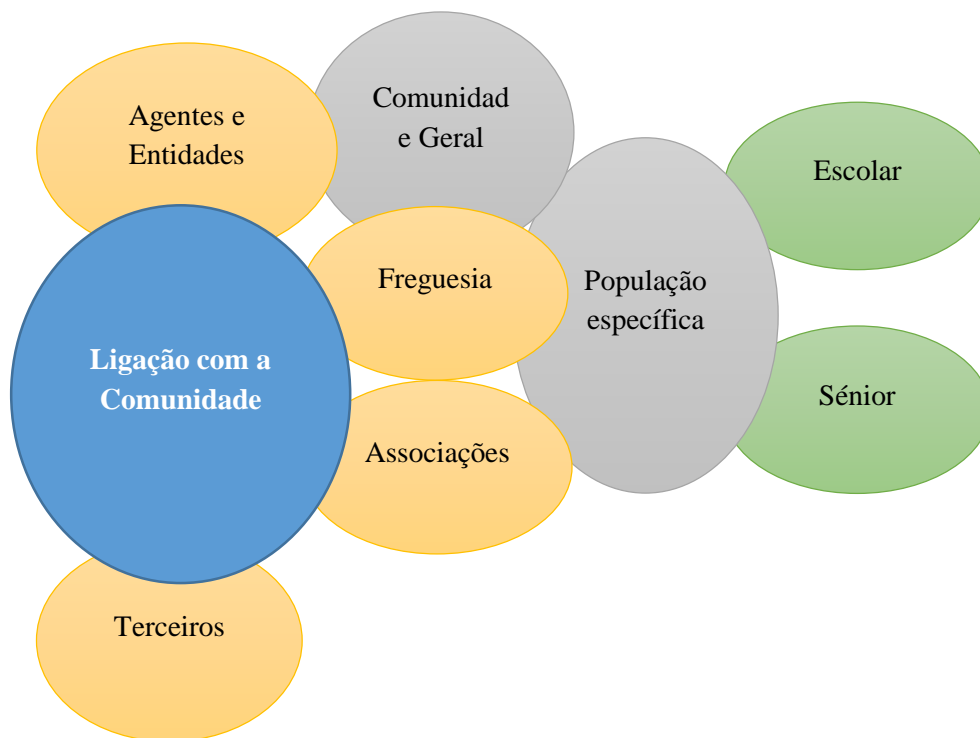


Gráfico 3: Ligação com a comunidade. (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “Somos uma instituição de âmbito local... não quer dizer que não temos outras pessoas de outras freguesias e que não possamos dar apoio a outros utentes de outras freguesias, pode trabalhar na freguesia e não viver cá, mas prioritariamente a nossa intervenção é a nível local da freguesia, mas nós trabalhamos com parcerias somos parceiros da Rede Social e trabalhamos com todas as instituições do concelho da Amadora as que fazem parte da rede, é com quem trabalhamos. Crianças e idosos, mas também famílias carenciadas”; Ana Nunes “A quinta de São Miguel pertencemos a Rede Social. Portanto temos ligações com todos os técnicos com todas as instituições do conselho Amadora... está envolvida, projetos esses que são da Câmara como a academia Sênior, e demos resposta através de entrega de refeições, a utentes não só de nossa instituição como de outras instituições”; Filipa Oliveira “Acho que neste momento, eles têm uma boa ligação

com a comunidade no geral, nos também sempre fazemos questão de ir promovendo iniciativas, em parceria, pronto, temos participado em várias feiras, tanto através da autarquia como da junta isso também nos permite, ter um contato com a comunidade em geral”; Marco Pereira “perspectiva mais académica...nos aparecemos mais na fase, de estudo, produção de dados, agora como temos participado de alguns eventos que aqui os Serviços de Proteção tem organizado temos também vindo a conhecer pessoas nos envolver com elas, mas se calhar estamos mais em uma back office”; Natália Quaresma “é quase sempre com a promoção de ações de sensibilização, nos na qualidade de parceiros da campanha... é através, daquelas ações que eu lhe disse das escolas dos centros de Dia”; Adriana Ramos “nós temos uma relação com bastante aproximação com a nossa população tanto os mais jovens a nível das escolas como os nossos sênior, a nível das escolas a proteção civil tem a fazer várias ações com os mais novos e aqui descolando para as nossas escolas, e aqui para os nossos sênior temos um pequenino auditório, tivemos algumas ações de formação dá conhecimento como agir em determinados cenários”; Daniela Santos “é diretamente com a população que está a estudar...uma vasta camada jovem do ensino pré-escolar até o ensino secundário”; Susana Fernandes “intervenção de ação social muito diversificada que vai desde o tradicional atendimento social a atendimento como o “riso”, previne os dentes das pessoas. Grupos de autoajuda... acolhimentos diários... projetos de voluntariado com equipas solidárias,... duas lojas solo a funcionar em dois mercados com pessoas que também são voluntárias e têm três vertentes as lojas, por exemplo, tem uma vertente para o ambiente, uma para o social e outra para o comunitário, temos ainda projetos de férias para os idosos, temos um programa ao longo do ano para visitas culturais... ações com o centro de saúde têm ações ligadas ao instituto de segurança social, ligado aos assuntos de responsabilidade parentais”; Maria Alves “Trabalho como jornalista”; Patrícia Matos “Em termos gerais da população ainda será baixa, mas isso admito que todos temos dificuldade de comunicação com a massa da população... só uma ínfima parte da população, eu acho que na volta dos 15 ou 20% vai tendo uma percepção do que a autarquia vai desenvolvendo...o objetivo é trabalhar com certo público e daí, a questão dos sênior e a questão das escolas, pelo menos nesses públicos nós temos a garantia que eles estão ali, portanto vamos trabalhando com eles essas questões da proteção civil e da segurança”; Alexandra Pires “É uma ligação relativamente estreita”. Hugo Soares “É uma ligação um pouco distante, apesar de termos um conjunto de iniciativas, de nos

aproximarmos da população, nas escolas os idosos, ... nós estamos mais vocacionados para as partes das escolas e aí temos tido alguns resultados, as crianças recebem a nossa informação, de forma interessante, transmitem quando chegam à casa, nos falamos as precauções”.

c) Relativamente à questão dos riscos de desastres, as respostas veicularam percepções tanto em nível pessoal, como institucional, assim representado no Gráfico 4. Palavras como “prevenção” e “sensibilização” foram bastante usadas, em nível pessoal. Na proteção e preparação para caso de desastres, em nível institucional, a responsabilidade pela segurança de um determinado grupo ou determinada área é da instituição que dá a primeira resposta.

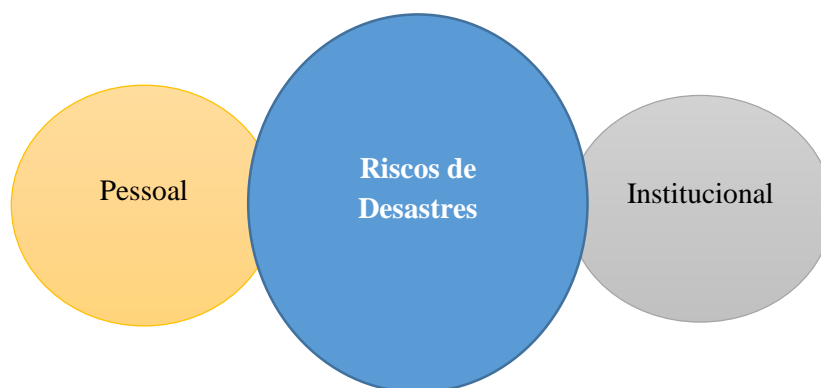


Gráfico 4: Riscos de desastres. (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira *“Tem sido muito próximo porque temos essa intervenção e sou responsável de segurança da instituição e, portanto tenho essa responsabilidade acrescida de ter um conhecimento e de estar mais preparada possível para lidar com esses riscos”*; Ana Nunes *“Diariamente temos um grupo de pessoas e nos preocupamos com a segurança de todos, ... em caso de desastres temos que estar preparados e saber como agir”*; Filipa Oliveira *“Esta questão sempre foi mais através dos próprios sênior... as próprias ações de sensibilização que temos aqui tido... dos riscos da importância da prevenção... e os agentes Sênior tem tido aqui uma grande participação nas iniciativas, mesmo escolar”*; Marco Pereira *“A minha perspectiva é mais académica mais científica ou seja, interessa-me mais o fenómeno”*; Natália Quaresma *“Sou formadora, numa academia que dar, várias temáticas mas que foca essencialmente na área de busca e resgate... voltado aos sismos, que é busca e resgate em estruturas colapsada, estruturas que caíram”*; Adriana Ramos *“Prevenção é*

mesmo a palavra chave para que, não quer dizer que as coisas não aconteçam, mas existir mesmo uma prevenção para que as pessoas e dependendo da situação para melhorar o que vai acontecer”; Daniela Santos *“Fazer a sensibilização da parte da formação para poderem tomar atitudes mais conscientes... adequarem aos riscos das alterações climáticas, adaptarem-se mas também estamos na base de tentativa de monitorização dos acontecimentos como sabemos que eles existem e vão de encontro com os casos e a ideia de ter a cultura para o risco”*; Susana Fernandes *“A relação é quando as situações acontecem... a junta o que faz precisamente é um trabalho de prevenção daqueles riscos e desastres... com as suas equipas locais quer de limpeza de pequenas obras atua dentro de suas competências tentando fazer um trabalho de prevenção”*; Maria Alves *“Pessoas que estão envolvidas no escolar, sabem o que tem de fazer em caso de desastres... Agora falando de pessoas que nunca tiveram acesso a esse tipo de informação a cidade da Amadora é uma cidade muito envelhecida e há pessoas que vivem sozinhas e não tem acesso a esse tipo de informação”*; Patrícia Matos *“As duas percepções uma delas é muito evidente tem a ver com as cheias... acho que esta percepção de riscos e cheias eles tem,... cidade densamente povoada, tem a ver com os riscos de acidentes rodoviários... o outro é aquilo que já se vem falando muito que é o risco dos sismos, sabemos que estamos em uma zona que pode ser atingindo no caso de um sismo em Lisboa,... , embora acho que essas dos sismos ninguém levou muito a sério”*; Alexandra Pires *“Temos tido essas formações incluindo os bombeiros, a proteção civil os bombeiros que tem vindo a nossa escola, falar e dar formação em algumas turmas... que necessitam de serem mais sensibilizadas, aliás vamos pensar em um dos cursos vocacionais é para o curso vocacional dos bombeiros... simulações dos sismos, e a visita que teve agora foi mais neste sentido as áreas, chamadas as áreas de riscos de inundações do concelho para eles tomarem consciência da realidade”*; Hugo Soares *“Pela nossa natureza criamos riscos ...pela natureza da sua função o seu risco é iminente, mas naturalmente que ao longo dos tempos vamos aperfeiçoar, o equipamento de proteção individual”*.

3.4.2 Fundamentos

a) Dando atenção ao objetivo da campanha, percebeu-se que os parceiros estavam bem familiarizados com o objetivo das cidades tornarem-se resiliente a desastres. Fez, assim,

referência à importância da campanha local na redução de risco e desastres, termos como: Instituições, População/Comunidade, representados no Gráfico 5 e novamente as palavras “preparação” e “prevenção” foram bastante ditas. Diferentemente do que ocorreu no 3.1 c). As instituições, aqui, além de serem objeto de propagação da resiliência, fazem parte do objetivo da campanha. Denota, assim, um trabalho mesmo de base.

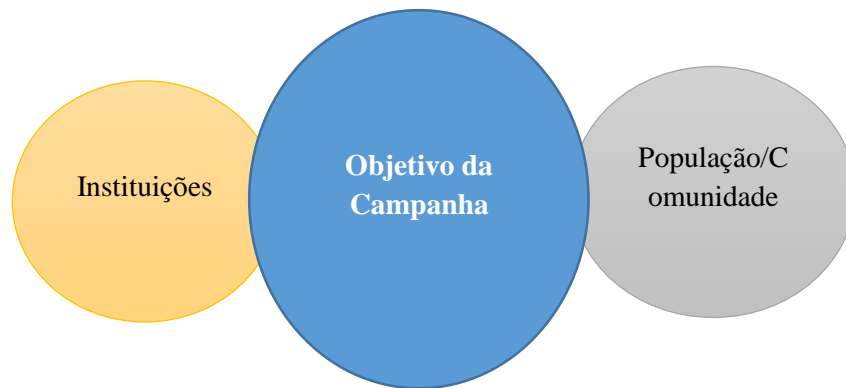


Gráfico 5: Objetivo da campanha (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “O objetivo da campanha é preparar as instituições e a população para serem mais resilientes, está preparado para as adversidades que possam acontecer...é trabalhar diretamente in loco com as pessoas instituições para que alerta para e estarem preparados para essas eventualidades”; Ana Nunes “Esta campanha com todas as ações que foram realizadas no âmbito desta campanha, permitiu que a Quinta de São Miguel está preparada a saber se agir a saber planejar e atuar”; Filipa Oliveira “Questão da prevenção... no fundo é estarmos todos mais preparados, mais aconselhados, para saber como comportar, como prevenir”; Marco Pereira “A construção de uma comunidade mais resiliente, ou seja, vai prepara-la, que esteja mais consciente dos riscos que enfrentam e o que deve fazer... é preparar melhor as comunidades para o risco, pra gestão do risco, e torna-los mais conscientes dos perigos que enfrentam como reagir, em função da ocorrência de qualquer perigo”; Natália Quaresma “Acho que é um projeto importante, e todo o trabalho que é feito a nível da prevenção é sempre mitigador no que diz respeito ao risco, o risco existe nós temos consciência que ele existe mas a maior parte, da população não tem, ou seja, está tão ligada a temática das ciências naturais não tem tanta sensibilidade para perceber o território em que nós vivemos para perceber, que vivemos em um território que está exposto ao risco, não só o risco de sismo, mas o risco de tsunami em situação de sismos,

e a outros tipos de risco o risco de cheias no caso da cidade de Lisboa... A campanha tem um papel muito importante.. a chegar perto da população e alertar a população para a existência desse risco... a campanha faz um papel importantíssimo porque ensina as pessoas, a gestos que podem salvar vidas...a campanha tem um papel importante porque alerta as pessoas para o risco e nas pessoas o que devem fazer como se proteger, quando houver tremor de terra e dessa forma se mitiga o risco que é algo que se tem falado muito e que a maioria das pessoas não trabalham com isso a proteção civil não é só fazer algo quando as coisas acontecem”; Adriana Ramos “Existindo primeiro a prevenção, havendo o cuidado em informar o máximo de pessoas possíveis o máximo de instituições, ... não tem que ser a proteção civil só a passar a informação, a altura que as instituições são parceiras e tem os conhecimentos nesta área, podem perfeitamente irem passando essa informação irem informando os nossos municípios aquilo que podem fazer em determinado cenário... além da prevenção há a questão da redução dos riscos de desastres que penso que esses planos... Amadora têm o plano municipal, que está em fazer de conclusão, temos o plano municipal de emergência e o que temos é o plano prévio de prevenção”; Daniela Santos “Penso que o se enquadra é preparar as populações e a comunidade e o território é preparar para os riscos e para conseguir ultrapassá-los... é ter população mais conhecedora e que possam adaptar aqueles tipos de comportamento quer no nível das ações quer no nível de atitudes comportamentos que tenham menos danos e causem menos danos a população”; Susana Fernandes “Todos podem atuar na prevenção para ter uma vida mais segura, se todos tivermos uma ação proativa na nossa segurança é evidente que tem situações que não podemos controlar e temos que ser cidadãos mais ativos”; Maria Alves “As cidades que estão preparadas ou que estão tendo os princípios básicos fundamentados para responder em caso de desastre e sinistro e que principalmente promove essa informação para a população”; Patrícia Matos “Em termos gerais é as populações estarem mais preparadas e melhor articuladas, querem as instituições ou populações saber como agir no caso de catástrofe... é estruturar a resiliência da comunidade e terem comportamento para que de alguma maneira, possam evitar esses riscos”; Alexandra Pires “Sensibilizar a Amadora, no caso da Amadora resiliente para os problemas em termos ambientais e não só, como a resolução dos seus problemas logicamente”; Hugo Soares “É formar e informar, formar também, o objetivo da campanha, acho que é prevenir, conhecer

e trabalhar em conjunto todas as forças da cidade e se vir naturalmente incidentes, que é uma prevenção que se faz no concelho”.

b) A respeito da relação: entidades certificadoras/critérios de certificação da campanha, tendo em vista a própria ONU, que faz esse tipo de certificação, houve uma dificuldade, ou não souberam opinar. Diante do observado pela entrevistadora, esse ponto não foi feito a todos os entrevistados, portanto, não é de se aplicar para este momento. Está representada no Gráfico 6.

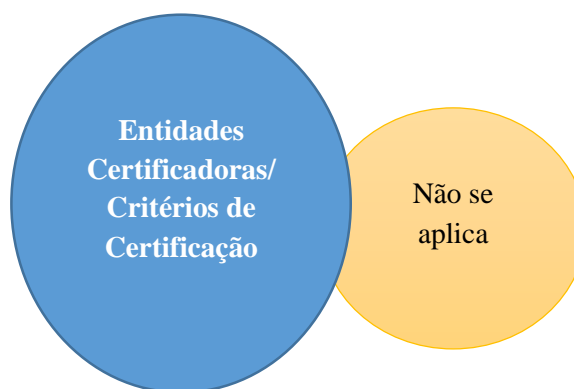


Gráfico 6: Entidades certificadoras e critérios de certificação (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “*Não soube opinar*”; Ana Nunes “*Não tem conhecimento*”; Filipa Oliveira “*Não perguntei*”; Marco Pereira “*Sei que é um mecanismo da candidatura, depois a cidade é resiliente ou não, mas toda essa parte burocrática, eu não sei, não acompanho esse processo*”; Natália Quaresma “*Não perguntei*”; Adriana Ramos “*Sim*”; Daniela Santos “*Não, essa parte não tenho conhecimento. Foi dado a conhecer o dado de fazer o ponto situação*”; Susana Fernandes “*Não tem conhecimento*”; Maria Alves “*Não perguntei*”; Patrícia Matos “*Não tenho conhecimento*”; Alexandra Pires “*Não perguntei*”; Hugo Soares “*Não perguntei*”.

3.4.3 Impactos

a) Sobre a perspectiva de mudança antes e pós-campanha, pode-se afirmar que todos acreditam que a campanha veio como uma mais-valia para as entidades as quais fazem parte. Em parceria com a equipa da proteção civil, puderam proceder com os seus planos de emergência interna e de segurança, assim como com a própria identificação dos riscos, além de uma melhor articulação entre as entidades, entre as quais antes reverberava o senso

comum. Também em nível da própria comunidade, percebem-se mudanças, embora se acredite que o trabalho é inter-geracional, será uma mudança observada nas gerações, que terão muito mais reação para a prevenção (Gráfico 7).

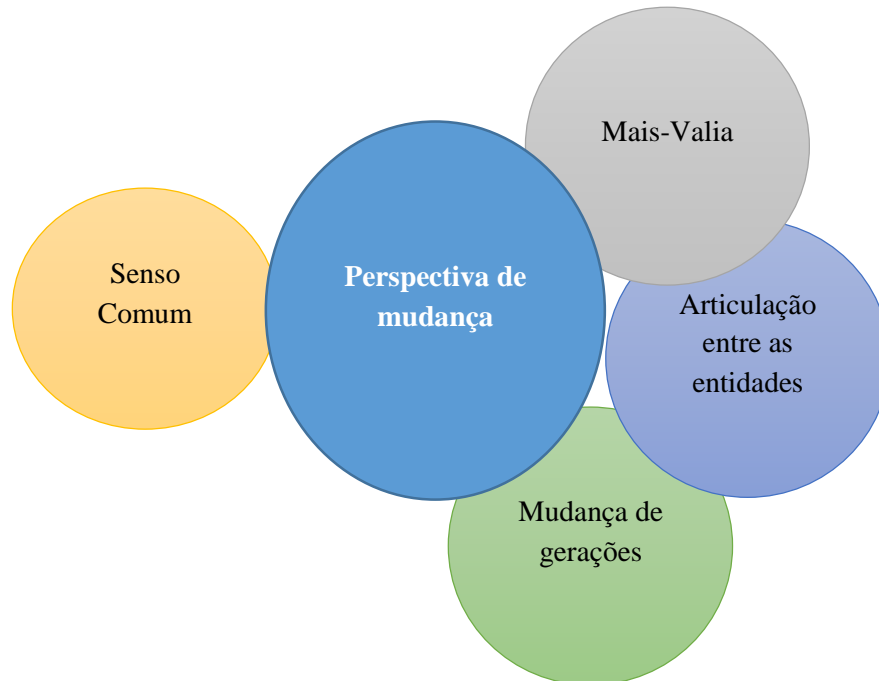


Gráfico 7: Perspectiva de mudança, antes e pós-campanha (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira *“Fez toda a diferença para nós... quando começamos a trabalhar aqui nas nossas instalações não havia informação nenhuma, do que era um plano de emergência interno como era a intervenção era tudo muito senso comum... não só por obrigações legais da própria segurança social para termos as instalações em funcionamento que era entretanto estarmos preparados e termos um projeto de emergência interno, projeto de segurança, na altura quando o serviço nos convidou para sermos parceiros nós achamos que era a altura ideal para começarmos a trabalhar nessa área e inicialmente era tudo muito confuso nos sempre tivermos um sistema de alarme que funciona bem mas as pessoas não estavam não havia uma política interna de quando o alarme tocar o que se deve fazer...só depois que começamos a trabalhar nessa parceria é que fomos fizemos formação e depois exercício de evacuação e as pessoas foram se apercebendo, e houve uma mudança muito grande de atitude das pessoas hoje quando toca o alarme não só os adultos mas as crianças estão completamente preparada e ficam em alerta para perceber se tem que sair o que devem fazer a seguir, e houve uma mudança muito grande e*

uma mudança para a positiva... temos uma política de segurança a esse nível... não só a nível interno mas o que conseguimos transmitir para as famílias fazer com que as famílias que é importante estão muitos sensibilizadas”; Ana Nunes “Permitiu termos formação os técnico tiveram formações, de preparação do simulacro realização do simulacro tivemos formação de primeiro socorro tivemos formação dos lugares de segurança os utentes tiveram formação sobre quedas, tremores de terra acidentes domésticos, as crianças da casa tiveram também ação de sensibilização e de formação de como atuar em caso de incêndios, tremor de terra, inundações, socorrismo infantil foi algo que nós não tínhamos possibilidade de ter, estas ações de sensibilização não só para técnico, colaboradores como utentes crianças e idosos se não fossemos parceiros da campanha... foi uma grande mais valia e tivemos a colaboração da proteção civil na preparação identificação dos riscos e na realização do simulacro, portanto isso mudou a forma de estarmos na instituição, todos nós trabalhamos aqui diariamente ficamos mais conscientes dos riscos dos perigos que temos e nas dificuldades na realização de uma evacuação, das pessoas da instituição em caso de incêndios foi algo que só foi possível porque somos parceiros da campanha se não de outra forma não conseguíamos fazer então foi de fato a grande mais valia foi a formação e realização do simulacro é estarmos preparados”; Filipa Oliveira “Consigo perceber, principalmente através dessas ações de sensibilização... a própria forma como tem sido dinamizada, acho que tem realmente permitido que as pessoas estejam mais alertas e que não seja só por ouvir, mas também depois passar a prática”; Marco Pereira “Bom trabalho... me parece é que no passado havia muito uma visão de opção de intervenção de reação...está campanha toca muito numa perspectiva daquilo é o alcance das coisas ou seja, minimizar as consequências para diminuirmos as vulnerabilidades, e neste aspecto tem todo o trabalho se faz com os mais jovens, porque provavelmente será aí, esses trabalhos são sempre Inter geracionais... uma mudança de uma geração... acho que vai mudar, agora se notar progressivamente ao longo do tempo de uma geração nós teremos uma sociedade, comunidade perfeitamente, educada não só a reação como a prevenção”; Natália Quaresma “Sinto que as pessoas tem mais vontade de aprender... a princípio... nas escolas havia muita resistência por parte da comunidade educativa, ... hoje em dia é diferente não é a campanha que vai ter com as pessoas, são as pessoas que vai ter com a campanha... é uma mais valia... campanha não teve impacto só a nível local, teve local a população se tornou mais resiliente mitigou mais o risco através da formação e teve para fora do concelho da Amadora foi para

além de fronteiras o que foi uma coisa muito importante”; Adriana Ramos “Sim”; Daniela Santos “A perspectiva é que os alvos, que se trabalham estejam bem mais bem preparados após a campanha...é de melhor preparação da população da percepção do risco para fazer face ao risco”; Susana Fernandes “Há vários níveis, uma coisa é as entidades, os responsáveis e os seus representantes estarem alertas e terem uma preocupação um pouco latente a questão da proteção civil, acho que isso foi um passo muito grande porque há 10 anos atrás ninguém falava de proteção... efetivamente o impacto acho que nas entidades está claro e todos estamos despertos e temos os planos de emergência de atuação de se surgir uma situação de como deve fazer e etc... outro nível que o nível comunitário e individual e que eu sei que há pessoas que estão mais despertas e mais prática de acordo com os seus níveis de segurança individual e pessoal”; Maria Alves “Acho que é notório que a campanha o trabalho que se tem sido feito é notório, deve-se continuar para se chegar mais longe”; Patrícia Matos “Acho que a mudança que se tem sentido é diante das articulações entre as entidades, enquanto que se calhar antes, só se passava a informação quando as coisas aconteciam,... estarmos mais ou menos atentos criar equipas, o que podem fazer em alguma situação, portanto acho que esse trabalho de articulação está francamente melhor”; Alexandra Pires “Eu acho que a comunidade escolar, está cada vez mais sensibilizada para os problemas ambientais e para o crescimento da própria cidade da Amadora... muito mais consciência da necessidade da mudança”; Hugo Soares “Claro que houve uma mudança significativa o resultado e a imagem que tem saído da Amadora é positiva ela ter saído para outras partes do mundo.. De fato, a partir de 2010 as coisas mudaram significativamente e novos melhoramentos da prevenção do conhecimento que se dar, a algumas entidades é um conjunto de situações que não se diga de forma nenhuma que não há melhoramento”.

b) Sobre o Scorecard e a ferramenta de autoavaliação, os entrevistados não souberam opinar, levando em consideração que o Scorecard ainda estava em fase de testes. Sobre a ferramenta de autoavaliação, foi afirmado que é feita pela equipa da campanha local, com base em reuniões, ações, com o que se tem de dados sobre a Campanha da Amadora (Gráfico 8).

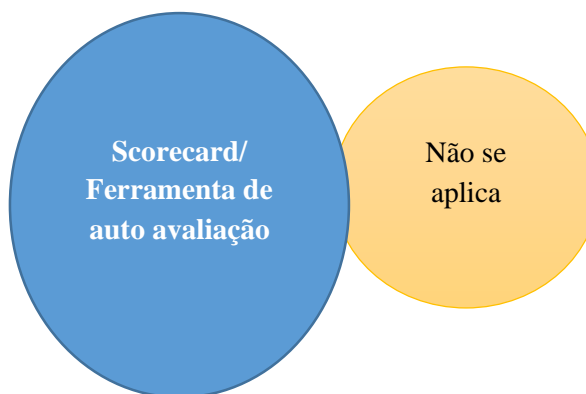


Gráfico 8: Scorecard e ferramenta de auto avaliação (Fonte: Elaboração própria)

b) O impacto que se tem notado no público alvo, idosos/crianças/jovens, é muito positivo, pois está ocorrendo na Amadora uma significativa mudança nesses públicos. Os idosos, por meio da academia sénior e as crianças/jovens, com as ações que decorrem nas escolas (Gráfico 9).

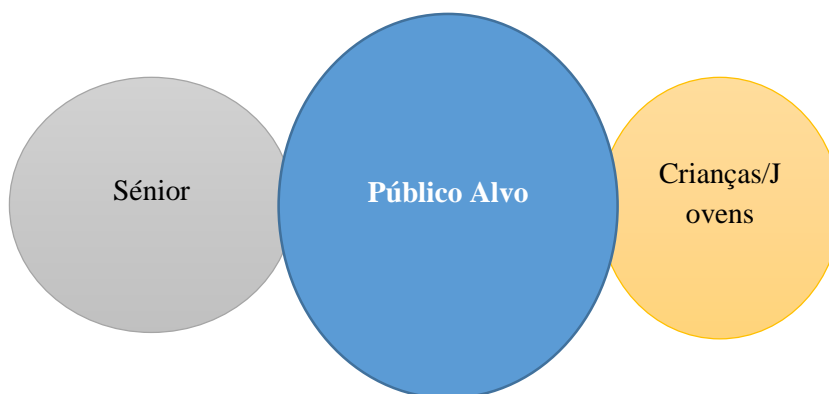


Gráfico 9: Público alvo (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “*Os utentes, as crianças do Centro Social*”; Ana Nunes “*Crianças da casa de acolhimento, os colaboradores e os utentes do centro Dia*”; Filipa Oliveira “*Sénior*”; Marco Pereira “*As escolas*”; Natália Quaresma “*Os sénior a prova disso foi que se construiu a Academia Sénior...e a população das escolas quando nós vamos ter com eles...chegamos aos jovens através do projeto de escola e aos sénior através dos projetos de Centro Dia*”; Adriana Ramos “*Os utentes da Junta de Freguesia*”; Daniela Santos “*Os jovens*”; Susana Fernandes “*É aberto à todos a comunidade, todos somos conscientes que as pessoas que estão mais disponíveis são os idosos... a academia sénior tem sido uma coisa fantástica... gostava de valorizar mais essa questão da academia sénior... nós como*

entidades devemos trabalhar para todos é claro que as ações não são de igual modo para todos, mas devemos fazer para todas as pessoas”; Maria Alves *“Toda a comunidade de acordo com a ação”*; Patrícia Matos *“Sénior nesta academia sénior...população escolar...a nível da população a prioridade tinha aqui haver com os idosos e com os equipamentos onde eles estão diariamente”*; Alexandra Pires *“Os jovens”*; Hugo Soares *“Crianças e Idosos”*.

c) Quanto ao critério do restante da comunidade, foram levadas em consideração as funções que desenvolvem na Amadora, seja no âmbito da campanha ou não, além daqueles que não têm ligação alguma. Nas autarquias, tem-se a ligação direta com os utentes; e a ligação indireta, no caso dos alunos nas escolas (Gráfico 10).

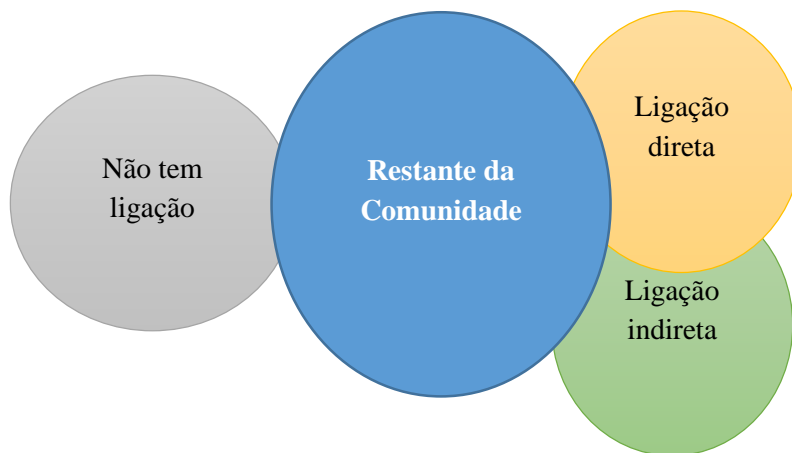


Gráfico 10: Restante da comunidade (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira *“Dirigida à população residente da freguesia”*; Ana Nunes *“Colaboradores, desde os técnicos as pessoas que estão no dia a dia com as crianças”*; Filipa Oliveira *“Temos participado em várias feiras, tanto através da autarquia como da junta isso também nos permite, ter um contato com a comunidade em geral”*; Marco Pereira *“Não tem ligação”*; Natália Quaresma *“Não tem ligação”*; Adriana Ramos *“Utentes da freguesia”*; Daniela Santos *“Não tem ligação”*; Susana Fernandes *“É aberto à todos da comunidade...acho que nós como entidades devemos trabalhar para todos é claro que as ações não são de igual modo para todos, mas devemos fazer para todas as pessoas”*; Maria Alves *“Para todo através do trabalho de reportagem”*; Patrícia Matos *“Utentes da freguesia”*; Alexandra Pires *“Alunos do básico, ...eles devem fazer, ajudar aos pais a tentar*

prevenir”; Hugo Soares “*O restante da comunidade trabalhamos com as empresas que por lei são obrigadas a ter uma formação dada pelos bombeiros*”.

d) Os critérios, ações definidas e prioritárias, têm muito a ver com a função que cada entidade desenvolve em seu próprio meio. A busca de prioridades, como a realização dos planos de emergência, junto com a equipa de proteção civil local, várias ações próprias, além das atividades que a própria proteção civil desenvolve dentro do Programa de Informação e Sensibilização para a Redução do Risco de Desastre da Amadora (Gráfico 11).

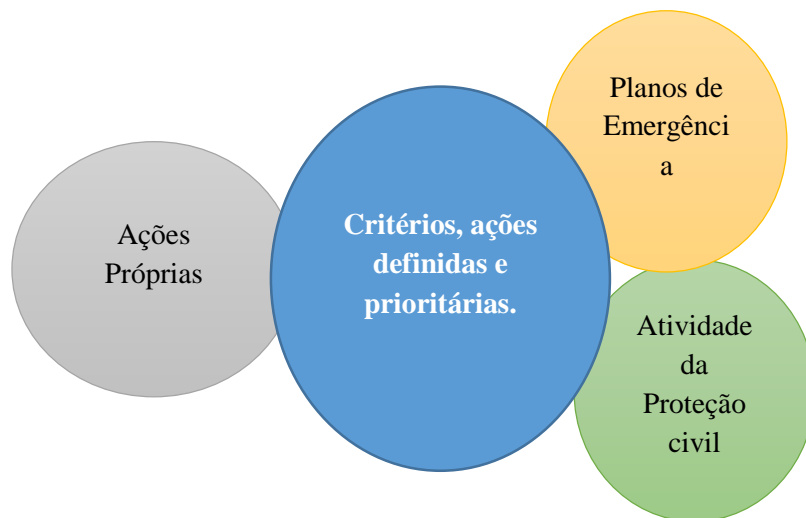


Gráfico 11: Critérios, ações definidas e prioritárias (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “*O nosso plano de projeto plano de emergência é específico para incêndios... já chegamos à conclusão que temos que ter para inundações*”; Ana Nunes “*Um plano de prevenção emergência de evacuação... definir os riscos a categoria do edifício isso foi feito com os técnicos da proteção civil*”; Filipa Oliveira “*A instituição uma dinâmica muito específica, e as vezes é difícil para nós calendarizar [SIC] a médio longo prazo e depois acaba por acontecer as coisas e ser mais difícil nos organizarmos, de qualquer das formas nós já tínhamos uma listagem, dessas ações de sensibilização, e deste modo, levantamos os temas que achávamos mais pertinentes, justamente isso por sentir as necessidades*”; Marco Pereira “*Não*”; Natália Quaresma “*Acho que a temática está adequada*”; Adriana Ramos “*Plano municipal e a equipa operacional de cinco pessoas*”; Daniela Santos “*No caso da Amadora Resilientes, estamos mais próximos ao tema das alterações climáticas*”; Susana Fernandes “*Os planos de emergências no caso de evacuação*”

dos sítios as sinalizações aquelas coisas todas que fazem parte da proteção civil das pessoas e bens principalmente das pessoas”; Maria Alves “É de acordo com o convite”; Patrícia Matos “Não”; Alexandra Pires “A proteção manda-nos o programa, previsto para o ano letivo e portanto ele é divulgado e escrevem as turmas, nas ações que acham importantes...tinha sugerido... este ano conseguimos concretizar com esta saída, e nomeadamente as temáticas, primeiramente as florestas os recursos hídricos, portanto os problemas das cheias”; Hugo Soares “Temos o projeto criado nas escolas, temos o projeto Bombeiro Por Um Dia, que é os alunos vem ter aqui passam uma manhã conosco... Bombeiro na Escola em que nós vamos lá a dar alguma formação...estágio de verão e que começa normalmente em junho e que os alunos do décimo primeiro e décimo segundo estão aqui conosco e ouve um trabalho mais aprofundado na área dos incêndios e passam uns três meses no verão conosco a fazer um estágio e tem que ser inscritos no corpo de bombeiros”.

e) O local das ações depende do lugar em que estão e onde são convidados a ir, podendo ser as próprias associações, ou as juntas de freguesia, centro dia, as próprias instalações dos serviços municipais e da câmara, ou os espaços onde estão inseridos e onde haja a necessidade de se ter a ação, as escolas. Além das ações que são abertas ao público em geral, há também as que acontecem no Dolce Vita Tejo (Gráfico 12).

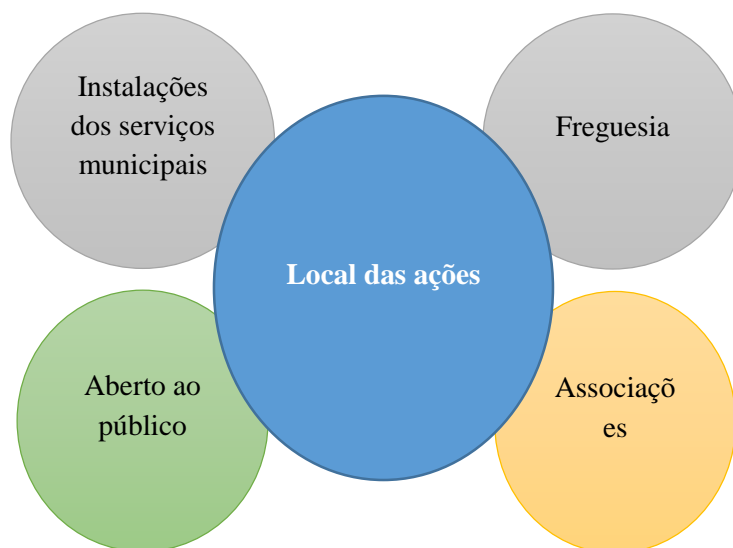


Gráfico 12: Local das ações (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “*Se for alguma coisa interna é aqui se for algo que participemos ações é fora vai depender da ação*”; Ana Nunes “*Também tivemos fora...nem sempre conseguimos ter aqui ações, só com os técnicos mas a nível de técnicos e colaboradores da instituição e fizemos uma ação com delegados de segurança... fizemos fora da instituição, na escola de transito*”; Filipa Oliveira “*Nós tentamos alterar, até porque monitoradamente as pessoas aqui vão lá pela manhã, são esses dois os sítios*”; Marco Pereira “*Seminários*”; Natália Quaresma “*Escolas, centro de dia, ações abertas ao público, Dolce Vita*”; Adriana Ramos “*Na junta de freguesia*”; Daniela Santos “*Consoante às ações há algumas que se desenvolvem aqui, outras nas escolas sala de aula outras no recreio, outras visitas de estudo de tratamento é consoante o tipo de ação*”; Susana Fernandes “*É diversificado... atuamos em várias frentes... quando fazemos uma ação de formação, temos que atuar em três polos no setor da Damaia, da Buraca e da Reboleia*”; Maria Alves “*Em todos esses espaços*”; Patrícia Matos “*Fizemos na escola de transito... serviços de proteção civil ...centros de dia... atelier, no fundo é muito diversificado o uso que eles fazem desses equipamentos*”; Alexandra Pires “*Escolas*”; Hugo Soares “*Escolas, com os idosos no centro dia*”.

f) A questão da atividade em concreto não se aplica, tendo em vista que cada parceiro desenvolve suas atividades de acordo com as competências, conforme observa-se no Gráfico 13.

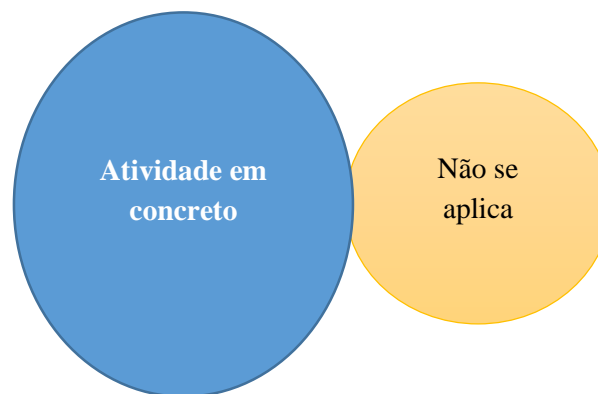


Gráfico 13: Atividade em concreto (Fonte: Elaboração própria)

g) Relativa à contribuição efetiva na campanha por meio de um orçamento, as respostas foram as mais diversificadas. Desde ter apenas um orçamento interno, não faz parte da competência da autarquia no caso das freguesias, mas sim, a competência é própria CM. Ou de não ter orçamento, por não ter dinheiro. Ainda existe outro ponto situação que foi

falado, não em termos de dinheiro, mas em termos de recursos, seja humano ou físico e, que sim, nesse caso, pode ser aplicado e disponibilizado para a campanha (Gráfico 14).

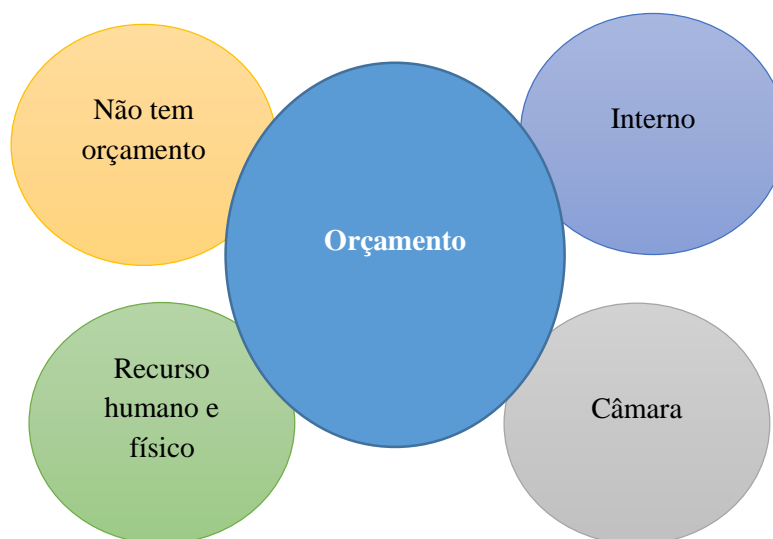


Gráfico 14: Orçamento (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “*Sim, nós temos um orçamento interno faz a atribuição de manutenção de equipamentos extintores de incêndios, porta-fogo, os meios de intervenção, mas não temos orçamentos previsto em situações de acidentes*”; Ana Nunes “*Não tivemos custo, portando não elaboramos orçamento porque não nos custa, essas ações foram os únicos custos são humanos da proteção civil e dos custos humanos da instituição*”; Filipa Oliveira “*Para essa questão específica talvez não, legalmente temos que ter assegurada, também a avaliação dos riscos na instituição nomeadamente os próprios profissionais, uma empresa fazem visitas, relatórios e monitorizam*”; Marco Pereira “*Não se aplica*”; Natália Quaresma “*Acho que no meu caso em si, seria apenas para custear as despesas de transporte, porque a título das ações em si são as pessoas voluntariado... sempre que precisamos de alguma coisa nós pedimos a campanha se tiver disponibiliza, se não tiver diz não tem condições, mas não tem condições também não sei como fazem para ter, sinceramente*”; Adriana Ramos “*A junta fez um levantamento de recurso sobre o que poderia da nossa parte, para além dos nossos recursos humano... um pavilhão...em termos de valores, nunca houve um pedido de apoio monetário por parte da proteção civil a junta, o que nos foi pedido para que se fizesse uma listagem de tudo que a junta tem para casa de houver uma necessidade, as viaturas o tipo de maquinaria... a junta tem um caixa, através*

do fundo social... no fundo é nós temos conhecimento da necessidade e depois através desse fundo, para ser devidamente identificado e se for preciso nós adquirimos o equipamento e entregamos. Nós não demos o dinheiro porque queremos ter a certeza que vai para as tais tendas ou aquilo que a proteção civil precise”; Daniela Santos “Não se aplica”; Susana Fernandes “São contingências que tem a ver com a Lei, estamos em um Município que tem um orçamento próprio, as juntas de freguesia tem um orçamento próprio, isso teria de ser com a câmara dispor de um orçamento próprio para a proteção civil, para a campanha”; Maria Alves “Não se aplica”; Patrícia Matos “Não faço a menor ideia, neste momento não temos custos associados ao fato de sermos parceiros, quando se organiza uma ação, nessa academia sénior, somos um bocadinho mediadores, né, a junta mediu contanto com os sénior que utilizavam nosso espaço, no sentido de promover, divulgar, participar nas ações de formação, mas não temos custos associados... nossos custos agora é nas equipas de alguma forma estão na prevenção no caso são as horas extraordinárias, combustíveis para as viaturas, mas não temos isso de forma destacada, isso não está em uma rubrica à parte inerente a questão da campanha”; Alexandra Pires “Não se aplica”; Hugo Soares “Não, não existe os orçamentos cá em Portugal para esta área são muitos pequenos e como o nome mesmo diz é um corpo de bombeiros voluntários... na questão da campanha tem a câmara e aí pelo documental, não tem dito que não, não é fácil as vezes, normalmente dizem que sim, mas até as coisas virem demoram algum tempo... desprendermos um orçamento para este projeto não podemos, somos uma cidade com 178 mil habitantes e tem despesas imensas e não temos de fato um orçamento para a campanha temos vontade e pessoas com vontade de lá está que é isso que temos feito e isso vale muito mais que o dinheiro”.

h) Principalmente por serem atores da resiliência local, as respostas foram, em outras palavras, que eram atores da resiliência local especialmente por estarem próximos à comunidade, embora reconhecessem que precisavam melhorar. A própria campanha em si é a autora da resiliência, como somos todos atores da resiliência local (Gráfico 15).

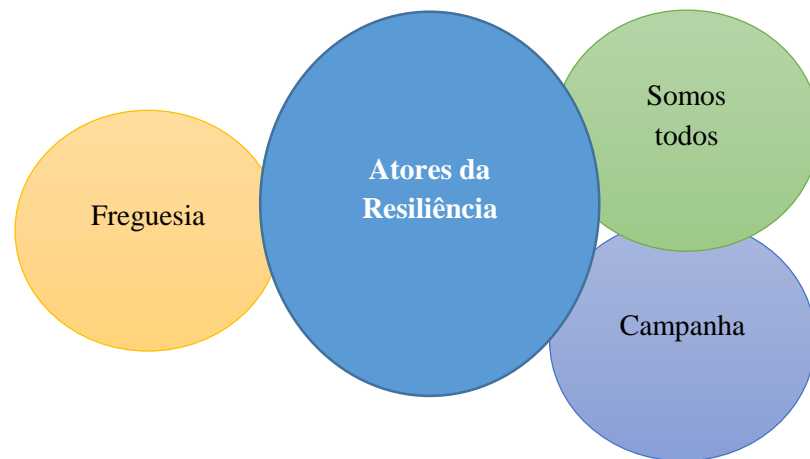


Gráfico 15: Atores da Resiliência (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “Sim”; Ana Nunes “Sim”; Filipa Oliveira “Sim, através dos agentes sénior, 34 sénior é um projeto muito recente e essas questões sociais demoram muito tempo... estamos a evoluir neste sentido”; Marco Pereira “Não se aplica”; Natália Quaresma “Sim... a campanha tem um papel importantíssimo... a campanha o principal ator, e tem algumas juntas de freguesia que colaboram e colaboram porque a campanha foi ter com eles, porque sem isso duvido que houvesse essa interação, a campanha para mim, sem dúvida é o principal ator de resiliência do concelho da Amadora não vejo outras entidades oficiais se assim dizer que a campanha tá associada a proteção civil que é uma entidade oficial não vejo outras entidades oficiais ter o papel que a campanha tem... a campanha é o principal agente de resiliência, não vejo outro nem que seja pelo número de pessoas que alcance em cada ação nós fizemos agora uma ação no dia 1 e 2 e alcançaram 300 e tal pessoas e não há outra entidade a fazer essa iniciativa e a fazer todo o trabalho de backoffice que a campanha faz para promover esse tipo de coisa”; Adriana Ramos “Sim, somos atores da resiliência local”; Daniela Santos “Sim”; Susana Fernandes “Sim”; Maria Alves “Não se aplica”; Patrícia Matos “Sim, apesar de tá a bater a algum tempo, que as juntas de freguesias têm que estar mais envolvidas nessas questões da proteção civil, da resiliência, porque estamos mais próximas do território... nós estamos mais próximos da população e muito mais próxima do local onde as coisas acontecem é bom que estejamos preparados a correr nessas circunstâncias, né e daí aquela questão que já estar na legislação já a algum tempo das unidades locais de proteção civil, me parece cada vez mais oportuno dar capacidade de respostas, mas isso não se faz sem articular com o restante das

entidades...acho interessante a junta começar a ter outro papel na resiliência e na proteção civil”; Alexandra Pires “Sim e alguns tem adquirido essa sensibilização e despertado para isso...para a educação ambiental...até porque os impactos são cada vez mais negativos”; Hugo Soares “Sim, naturalmente que sim, todos que fizeram parte deste projeto, há os atores principais e os secundários que somos nós, mas somos atores deste projeto”.

3.4.4 Avaliação da Campanha

a) Referente à publicação na Internet/Visita in Loco/Órgão regulamentador, a informação tem chegado a todos os parceiros, no tocante à divulgação das ações no município, dos objetivos da campanha, além de outra imagem da proteção civil, a estratégia de ir buscar a sua marca por meio das Nações Unidas, *chancela*. Por outro lado, sobre a avaliação do órgão regulamentador a ONU, não tem chegado aos parceiros esse tipo de informação, que deveria ser descortinada (Gráfico 16).



Gráfico 16: Publicação na internet, visita in loco e órgão regulamentador (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira *“Tem sido muito divulgado nos aqui recebemos a informação sempre via e-mail, facebook nós temos conhecimento que tem sido muito bem divulgado e tem muitas atividades desde que se iniciou o projeto e acho que nesse aspecto está muito bem divulgado”*; Ana Nunes *“Eu acho que essa campanha mudou a forma da cidade ser vista e ver... não só internamente na instituição, mas como todo o município da Amadora,*

essa campanha conseguiu ter uma projeção através dos meios de comunicação que utilizou uma projeção de um trabalho efetivo que foi realizado pela proteção civil e com as instituições”; Filipa Oliveira “Sim, tenho conhecimento da campanha na internet”; Marco Pereira “Vejo como positiva e também tem outra imagem de proteção civil... no tocar da campanha eu não sei se vocês no Brasil usam o termo “chancela”, neste caso ir buscar o seu a marca land das Nações Unidas e colares, isso, no trabalho que estás a desenvolver ajuda muito a qualificar e dar visibilidade e esse trabalho acho que foi feito, a certa da estratégia do Luís de ir buscar, o seu essa marca, das Nações Unidas por trás e isso tem dado um salto, e o que tem sido a proteção civil da Amadora e isso tem sido seguido por outros concelhos outros locais”; Natália Quaresma “Na avaliação é o que eu digo nós não temos muito acesso a isso, acho que os dados deveriam ser dados a conhecer, até para ser valorizado ainda mais o trabalho deles aqui, acho que a divulgação deveria ser feita, deveria ser referenciado todas as ações que são feitas, o público alvo que é atingindo, e associado a isso qual foi a avaliação que a campanha teve no nível da ONU, seja boa seja má deve ser dada a conhecer, mas eu acredito que seja boa e sim, deveria ser dada a conhecer e até para que outras cidades tivesse interesse em alavancar projetos como este também, vejo isso como uma promoção para a campanha. Acho que isso deveria ser descortinado”; Adriana Ramos “Tudo aquilo que nos é chego através da proteção civil, temos a comissão social da junta de freguesia e cobre ação social em todas as áreas, e sempre que nos chega, nós remetemos aos parceiros para tomarem conhecimento tudo o que foi feito tudo o que vai ser feito independentemente daquilo que nos chega e há a preocupação de buscar no facebook ou site da câmara e partilhar no site da junta de freguesia”; Daniela Santos “O relatório que é distribuído anualmente, que traz as alterações que anualmente são feitas”; Susana Fernandes “Tenho conhecimento daquilo que se tem feito”; Maria Alves “Sim”; Patrícia Matos “Tem uma página no facebook, separadas que são os serviços municipais e acaba por ser uma ferramenta importante na divulgação das ações e dos objetivos da campanha, eu acho que hoje em dia ter esse acesso ao facebook é positiva a campanha também tem optado por essa ferramenta e também me parece bem...acho importante esses novos meios de comunicação, como já disse se temos dificuldades em chegar a grande maioria das pessoas está é uma ferramenta importantíssima, em termos de avaliação ela é positiva na minha perspectiva”; Alexandra Pires “Sim, as vezes eles divulgam também, ações onde fazem, portanto estão abertas à

comunidade toda e podemos participar...Temos acesso a isso eles na proteção civil costumam enviar quando há alguma manifestação pública eles divulgam”; Hugo Soares “Tenho sempre que acompanhar e organizamos aqui como parte da campanha”.

b) A cidade da Amadora é considerada referência pela ONU na campanha das Cidades Resilientes. De acordo com os parceiros, essa informação chega até eles, não só por aquilo que eles veem e participam, como através de tudo que conseguem ter acesso e perceber (mais trabalho, maior número de faixa etária, grande número de parceiros associados), como as idas da proteção civil a congressos internacionais, ou a vinda de pesquisadores interessados em perceber a estratégia local (Gráfico 17).

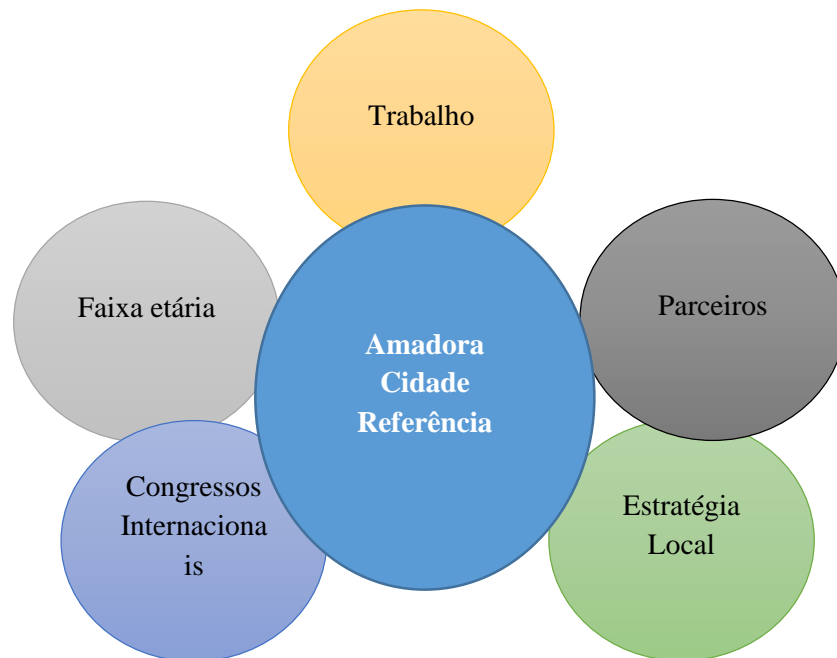


Gráfico 17: Amadora cidade referência (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “*Sim em uma conferência foi nos falado que Amadora tá sim a ser referência nessa matéria*”; Ana Nunes “*Sim*”; Filipa Oliveira “*Tenho pena que ironicamente mesmo internacionalmente tem mais conhecimento do que dentro do concelho acho que aqui dentro há muitos que ainda não sabem, mas sim tem tido um trabalho feito, mas reconhecido fora, não consigo perceber, talvez só mesmo quando as coisas acontecem de fato, se calhar a ação ainda não é valorizada como deveria*”; Marco Pereira “*Sim, sem dúvida, estou a pensar do que o Luís tem recebido do exterior e acho que a olhar para isso e a quantidade que o Luís tem ido lá fora, significa, que estão satisfeitas com aquilo que tem*

feito a proteção civil, a ideia é tem sido um trabalho extraordinários que quem não conhece pode ser parcial”; Natália Quaresma *“Para mim Amadora é cidade referência no que diz respeito a resiliência na área metropolitana de Lisboa não há outra Lisboa concelho começou mais neste ano e ano passado a trabalhar mais afincadamente na prevenção, mas foi por tudo que viram e vieram ver aqui na Amadora... sem dúvida Amadora é uma referência neste sentido e se quisermos estudar ter um cashstand para se falar em cidades resilientes tem que se falar na Amadora, porque Amadora tem feito mais trabalho tem atingindo mais faixas etárias e público algo é onde existe mais parceiros associados a campanha e é sem dúvida quem tem mais dinâmica associada neste sentido faz mais ações mensalmente estão a fazer qualquer coisa e portanto para mim, é uma cidade referência no que diz respeito a resiliência acho que tem trabalhado bem não tenho dúvida disso mesmo”*; Adriana Ramos *“Sim, a cidade da Amadora é referência, onde tivemos recentemente uma pesquisadora Australiana e em comparação com uma cidade Italiana, Amadora estava bem acima dos métodos e das formas de atuação, a pesquisadora dizia vocês estão em outro patamar e realmente é uma cidade referência é bom ouvir isso e que os outros tem essa percepção que é uma cidade referência, para quem tá na Amadora para os parceiros ou para os próprios munícipe é um orgulho, que seja um concelho pequeno em termos, mas que realmente é visto lá fora como cidade referência”*; Daniela Santos *“Tenho conhecimento no sentido que já não é a primeira vez que vem pessoas de fora para ter experiência do se tem feito na Amadora”*; Susana Fernandes *“Fico orgulhosa, não de fazer parte diretamente, mas de nós termos representantes e fico muito orgulhosa de termos a projeção que está a ter”*; Maria Alves *“Sim, claro que sim, a câmara e aos próprios Amadorenses é um ótimo pretexto para olharem para a cidade de multiforme”*; Patrícia Matos *“Sim, eu acho que sim, lá está porque foi fácil perceber que até porque como disse o fato de alguma maneira de a cidade ter sido quase convidada a participar, já denota a mim, que seria de alguma maneira um território ideal, para testar a campanha se e alguma maneira era algo que poderia se alargar”*; Alexandra Pires *“Eu acho que sim”*; Hugo Soares *“Sim, naturalmente que é um orgulho, não quero fechar muito, mas Amadora é pioneira no projeto e com o avanço sabes que conseguiu estar à frente de não sei quantas cidades, isso é um passo muito grande num projeto que começou em 2010 com tudo o que se fez e que continua a fazer, acho que isto é um projeto que nos deixa todos orgulhosos do que se tem feito e que muitas das vezes tem um bom aproveitamento político também”*.

c) A avaliação da eficácia foi tida como uma mais valia tanto em nível de conhecimento interno, quanto em nível monetário (Gráfico 18).



Gráfico 18: Avaliação da eficácia (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira *“A nível interno e naquilo que tenho conhecimento direto posso lhe dizer que para nós foi de muito mais valia, em nível da campanha não conseguiríamos chegar até aqui, ou teríamos que ter recorrido a uma empresa particular e ter pago milhões de euros para conseguir, porque quase tudo foi feito por nós internamente, a única coisa que recorremos a particular foi o projeto de arquitetura, tivemos que fazer alterações no projeto de arquitetura, e o restante foi nos internamente que criamos o nosso plano de emergência interno, logo quando recebi o convite vi que era a nossa oportunidade de começarmos a trabalhar nesse sentido”*; Maria Alves *“Sim é uma mais valia”*.

d) Quanto ao prestígio à Câmara, foi confirmado pelos entrevistados. A ousadia dos serviços da CM terem abraçado a ideia, que é considerada um trabalho piloto em nível nacional, foi importante para a mais-valia e o orgulho, como algo também de natureza política (Gráfico 19).

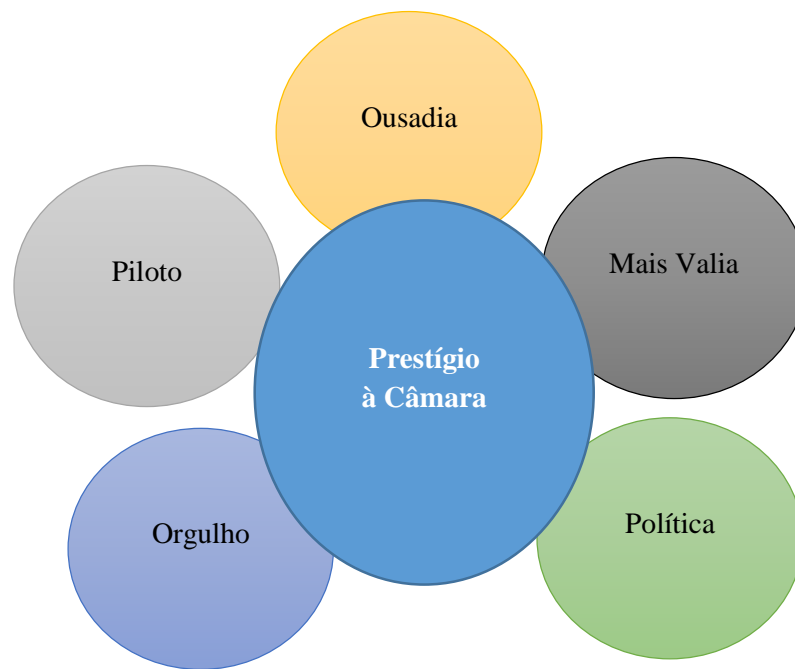


Gráfico 19: Prestígio à câmara (Fonte: Elaboração própria)

Ana Nunes “Sem dúvida, Amadora tem, a CM de Amadora... vê-se a Amadora com outros olhos como uma cidade moderna que pensa no melhor para todos os cidadãos que vivem nesta cidade, é o reconhecimento que acho que é muito importante”; Marco Pereira “Sim, eu juro que Amadora, foi a primeira a concorrer... ter um símbolo com as Nações Unidas e julgo que tem esse erro que isso é importante para o município precisávamos de ousadia e houve ousadia dos serviços de proteção civil da Amadora, em fazer tudo”; Natália Quaresma “Considero dá imensa visibilidade à câmara, a câmara da Amadora, nem que seja pela representação que tenha a nível internacional, sem dúvida a campanha é um fator de prestígio e deveria ser um fator de orgulho para a câmara da Amadora... fato de ser piloto dá outro reconhecimento leva o nome da Amadora, para outros sítios e sim é um fator de prestígio”; Adriana Ramos “Sem dúvida nenhuma, sendo que neste caso toda a equipa da proteção civil a nível desta campanha tem feito um trabalho excepcional, onde trazem comitiva de fora para observar o nosso trabalho”; Daniela Santos “Sim é uma mais valia o trabalho que se tem feito. Claramente eu acredito neste trabalho e faz jus aquilo que fazemos como técnicos, e acho positivo fazer valer as mais valias que tem”; Susana Fernandes “Sim, será com certeza um dos projetos que a senhora Presidente da Câmara deve ter muito

orgulho”; Patrícia Matos “*Sim, o fato de alguma maneira de a cidade ter sido quase convidada a participar, já denota a mim, que seria de alguma maneira um território ideal, para testar a campanha se e alguma maneira era algo que poderia se alargar... traz prestígio é uma área tão importante a segurança das pessoas é de sua proteção*”; Alexandra Pires “*Com certeza*”; Hugo Soares “*Sim, como digo e repito isto é perfeitamente político que esta é a natureza política também aproveitar os espaços, mas sim, leva o nome da câmara em si, leva o nome de quem tá a gerir a câmara na altura*”

e) A estrutura, com outros órgãos, acontece dentro do âmbito da rede social por parte de algumas das instituições, como aquelas que não têm qualquer articulação com outros órgãos (Gráfico 20).

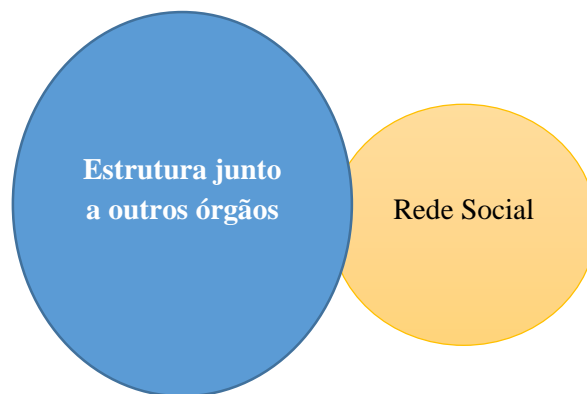


Gráfico 20: Estrutura junto a outros órgãos. (Fonte: Elaboração própria)

Ana Nunes “*É uma Instituição que está com meios próprios da rede, para poder participar de projeto, para poder dar respostas, está envolvida na comunidade com a rede social, para poder dar resposta a população da Amadora*”; Filipa Oliveira “*Sim, temos com a CM da Amadora, os apoios com algumas instituições da Cais, reformadas da Barca, reformados dos Poços, alguns com projetos mais pontuais outros com prazos mais alargados*”; Daniela Santos “*Não temos qualquer articulação com os outros órgãos*”.

f) Verificam-se dois vieses quanto à estratégia e ao impacto na gestão do risco para os parceiros da campanha. Um é aquilo que se tem proposto aos parceiros tem sido realizado como a mais valia da campanha em propor programas e planos, por outro lado os mesmos não conseguem perceber a participação no nível estrutural da gestão do risco (Gráfico 21).



Gráfico 21: Estratégia e impacto na gestão do risco (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira *“A preocupação e sempre foi nos pontos a par do que seria feito. Temos colaborado naquilo que nos é proposto, a nível estrutural não temos participação”*; Natália Quaresma *“Eu sei que a campanha tem feito programa de mitigação, programa de resposta e emergência, eu acho que todos esses programas se forem lidos e operacionalizados... é sempre uma mais valia, e eles têm trabalhado tem o plano de contingência, plano de vagas de frio, é um plano importante para utilizarmos numa situação dessas, ou seja, toda ajuda é boa seja em capital humano, portanto acho que até neste sentido eles tem feito qualquer coisa, sim”*; Susana Fernandes *“O que se faz no nível da prevenção é que não venha a ser perigo, para que não seja ativado o perigo este é o nosso objetivo”*.

g) Especificamente sobre a comunicação, foi reportada a questão dos meios de comunicação e divulgação da Campanha Amadora Cidade Resiliente, que acontece por meio de redes sociais como o *Facebook*, de páginas do município e por meios internos nas escolas. A Câmara possui ainda uma tv, a TV Amadora, em que por meio de um site é divulgado todo tipo de informação de dentro do concelho. A falha na estratégia de comunicação é que acaba por haver pouca divulgação da campanha e é quando se verifica o desconhecimento de Amadora como cidade resiliente por parte da população (Gráfico 22).

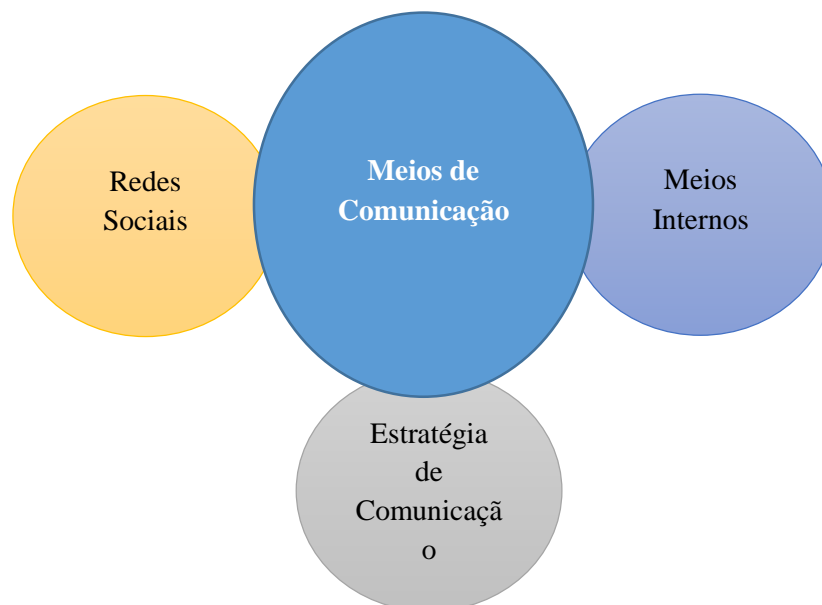


Gráfico 22: Meios de comunicação (Fonte: Elaboração própria)

Susana Fernandes “Internet, as páginas do município, as plataformas também, o gabinete de relações públicas também que dar certa visibilidade a projeto, e acho que tem feito um trabalho muito bom neste sentido. Além do passa-palavra entre as entidades e as pessoas”; Maria Alves “A proteção civil se enquadra numa estrutura que se chama CM da Amadora e as estruturas camerárias... tem o próprio sistema de comunicação interna e externa... essa informação existe nas redes social, para quem segue, no facebook, nas redes sociais que estão disponíveis da Amadora Resiliente...das cidade resilientes acho que deveria ser mais bem aproveitado, porque eu continuo a dizer se fosse ali ao lado, a malta do café não sabe de certeza e é a malta que vê a SIC a RTP, eu quando falo da comunicação o problema da comunicação não é só daqui, falo que é o sítio que eu conheço, mas a questão de uma estratégia de comunicação é uma questão de mentalidade”; Patrícia Matos “Não sei por que quando fizemos campanha sabemos onde ela acaba muitas das vezes... estava a pensar aqui no sms de criar uma rede que saia um sms, automaticamente numa base de dados que seja criada, ou pode ser criada pelos parceiros, no sentido de divulgar ações da campanha porque aí chega a população, eu tenho 22.800 habitantes, se calhar aqueles que são utentes da junta são para aí 2 mil 3 mil não são mais”; Alexandra Pires “Aqui na escola tá a funcionar, geralmente tem os seus próprios veículos de comunicação... a escola fica toda coberta por essas divulgações e essas motivações”; Hugo Soares “Tanto está campanha como a área que ela se dirigir da proteção civil não é uma área de grande

prestígio... com o interesse que este projeto tem deveria ter uma divulgação diferente que infelizmente não tem... há muitos trabalhos para fazer a câmara enviar isto para outros meios de comunicação e isso tem custos e como além dos custos não trazem mais nada é só os que tem aqui na Amadora, tivemos jornais e etc e pela questão da crise acabou.

h) Os prazos de operacionalização têm sido cumpridos mediante um relatório anual feito pela equipa da campanha local, o Relatório de Avaliação (Gráfico 23).

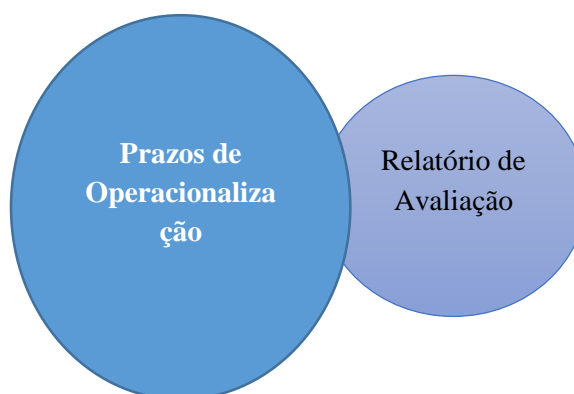


Gráfico 23: Prazos de operacionalização (Fonte: Elaboração própria)

Natália Quaresma *“Todos os anos a campanha apresenta um relatório, e basta pegar no relatório e ver que eles têm cumprido os objetivos, a alcance como em termos de prazos existe cumprimento é feito um calendário anual e eles têm cumprido, os parceiros tem o calendário sabem o que deve se fazer e quando os prazos são cumpridos, acho que sim e até os objetivos a campanha todos os anos tem alcançado mais público alvo”.*

3.4.5 Desafios

a) No que concerne às mudanças recentes, destacam-se pontos como a criação dos planos no âmbito das instituições parceiras. Mesmo a parceria referenciada como o caminho da campanha, as novas ferramentas de aprendizagem dadas pelos técnicos da proteção civil às instituições, como os simulacros; nas escolas, sensibilização e motivação, para alunos e professores (Gráfico 24).

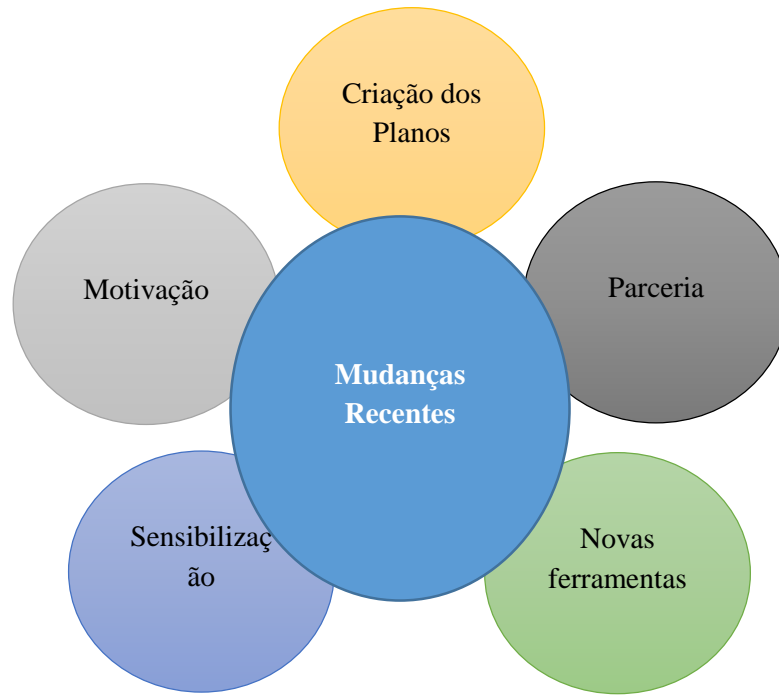


Gráfico 24: Mudanças recentes (Fonte: Elaboração própria)

Glória Moreira “Internamente nós temos ainda muito caminho a percorrer temos esse planos de emergência para incêndios e vejo que temos que melhorar, e vejo que precisamos fazer o para inundações, por exemplo, prever os horários que não estão cobertos no plano de emergência e quando não está ninguém responsável”; Ana Nunes “Ainda está a ser feito o plano de emergência de evacuação, foi a realização de simulacros internos, nos, portanto com os instrumentos que deixou através da planificação, poder realizar simulacros internos.. isto foi uma ferramenta que nos ficou e vai permitir estar sempre a pensar e voltar aos exercícios que são todos imprescindíveis numa instituição com essa dimensão”; Adriana Ramos “Tem feito vários simulacros tanto em nível do socorro ou dos sinistrados, tudo ajuda para que as pessoas percebam o que se fazer nunca situação dessas o que é correto para dar uma resposta da melhor forma possível”; Daniela Santos “ Já tínhamos essa metodologia, o território e avaliação das atividades”; Susana Fernandes “Uma das coisas que mais acho fantástico é a parceria e eu sei também, que a campanha visa sempre esse caminho, que é trabalhar com os parceiros”; Alexandra Pires “Eu acho que a sensibilização com o problema dos riscos e que tem muito a ver com os problemas ambientais... a nossa escola sempre teve um grupo elevado de pessoas que estavam motivados para isto, portanto não tenho sentido tanta mudança porque eu acho que isso tem

sido um processo contínuo... mesmo as classes dos professores estão motivados para esses tipos de ações voluntários para ensiná-lo a prevenir, ou como atuar”.

b) A programação futura será a continuação das ações e simulacros dentro e fora das instituições. Foi pontuado por um dos parceiros a necessidade de criar unidades locais de proteção civil, bancos de voluntariados e fazer com que o projeto seja mais operacional, divulgado para outro público, como empresas (Gráfico 25).

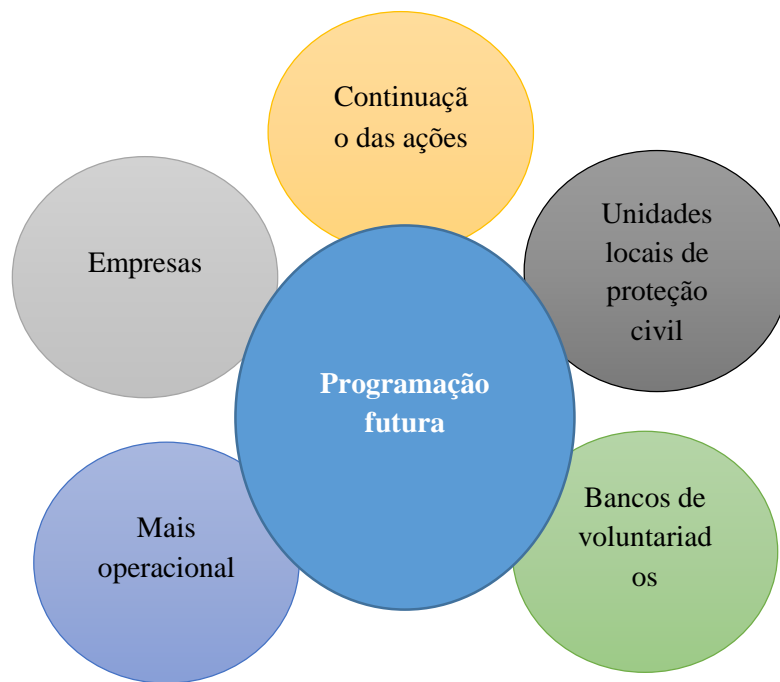


Gráfico 25: Programação futura (Fonte: Elaboração própria)

Ana Nunes *“Somos participantes ativos em todas as ações que são realizadas, este ano vai haver várias ações no âmbito da campanha, e que nós vamos participar fora da instituição com outros parceiros... vamos participar não só com os técnicos como outros utentes, outros parceiros e fora da instituição”*; Natália Quaresma *“Para já acho que deveria se criar localmente as Unidade Locais de Proteção Civil, nas juntas de freguesias... acho que seria importante criar mais bancos de voluntariado com o apoio de entidades oficiais de uma junta de freguesia... acho importante ter estratégia, se bem que é muito difícil, chegar principalmente aqueles miúdos que vivem em comunidades de riscos... continuar com o trabalho que tem sido feito talvez tentar fazer coisas mais práticas mais operacionais testar planos... o desafio é continuar a fazer com os meios que tão curtos que*

se tem tipo, no fundo isso já é um desafio, portanto é continuar a fazer as atividades técnicas operações dar as pessoas o que fazer aqui dentro para as pessoas terem... campanha de divulgação tentar chegar a outro tipo de público tentar chegar mesmo em empresas, não com o caris formativo, mas com o caris de sensibilização, abordar as pessoas”; Adriana Ramos “Simulacros”; Patrícia Matos “No fundo continuar a trabalhar com essa população e com a população escolar parece muito importante, já percebemos que são muitas das vezes os mais jovens que conseguem de fato formarem opinião... eu acredito que a campanha deverá continuar a apostar nesse público parece, que é o futuro e no fundo para mudar mentalidades, para mudar comportamentos... pelas crianças... é sempre um caminho mais seguro e mais certo para qualquer mudança de comportamento a longo prazo”; Alexandra Pires “Agora eu vou ver se consigo trabalhar com essa turma(saída de campo as zonas de inundação do concelho),... estava a pensar que pudessem fazer a divulgação a outros colegas, incentivar aos colegas o quer que viram algumas imagens e tentar sensibilizar os outros”; Hugo Soares “Não tenho ideia”.

c) Amadora comunidade resiliente a desastres; a ideia é a de continuidade do trabalho que tem sido realizado, como forma de buscar a resiliência da comunidade no futuro em caso de catástrofe, além desse trabalho ter sido feito em determinados nichos da população (Gráfico 26).



Gráfico 26: Comunidade resiliente à desastre (Fonte: Elaboração própria)

Ana Nunes “Se nós neste equipamento com o número de utentes que temos, com a formação que tiveram, e como tinha dito eles estarem aqui e se sentirem protegido, nesta instituição, na rua em suas casas, em diferentes estabelecimentos de saúde, o generalizar se pensarmos”; Natália Quaresma “Eu acredito que se continuar a ser feito com a mesma

seriedade que vem sendo feita e se continuarmos a fazer as ações junto à população estamos sem dúvida a criar uma comunidade mais bem preparada para situações de acidentes graves ou catástrofes”; Adriana Ramos *“As crianças é uma aposta ganha, o que fazem nas escolas eles trazem muita coisa para casa...isso não quer dizer que não temos que fazer ações para outros calões etárias, mas são dos novos”*; Daniela Santos *“Acho que estamos a trabalhar para a resiliência, acho que a resiliência se conquista durante algum em tempo mais alargado, portanto eu duvido que já tenhamos uma comunidade resiliente”*; Susana Fernandes *“Eu acho que vai sendo este é o nosso objetivo, vai evoluindo pouco a pouco”*; Patrícia Matos *“Mais resilientes estar julgo eu, há aqui alguns nichos, de população que lá estar disseminadores desse tipo de informação... essa sociedade de informação vai de alguma maneira alertando as mentes, vai deixando sobre aviso alguns mais interessados outros nem tanto, mas acho que sim, que estamos mais resilientes, com o trabalho que estar a decorrer”*; Alexandra Pires *“Muito sinceramente, na nossa comunidade escolar, eu não sei se em alguma situação de risco eles estão de fato preparados... isso não é fácil e acho que nenhum país estar preparado e nenhuma cidade estar preparada”*; Hugo Soares *“A população comum não está a saber de fato, os miúdos essa formação informação nas escolas primárias eles conseguem arrecadar muitas coisas eles tem muitas, os mais adultos já não”*.

d) Por último, e não menos importante, a contribuição para a campanha, diante dos desafios. É muito no sentido de continuar com o trabalho de forma ativa, interligada de modo a divulgar a campanha, encontrar pontos comuns com o trabalho feito, além de informar, formar e transmitir. De fato, há uma motivação em continuar com a campanha (Gráfico 27).

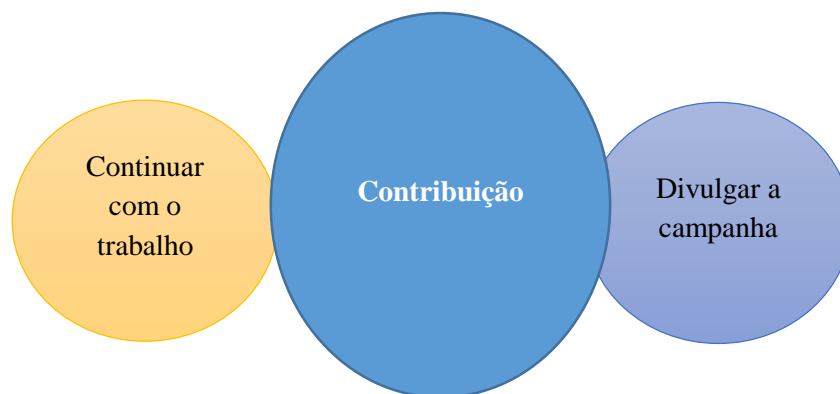


Gráfico 27: Contribuição (Fonte: Elaboração própria)

Adriana Ramos “*A contribuição é em sermos parceiros e aquilo que não tem muita lógica é no nível dos parceiros há mais articulações que as pessoas que trabalham na câmara. E tem pessoas que trabalham aqui que estão aptos para desenvolverem o trabalho e sem ser remunerados é a contribuição*”; Daniela Santos “*Compreendemos em algumas áreas o trabalho em parcerias e nos interligamos em uma situação de bem comum, por isso é que se calhar é normal estamos em consonância, apesar de que o foco deste serviço ser a educação ambiental, e se calhar ter uma consciência de forma global*”; Susana Fernandes “*É nos mantermos ativos e dinamizar ações em conjuntos fazer cada vez mais ações estamos atentos, prevenir os riscos e situações de perigo em nossos locais de trabalho, passagem e intervenção é por aí*”; Maria Alves “*Bem, nós atualmente fazemos o nosso papel de estar presente nas ações da campanha e divulga-las, nós nessa questão das cidades resilientes da comunicação do programa é estar presente nas iniciativas in loco e ver que de forma afeta e dar a conhecer... o que acontece é que falta uma estratégia de comunicação, os desafios talvez sejam estes tentar encontrar pontos com o próprio trabalho que se tem feito pela proteção civil de proteção civil e trabalhar em conjunto com a comunicação, ou seja, um trabalho que poderá ser feito só em nível de conhecer a campanha*”; Alexandra Pires “*Para aquilo que temos feito para além de pedir ajuda é participar nas atividades e falar da importância das pessoas envolvidas, nessas atividades da proteção civil... neste sentido e na divulgação e na sensibilização*”; Hugo Soares “*Nossa contribuição é total é presencial naturalmente a nível monetário não podemos devida aquela questão, estamos presentes quando somos requisitados pela proteção civil para estar em qualquer evento que seja necessário, informar, formar e transmitir o que for é aquilo que conseguimos contribuir*”.

3.5. Alguns dados relevantes

As ferramentas usadas na campanha são a redes sociais (*Facebook* e *Youtube*). Têm possibilitado a promoção e informação de conteúdo para todos no município. Há alguns dados interessantes a considerar a este respeito, relativamente à informação do *Facebook*: das pessoas que curtem a página, um total de 2.159 pessoas, 51% são mulheres (38% tem entre 25-54) e 48% homens (36% tem entre 25-54). Essa informação é interessante, partindo do princípio de que a população adulta é quem mais curte/gosta da página.

Outro ponto curioso e que não deixa de ser um desafio, é o orçamento atribuído pela CM para a campanha, o orçamento é de 2000 euros anuais, distribuído para a organização de iniciativas e a impressão de flyers.

3.6. Recomendações

Diante do estudo que desenvolvemos *in loco*, pode-se perceber que os objetivos da campanha no município da Amadora podem ser atingidos de forma mais eficaz com uma reestruturação em termos de realocação de recursos humanos. Tal linha de raciocínio é corroborada pelas informações colhidas, tanto de publicações oficiais e entrevistas, quanto, muitas vezes, de conversas informais (como em cafés, almoços, ou até mesmo entre uma deslocação e outra), a partir das quais conseguimos tirar algumas considerações a fazer notar, o que passa com o que foi descortinado.

Percebe-se que o trabalho e ações ficam geralmente a cargo de determinados grupos de pessoas, em detrimento de outras que também fazem parte da campanha.

No Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, foi criado um projeto pela prefeitura, o Rio+Social, como forma de passo para o futuro que integra de 2016-2030. Esse projeto foi uma forma da prefeitura chegar às comunidades mais vulneráveis. A coordenação e a integração das ações nesses territórios se dão por meio de pontos focais, pactos em cinco grandes segmentos, dos quais falaremos sobre adiante.

Dessa forma, como recomendação e visando uma maior e melhor preparação e organização do projeto da campanha na Amadora, seguindo o norteamento do projeto do Rio+Social e com base no que a campanha dispõe de atores/stakeholders até o atual momento, foram organizados os seguintes segmentos do pacto:

1. O público é responsável pelo planejamento e coordenação das ações públicas. Equipe da Campanha Local/ Entidades Públicas.

Serviço Municipal de Proteção Civil da CM da Amadora; serviço de prevenção, higiene e segurança no trabalho da CM-Amadora; divisão de gestão urbanística da CM da Amadora. Tv Amadora.

2. Privado é responsável pelo aporte e investimento de recursos e serviços tais como os de capacitação. Entidades Acadêmicas e Escolares Privadas/ Entidades Privadas.

Centro de estudos do território, cultura e desenvolvimento – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Escola profissional Gustave Eiffel; centro comercial Dolce Vita Tejo; FARCOL Santa Casa de misericórdia; as juntas de freguesias, que são Falagueira e Venda Nova; Vendeira e Águas Livres.

3. A população é responsável pelo planeamento participativo, pelas ações voluntárias e de filantropia. Organismos de apoio/ Associações/ População Escolar.

Cruz vermelha portuguesa – delegação local da Amadora; autoridade para as condições de trabalho; SIMAS – Oeiras e Amadora; Associação Zambujal Melhora; Associação AURPIF; Secretariado diocesano de Lisboa da obra nacional da pastoral dos ciganos; SFRAA – quinta de São Miguel; Centro cultural e paroquial de São Brás; CERCIAMA; Cooperativa – Espaço caminho Zambujal; Centro cultural Roque Gameiro; Associação AURPIB; Associação cultural Moinhos da juventude; Associação aproximar; Associação Recomeço; Associação AURPID; equipa comunitária de resposta à emergência; Escola básica 2+3 Miguel Torga; Escola secundária Fernando Namora.

4. Setor é responsável pela operacionalização e execução de projetos. Serviços Municipais/Agentes da Proteção Civil.

Departamento de educação e desenvolvimento sociocultural da CM da Amadora; Departamento de ambiente e serviços urbanos da CM da Amadora; Gabinete de Imprensa e Relações Públicas da CM da Amadora; Serviço de Polícia Municipal da CM da Amadora; Divisão de Informação Geográfica da CM da Amadora; Comando Distrital de Operações de Socorro de Lisboa; Bombeiros voluntários da Amadora; Polícia de segurança pública – Amadora; ACES – Unidade local de saúde.

5. A academia, responsável pelo monitoramento, desenvolvimento de metodologias, indicadores, avaliação de impacto, desenvolvimento de estudos e capacitações técnico-científicas. Entidades Acadêmicas.

Universidade nova de Lisboa – faculdade de ciências sociais e humanas; Centro de estudos do território, cultura e desenvolvimento – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Algo que foi falado (principalmente entre os stakeholders) e que se pretende com essa recomendação é a continuação do trabalho em parceria, essa grande rede, que é o que se tem, afinal, será capaz de continuar unida, com uma maior integração em prol da resiliência. A referência aqui, para o caso da Amadora, é na verdade uma estratégia de continuação e maior comprometimento, firmar protocolos dos atores da resiliência local, delegar ainda mais funções.

Considerações finais

Primeiramente, em tom pessoal, posso dizer que, com o término de todo esse trabalho de entrevistas, visitas *in loco*, saí com conhecimentos não só adquiridos acerca de um tema, como válidos para toda uma vida. Particularmente, aventurei-me em um lugar desconhecido, não tendo tido nenhum contato anteriormente com o meu objeto de estudo.

O desafio e interesse desde o primeiro momento, quando se falava e se fala, do que de fato é a Amadora, como a cidade é vista dentro de seu país, um lugar perigoso e inseguro, confesso que, estatisticamente, isso pode ser real de fato. Entretanto, como brasileira, não me senti em perigo, ou, pelo menos, não me causou nenhum medo ou receio, mesmo quando tive de ir sozinha caminhando pela cidade.

Agora, no tom formal e convencional que optei por utilizar neste trabalho, suas considerações. Procura-se sintetizar aqui a questão investigativa desta dissertação, como as subquestões, além de constatar as hipóteses confirmadas e assentar algumas novas interrogações.

A questão investigativa central é: como a cidade da Amadora cumpre os critérios da UNISDR? E quais os impactos na gestão do risco? Para essas questões, pensadas durante todo o desenvolvimento do trabalho, quando se fala em resiliências e nos critérios para ser uma cidade resiliente, como forma de sintetizar, a autora desta pesquisa apoia-se na seguinte afirmação proveniente de uma entrevista, “A Campanha Amadora Resiliente é, ela própria, autor da resiliência”.

Levando em conta que antes de aderir à campanha da ONU, no município, em termos de redução de riscos de desastres, não havia de fato um trabalho sendo realizado, um modo de fazer é considerar que a campanha veio como um norteador de ideias. As indagações do parágrafo anterior foram respondidas ao longo desta dissertação ao procurar entender como eles entraram na campanha, como se organizaram como instituição, as ações que vêm sendo feitas, os simulacros, os workshops, a participação em congressos, a realização dos mesmos dentro do município, a partilha de informação.

A primeira subquestão é acerca da equipa e dos stakeholders-parceiros, por que não atingem por completo a comunidade? Tem como resposta, diante mesmo das entrevistas realizadas, que existe uma falta de comunicação. Por um lado, a falta de

recurso financeiro para que a informação chegue a toda comunidade. Por outro, não se pode negar a ausência de interesse da própria comunidade – ou porque não se depararam com situações de risco, ou mesmo por falta de educação e cultura do risco.

Outra questão é sobre a população local. Em geral, está constituída de adultos, mas também há uma parcela de sénior e crianças. Quem são os stakeholders? Os parceiros da campanha. A campanha como próprio autor da resiliência é observada também pelo modo pelos quais os parceiros aderiram à campanha, com convites dos membros da proteção civil, nas apresentações em que foi mostrado no que consiste a campanha e, principalmente, quais eram os benefícios caso concordassem.

Muitos dos parceiros falaram sobre a mais-valia, pertencer à campanha desde a formação, a ajuda na conclusão dos planos de emergência, em que não seria então necessário contratar técnicos e pagá-los, já que os técnicos da proteção civil têm todo o conhecimento. Com isso, também conseguimos responder à outra interrogação: será que os stakeholders conseguem perceber a estratégia da campanha local? É certo que sim, para aqueles que estão de fato envolvidos na iniciativa que participam, mesmo que falhem no conhecimento da campanha da ONU pormenorizada (as ferramentas, as certificações internacionais), conhecem os objetivos da campanha local.

Até que ponto os stakeholders contribuem ou não com o orçamento para a RRD? Primeiramente, nunca se ouviu tanto a frase “não temos dinheiro”, “o Estado não tem dinheiro”. Uma constatação é o fato de terem até então para a campanha um orçamento de 2000 euros anuais. Quando se ouve que não se tem dinheiro é porque não se tem de fato, cumprem o planejamento com o que tem nos termos da Lei.

Para os planos, o que se deve ter nas suas respectivas instalações para salvaguardar a segurança, como os extintores contra incêndios e não muito mais, foram bem categóricos em afirmar que não é de responsabilidade deles terem um orçamento, já que se faz um trabalho de “voluntariado”. Apenas um parceiro prontificou-se em todo o caso, havendo uma comunicação prévia por parte da proteção civil da necessidade de algo (viatura, equipamento), e caso informassem à junta de freguesia, veriam o que seria possível fazer, sendo bem categóricos – que valor em numerário não entregariam – podendo, assim, comprar o objeto necessário.

A primeira hipótese parece se confirmar plenamente – a de que a Amadora (comunidade) não tem conhecimento de que é uma cidade resiliente. De fato, a comunidade adulta não tem conhecimento, tendo em vista que a campanha é recente e a

maioria das ações são voltadas às comunidades escolar e sénior, já que a familiaridade com questões da proteção civil é relativamente baixa. Até onde foi observado, por meio das ações, aquelas que ocorrem em espaços públicos obviamente são as que atraem uma maior participação da população adulta, por exemplo, no Dolce Vita Tejo.

Outro agravante que contribui para essa falta de conhecimento por parte da comunidade adulta é o fato de o material de informação não atingir esse público. Isso se dá pela falha na comunicação e nos próprios meios de comunicação, concentrando a divulgação da campanha apenas nas redes sociais. Tratando-se de uma ferramenta gratuita, está aí o porquê de utilizá-la, já que não se tem dinheiro. Outra fonte de informação é a TV local, que é a TV Amadora, online e cobre, por sua vez, ações relativas à campanha.

A respeito do prazo da campanha em si, o que se sabe é que o objetivo da campanha do UNISDR é preparar as cidades para a redução de catástrofes, contribuindo para que se tornem resilientes, de modo que as cidades não são. O que há é uma motivação a curto e longo prazo para que isso ocorra. Falar em prazo para a “operacionalização” dos passos da campanha, em que as pessoas não acompanham o tempo que tem a dedicar/perceber sobre a conscientização dos riscos, é complicado, um ponto para refletir. Partindo do pressuposto de que não foi realizado um inquérito à população, pela ideia dos parceiros que estão mais próximos, de fato, as pessoas não têm o conhecimento dos riscos, logo, não tem o porquê dedicar/perceber tempo a essa questão. Em ações na comunidade, existe alguma preocupação, por exemplo, quando foi feito o Suporte Básico de Vida, muitas pessoas fizeram o curso. Isso tem relação com a segurança deles próprios. Talvez para trabalhos futuros, esse seja um bom ponto de partida.

A segunda hipótese não se confirma em sua totalidade, ou poderia apenas ser reformulada, tomando o sentido positivo e não negativo. É fato que antes da campanha a cidade caminhava de forma não positiva quanto à gestão de risco e que, com a participação na campanha, começou a andar de outra forma. A validação de planos e os trabalhos técnicos provam que a dificuldade técnica foi ou está sendo ultrapassada. A questão curiosa do trabalho que vem sendo feito na Amadora é que, mesmo uma equipa de trabalho tão pequena, atualmente, composta por três pessoas, conseguem realizar um bom trabalho. Para essa questão propriamente, recomenda-se o ponto 3.6, pois se acredita, nesta pesquisa, que uma falha seja o trabalho estar até então centrado em torno de uma

equipe. A carência de recursos, para não repetir, é algo que precisa ser ultrapassado e talvez seja a maior dificuldade depois de chegar à população adulta.

A terceira hipótese se confirma plenamente, já que Amadora Cidade Resiliente está positivamente para o grupo da população: sénior, escolar. Sobre o primeiro grupo, os sénior, o trabalho que tem sido realizado por meio da academia sénior no âmbito da formação e informação do mesmo tem sido de muito mais-valia. Conta-se que, anteriormente, o grupo responsável pela formação ia aos centros ou lares de idosos, falar sobre as questões relativas à proteção civil. Os idosos não estavam voltados a isso, não havia sequer interesse em prestar atenção. Assim, pensaram em convidar aqueles sénior que demonstravam certo interesse ou mesmo alguma voz dentro das instituições das quais participavam e passar o conhecimento e formação e informação a eles. Estes contraíam o dever de passar o conhecimento adquiridos em seus respectivos espaços. A conclusão que se chega é que, hoje, muitos dessa população têm sim conhecimento que Amadora é cidade resiliente.

A população escolar também tem conhecimento. São realizadas ao longo do ano letivo várias ações de informação e sensibilização nas escolas, que são também parceiras na campanha. Foi possível participar de ações nas escolas e, mesmo com todas as questões que envolvem ser criança/adolescente, participam com vigor, por esse tipo de ação ser algo diferente do que estão acostumados a lidar na rotina escolar.

Ao abordar um tema como esse, levar uma *chancela* como os das nações unidas, está longe de ser uma tarefa fácil. Pelo contrário, colocam-se desafios diários, por exemplo, as enormes traduções de termos, que até então não eram nada acessíveis. Entretanto, com algum esforço e apoio, consegue-se ultrapassar alguns deles.

O trabalho teve uma lógica a princípio bem simples. Procurou-se construir uma sequência lógica de pensamento sobre a resiliência, voltada para a questão dos riscos de desastres. Fez-se uma abordagem acerca do que é resiliência, termo tão atual no sentido do seu uso, apesar de ser relativamente antigo (já que veio da física). Além da questão das cidades resilientes, tentou abordar uma categorização dos programas da UNISDR. Como o trabalho é voltado para as cidades resilientes, houve maior empenho e dedicação ao Making Cities Resilient, e ao projeto do Scorecard, onde a cidade da Amadora desenvolve-se na questão da resiliência a partir do primeiro.

Nesse ponto, quando se trata do referencial teórico, é de notar que além de não haver muitos autores que falem na resiliência voltada à área de risco, muitos acabam por

repetir o que outros afirmaram e a discussão sempre fica envolta nos mesmos pressupostos. Além disso, o trabalho em si aborda questões bem técnicas com base em princípios de bases da UNISDR.

Acredito, que para trabalhos futuros, as perspectivas entorno da resiliência será diferente, fazer um inquérito a população adulta, poderá de algum modo trazer novos olhares sobre a cidade da Amadora como Cidade Resiliente.

Referências Bibliográficas

Alexander, David (2011) “*Modelos de vulnerabilidade social a desastres*”. Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra. ISSN 0254-1106, N.º 93, 9-29.

Anna J. Schwab; Katherine, Eschelback; David J., Brower (2007) “*Hazard mitigation and preparedness: building resiliente communities*”. Hoboken: John Wiley & Sons. XXXII, 568 p.: il., mapas; 23 cm. Série Wiley Pathways, 17.

Autoridade Nacional de Proteção Civil (2015) “*Cidades Resilientes em Portugal*”. Plataforma Nacional para a Redução de Risco de Catástrofes.

Brandão, Juliana Mendanha; Mahfoud, Miguel Gianordoli; Nascimento, Ingrid Faria (2011) “A Construção do Conceito de Resiliência em Psicologia: discutindo as origens”. Belo Horizonte, MG. Editora: Paidéia maio-ago. 2011, Vol. 21, No. 49, 263-271

Carri (2013) “Definition of community resilience: an analysis”. Community and Regional Resilience Institute, 1-14.

Carvalho, Luis (2015) “The contribution of Making Cities Resilient Campaign in Disaster Risk Reduction in the Municipality of Amadora”. The “State of DRR at the Local Level” A 2015 Report on the Patterns of Disaster Risk Reduction Actions at Local Level.

Carvalho, Luis e Leitão, Nuno (2015) “The Importance of Schools in Disaster Risk Reduction. Encouraging results in the Municipality of Amadora | Portugal”. Prepared for the Global Assessment Report on Disaster Risk Reduction 2015.

Carvalho, Luís et al. (2013) “Risco, desastre e resiliência – um desafio para a cidade da Amadora”. Cidade: diversidade e adversidade. Eixo VI, 443.

CM-Amadora: “Mapas das juntas de freguesia” <http://www.cm-amadora.pt/juntas-de-freguesia>. Acesso em [maio de 2016].

Daveau, Suzanne (1985) “Mapas climáticos de Portugal: nevoeiro e nebulosidade: contrastes térmicos”. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 84 Memórias do Centro de Estudos Geográficos; 7.

Desouza e Flanery (2013) “Designing, planning, and managing resilient cities: A conceptual Framework”. *Cities* 35, 89–99.

Fonseca, Teresa Alexandra Amaro Lopes Cravo da (2010) *O Paradigma de planeamento de Emergência de Protecção Civil de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Dinâmicas Sociais Riscos Naturais e Tecnológicos. Universidade de Coimbra.

Ghiglione, Rodolphe; Matalon, Benjamin (1992) “O inquérito. Teoria e prática”. Oeiras: Celta Editora.

Gonçalves, Carlo Jorge (2014). “Resiliência, Sustentabilidade e Qualidade de Vida em Sistemas Urbanos. Efeitos da Crise (pós-2008) em Portugal e no Sistema Urbano do Oeste”. Lisboa, 2014.

IBM (2014) *Disaster Resilience Scorecard for Cities Based on the “Ten Essentials” defined by the United Nations International Strategy for Disaster Risk Reduction (UNISDR) for Making Cities Resilient. Documento de Trabalho Disaster Scorecard Resiliência das Cidades Com base nos “Dez Essentials ”* definidos pelo Estratégia Internacional das Nações Unidas para a Redução de Riscos de Desastres (UNISDR) para tornar as cidades resilientes.

IMP & AEMET (2011) *Atlas Climático Ibérico*. Produção do Instituto de Meteorologia de Portugal e Agencia Estatal de Meteorología de España,, 80.

IPMA (S/D) Mapa <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/> acesso em [23 de maio de 2016 as 17:07].

INE, (2011) Amadora XXI. População 2011. Câmara Municipal de Amadora. Divisão de Informação Geográfica.

Judy Burnside-Lawry Luis Carvalho (2015) Building local level engagement in disaster risk reduction: a Portuguese case study. Disaster Prevention and Management, Vol. 24 Iss 1, 80-99.

Judy Burnside-Lawry Luis Carvalho (2013) “Leadership at the local level Community participation in Municipality of Amadora/Portugal”. Prepared for the Global Assessment Report on Disaster Risk Reduction 2015.

Juliana Akie, Takahashi, Neide Bombeiro Filet, Sonia Maria Gardim, Yuka Saheki. (2014) “Guia prático para elaboração de dissertação, tese, monografia e projeto de pesquisa”. São Paulo, 2014.

Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade (1991) “ Fundamentos de Metodologia Científica”. São Paulo, SP. Editora: Atlas, 1991, 3ª Edição Revista e Ampliada.

Loba, Andre (S/D) <http://www.andredaloba.com/portfolio/on-thoughts-pensamientras/>

Luis. Carvalho, M. Farinha, C. Rocha, U. Carrasco, J. Fernandes, G. Sousa, S. Baptista, N. Leitão (2015) “A resiliência no domínio dos desastres naturais e tecnológicos à escala local: o caso do Município da Amadora”. X Congresso da Geografia Portuguesa Os Valores da Geografia. Lisboa.

Marandola JR, Eduardo e Hogan Joseph, Daniel (2004) “Natural Hazards: O Estudo Geográficos dos Riscos e Perigos”. Ambiente & Sociedade – Vol. VII nº. 2 jul./dez. 2004

Marengo, Jose A (2015), “Como as pesquisas das universidades podem ajudar na prevenção de desastres naturais? ” Caderno Adenauer XVI, 2, 39- 54, 39; 43

Mendes, J (1999) *Do Ressentimento ao Reconhecimento: Vozes, Identidades e Processos Políticos nos Açores (1974-1996)*. Tese de doutoramento em Sociologia. Universidade de Coimbra.

Mendes, J. (2015) “Sociologia do Risco”. Do Programa de Mestrado em Dinâmicas Sociais Riscos Naturais e Tecnológicos. Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Mendes, J. (2003) “ Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas ” Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Ministério da Integração Nacional (2010) “*Campanha Construindo Cidades Resilientes: Minha Cidade está se preparando*”. Tradução de: United Nations – International Strategy for Disaster Reduction.

Painel de Alto Nível do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global (2012) “Povos Resilientes, Planeta Resiliente: um Futuro Digno de Escolha”. Nova York: Nações Unidas.

Paton, Douglas; Johnston, David (2006) “Disaster resilience: na integrated approach”. Springfield, Illinois. USA; Charles C Thomas.

Pereira, Alexandre; Poupá, Carlos (2003) “ Como Escrever uma Tese, Monografia ou Livro Científico usando o Word”. Lisboa. Editora: Edições Sílabo, LDA, fevereiro de 2003, 1ª Edição.

Prefeitura do Rio de Janeiro: “Rio mais social” www.riomaisocial.org acesso em [maio de 2016]

Rocha Silva, Cristiane; Christo Gobbi, Beatriz; Adalgisa Simão, Ana (2005) “O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: Descrição e aplicação do método”. Lavras: Organizações Rurais & Agroindustriais, vol. 7, núm. 1, 2005, 70-81.

Serviço Municipal de Proteção Civil (2015) “Programa de Informação e Sensibilização para a Redução do Risco de Desastre do Município da Amadora 2015/2016”. Documento elaborado no âmbito da Campanha Local 2010-2015. “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente” Edição Julho/2015.

Serviço Municipal de Proteção Civil (2013) “Histórico de Ocorrências no Município da Amadora, 2000-2010/Normas Climatológicas da Amadora, 1915-2012”. Documento elaborado no âmbito da Campanha Local 2010-2015 “Sempre em Movimento, Amadora é Resiliente”. Edição 1ª/ Maio de 2013, 104

UNISDR (2012) “*Como Construir Cidades Mais Resilientes – Um Guia para Gestores Públicos Locais*”. Tradução de: “*How to Make Cities More Resilient – A Handbook for Mayors and Local Government Leaders*”. Genebra, Suíça: Escritório das Nações Unidas para Redução de Riscos de Desastres.

UNISDR (2015) 2016-2020: Priority for action. <https://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/home/about> acesso em [19 de maio de 2016 as 12:47]

UNISDR (2016) U-Score: Lessons learned from conducting self-assessments on disaster risk reduction at the local level in Europa. Editor: Stephen Boyle, https://www.preventionweb.net/files/49366_uscoreaccessiblepdf.pdf acesso em [julho de 2016]

Weichselgartner e Kelman (2014) “Geographies of resilience: Challenges and opportunities of a descriptive concept”. *Progress in Human Geography* 1–19. P. 1-5-7.

Lista de Anexos

Anexo1- Lista dos stakeholders local

Parceiros Campanha Amadora Resiliente	Entrevistas
Equipa da Campanha Local	
Serviço Municipal de Proteção Civil da Câmara Municipal da Amadora	
Serviço de Prevenção, Higiene e Segurança no Trabalho da Câmara Municipal da Amadora	
Divisão de Gestão Urbanística da Câmara Municipal da Amadora	
Serviços Municipais	
Departamento de Educação e Desenvolvimento Sociocultural da Câmara Municipal da Amadora	
Departamento de Ambiente e Serviços Urbanos da Câmara Municipal da Amadora	X
Gabinete de Imprensa e Relações Públicas da Câmara Municipal da Amadora	
Serviço de Polícia Municipal da Câmara Municipal da Amadora	
Divisão de Informação Geográfica da Câmara Municipal da Amadora	
Administração Local	
Junta de Freguesia da Encosta do Sol	
Junta de Freguesia da Falagueira-Venda Nova	X
Junta de Freguesia da Mina de Água	
Junta de Freguesia da Venteira	X
Junta de Freguesia das Águas Livres	X ²⁰
Junta de Freguesia de Alfragide	
Entidades Académicas/Escolares Públicas	
Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas	
Escola Básica 2+3 Miguel Torga	
Escola Secundária Fernando Namora	X
Entidades Académicas/Escolares Privadas	

²⁰ Acrescentada entrevista posteriormente.

Centro de Estudos do Território, Cultura e Desenvolvimento - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	X
Escola Profissional Gustave Eiffel	
Agentes de Proteção Civil	
Comando Distrital de Operações de Socorro de Lisboa	
Bombeiros Voluntários da Amadora	X
Polícia de Segurança Pública – Amadora	
ACES - Unidade Local de Saúde	X ²¹
Organismos de Apoio	
Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação Local da Amadora	X ²²
Autoridade para as Condições de Trabalho	
SIMAS - Oeiras e Amadora	
Entidades Públicas e Privadas	
TV Amadora	X
Centro Comercial Dolce Vita Tejo	
FARCOL	
Santa Casa da Misericórdia da Amadora	
Associações	
Associação Zambujal Melhora	
Associação AURPIF	
Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos	
SFRAA - Quinta de São Miguel	X
Centro Cultural e Paroquial de São Brás	X
CERCIAMA	
Cooperactiva - Espaço Caminho Zambujal	
Centro Cultural Roque Gameiro	
Associação AURPIB	
Associação Cultural Moinhos da Juventude	
Associação Aproximar	
Associação Recomeço	

²¹ Não entrevistado, fora do país.

²² Não entrevistado, demitido.

Associação AURPID	X
Equipa Comunitária de Resposta à Emergência	X

Anexo 2 – Guião de entrevistas aos stakeholders da campanha local

Tema: Cidades Resilientes e a Estratégia da UNISDR. O Caso da Amadora-Portugal, Cidade Referência

Objetivos:

- Analisar a evolução do Programa Cidades Resilientes na Amadora ao nível da gestão dos Riscos;
- Avaliar segundo as entrevistas com a equipa da Campanha Local e os Stakeholders-Parceiros se houveram mudanças perceptíveis de 2010 a 2015.

N.º DA ENTREVISTA	
DATA	
LOCAL	

Bom dia/boa tarde/boa noite, o meu nome é Ana Paula Soares Rocha e estou neste momento a fazer entrevistas para a minha dissertação de mestrado na Universidade de Coimbra.

A dissertação tem como objetivo analisar o programa da ONU Cidades Resilientes em Portugal, como caso de estudo a cidade da Amadora considerada cidade referência.

Informações

- Antes de mais gostaria de lhe dizer que os seus dados pessoais, nunca serão revelados nem registados. Esta entrevista será apenas identificada através de um n.º. Isto se assim pretender.
- Como esta entrevista será mais uma conversa do que uma entrevista queria pedir-lhe autorização para a podermos gravar, caso contrário, não vou conseguir registar em papel, tudo o que formos conversando.

Apresentação

- Falando um pouco sobre mim...
- Sou licenciada em Geografia, estou a tirar o mestrado em Dinâmicas Sociais Riscos Naturais e Tecnológicos 2014/2015.

- E o/a Sr. (ª) ... fale-me um pouco sobre si...

Caracterização do Entrevistado

- Nome
- Idade
- Naturalidade
- Nível de instrução/ Habilitações Académicas
- Percurso profissional
- Profissão atual/ Local onde desenvolve atividade/ Quanto tempo no serviço.

Origem

(História/ Conhecimento da campanha/ Início e participação/ Ligação com a comunidade da Amadora/ Relação com os riscos e desastres).

Fundamentos

(Objetivo da campanha/ Relação - entidades certificadoras/ Critérios de certificação).

Impactos

(Perspectiva de mudança antes e pós-campanha/ Mudança do scorecard a ferramenta de auto-avaliação/ Público alvo – Idosos - jovens/ Restante da comunidade/ Critérios, ações definidas e prioritárias/ Local das ações/ Atividade em concreto/ Contribuição efetiva na campanha “orçamento” / Atores da resiliência local).

Avaliação da campanha

(Publicação na internet/ Visita in loco/ Órgão regulamentador/ Amadora cidade referência/ Avaliação da eficácia/ Prestígio à câmara/ Estrutura junto a outros órgãos ex.: Ação Social.../ Estratégia e impacto na gestão do risco/ Meios de Comunicação/ Prazos de operacionalização).

Desafios

(Mudanças recentes/ Programação futura/ Comunidade resiliente a desastres/ Contribuição).

Agradecimentos

- Agradeço-lhe o tempo dispensado;
- A sua partilha engrandecerá com certeza o meu trabalho de investigação.